

Internacional Situacionista



APOLOGIA DA DERIVA
Escritos situacionistas sobre a cidade

Paola Berenstein Jacques *organização*

Copyright©2003 desta edição, Paola Berenstein Jacques e Casa da Palavra.
Copyright©2003 da tradução, Estela dos Santos Abreu.
Copyright©2003 do prefácio, Carlos Roberto Monteiro de Andrade.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação, contou com a ajuda do Ministério Francês das Relações Exteriores, da Embaixada da França no Brasil e da Maison de France no Rio de Janeiro.

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication, bénéficie du soutien du Ministère des Affaires Étrangères, de l'Ambassade de France au Brésil et de la Maison de France de Rio de Janeiro.



Organização e apresentação
Paola Berenstein Jacques

Tradução
Estela dos Santos Abreu

Projeto gráfico (baseado nos boletins originais)
Tiago Rodrigues de Castro

Capa
Tiago Rodrigues de Castro e Paola Berenstein Jacques

Produção editorial

CASA DA PALAVRA

Rua Joaquim Silva, 98, 4º andar, Lapa — Rio de Janeiro
cep 20241-110 editora@casadapalavra.com.br
www.casadapalavra.com.br



REGISTRO NA POSTE DO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Apologia da deriva : escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista;
Paola Berenstein Jacques, organização; Estela dos Santos Abreu, tradução. — Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
160 p., il.; 16 x 23 cm.

Inclui bibliografia
cnu 85-87220-60-8

1. Internationale Situationniste. 2. Arquitetura moderna - Europa - História - Século XX.
3. Urbanismo - Europa - História - Século XX. 4. Radicalismo - Europa - História - Século XX.
5. Vanguarda (estética) - Europa - História - Século XX.
I. Jacques, Paola Berenstein, 1968—. II. Internationale Situationniste.

cep 724.91
cnu 72.036

SUMÁRIO

- Prefácio *Carlos Roberto Monteiro de Andrade* 11
Apresentação *Paola Berenstein Jacques* 13
- Introdução a uma crítica da geografia urbana *Guy-Ernest Debord, 1955* 39
- Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional *Guy-Ernest Debord, 1957* 43
- Contribuição para uma definição situacionista de jogo *IS, 1958* 60
- Questões preliminares à construção de uma situação *IS, 1958* 62
- Definições *IS, 1958* 65
- Formulário para um novo urbanismo *Gilles Ivain, 1958 [1953]* 67
- Teses sobre a revolução cultural *Guy-Ernest Debord, 1958* 72
- Os situacionistas e a automatização *Asger Jorn, 1958* 74
- Veneza venceu Ralph Rumney *IS, 1958* 78
- Esboço de descrição psicogeográfica do Les Halles de Paris
Abdelhafid Khatib, 1958 79
- Questionário *IS, 1958* 85
- Teoria da deriva *Guy-Ernest Debord, 1958 [1956]* 87
- A propósito de nossos meios de ação e perspectivas *Constant, 1958* 92
- A declaração de Amsterdã *Constant e Guy-Ernest Debord, 1958* 95
- Correções para a adoção dos onze pontos de Amsterdã *IS, 1959* 97
- O grande jogo do porvir *Constant, 1959* 98
- O urbanismo unitário no fim dos anos 1950 *IS, 1959* 100
- Relatório de abertura da conferência de Munique *Constant, 1959* 106
- Primeira proclamação da seção holandesa da Internacional Situacionista
A. Alberts, Armando, Constant e Har Oudejans, 1959 109

Posições situacionistas a respeito do trânsito	<i>Guy-Ernest Debord, 1959</i>	112
Outra cidade para outra vida	<i>Constant, 1959</i>	114
Die Welt als Labyrinth [O mundo como labirinto]	<i>IS, 1960</i>	118
Teoria dos momentos e construção das situações	<i>IS, 1960</i>	121
Descrição da zona amarela	<i>Constant, 1960</i>	123
Manifesto	<i>IS, 1960</i>	126
A fronteira situacionista	<i>IS, 1960</i>	129
Crítica ao urbanismo	<i>IS, 1961</i>	132
Programa elementar do bureau de urbanismo unitário	<i>Attila Kotányi e Raoul Vaneigem, 1961</i>	139
Perspectivas de modificações conscientes na vida cotidiana	<i>Guy-Ernest Debord, 1961</i>	143
Comentários contra o urbanismo	<i>Raoul Vaneigem, 1961</i>	153
Seleção bibliográfica		159

PREFÁCIO

Cidadãos de todos os países, derivem! Dissolvam as fronteiras e destruam os muros de todos os tipos, das prisões e asilos aos condomínios residenciais fechados, dos shopping centers aos conjuntos habitacionais modernos!

Essas são as palavras de ordem *situs* ainda atuais, para ao menos justificar a publicação desta antologia de textos situacionistas sobre a cidade, mas também sobre a arquitetura, a vida cotidiana, a prática coletiva da criação artística, o exercício de novos modos de fruição dos espaços urbanos, visando deformá-los (uso aqui um dos sentidos que creio ser possível atribuir ao termo *situ* "détournement", além de desvio, que é sua tradução literal).

A Internacional Situacionista (IS) buscava a constituição de novas territorialidades que resgatassem as múltiplas formas de nomadismo que as cidades modernas foram progressivamente esquadrihando, restringindo, fixando e confinando, com o fim de aniquilá-las por completo.

"Ancestrais desejos nômades irrompem", nos lembra Jack London, e os participantes da IS encarnavam tais desejos e proclamavam a deriva como modo de subversão da cidade, de seus direitos e de suas ideologias, dentre elas o urbanismo. Que também é prática e tanto molda as formas de sociabilidade quanto configura a paisagem das cidades, regiões e países.

Radicalmente contrária ao funcionalismo abstrato da urbanística da "Carta de Atenas", a IS pretendia novos meios de apropriação da cidade, conformando o território através da participação ativa dos seus habitantes. Ao lado de sua dimensão revolucionária, os textos da IS sobre a cidade, lidos hoje, no limiar de um novo século, sequer nos parecem utópicos, mas sim anunciadores da cidade-espetáculo. Além de cidade-máquina, como queriam Le Corbusier e seus epígonos, cidade-mídia, cujo controle dos fluxos é cada vez mais determinado pelas redes eletrônicas e o território urbano transforma-se em pura virtualidade.

A deriva situacionista é também uma viagem alucinógena, à maneira daquela realizada por ianomâmis sorvendo cipós e raízes em plena selvatiqueza, que não é euclidiana e tampouco ruskiniana, mas muito mais primeva... em busca da terra sem mal, construindo situações.

Assim, derivemos por esses textos e também por nossas cidades. Quem sabe descobramos e forjemos outros territórios, sem a segregação que conforma os atuais, sob o signo da *urbs*.

Carlos Roberto Monteiro de Andrade

Arquiteto e sociólogo, doutor em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo, professor da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo.

APRESENTAÇÃO

A economia política, o amor e o urbanismo são os meios que seria preciso dominar para se resolver um problema que é antes de tudo de ordem ética. Nada pode obrigar que a vida não seja absolutamente apaixonante. Nós sabemos como fazer.¹

Qual seria o interesse hoje — quase meio século² após a publicação dos primeiros textos — de se resgatar o pensamento situacionista sobre a cidade? Talvez simplesmente como provocação diante de uma triste constatação: a quase completa ausência dessa paixão — proposta e vivida pelos situacionistas — na vida e no pensamento urbanos contemporâneos. Apesar dos recentes protestos antiglobalização que ganharam as ruas de grandes cidades do mundo e poderiam nos fazer pensar em um retorno ao ambiente de inquietação e reivindicação dos anos 1960,³ o pensamento urbano difundido neste período, que ficou conhecido como participacionista — pois pregava a participação dos habitantes — parece estar cada vez mais “burocratizado” em prol de uma “espetacularização” urbana generalizada.

A Internacional Situacionista (IS) — grupo de artistas, pensadores e ativistas — lutava contra o espetáculo, a cultura espetacular e a espetacularização em geral, ou seja, contra a não-participação, a alienação e a passividade da sociedade. O principal antídoto contra o espetáculo seria o seu oposto: a participação ativa dos indivíduos em todos os campos da vida social, principalmente no da cultura. O interesse dos situacionistas pelas questões urbanas foi uma consequência da importância dada por estes ao meio urbano como terreno de ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia, ou ausência de paixão, da vida cotidiana moderna. A crítica urbana situacionista permanece assim, em sua essência, pertinente.

Em um momento atual de crise da própria noção de cidade, que se torna visível principalmente através das idéias de não-cidade, seja por congelamento — cidade-museu e patrimonialização desenfreada —, seja por difusão — cidade genérica e urbanização generalizada. Essas duas correntes do pensamento urbano contemporâneo — em voga na teoria mas principalmente na prática do urbanismo — apesar de aparentemente antagônicas, tenderiam a um resultado semelhante: a espetacularização das cidades contemporâneas.

A corrente mais conservadora, pós-modernista tardia, neoculturalista, radicaliza a preocupação pós-moderna com as culturas preexistentes, e preconiza a petrificação ou o pastiche do espaço urbano, principalmente de centros históricos, provocando uma museificação e patrimonialização principalmente

nas cidades européias, e o surgimento da cidade-parque-temático e da disneylandização urbana em particular nos Estados Unidos, que seriam exemplos típicos da cidade-espetáculo.⁴ A corrente dita progressista, neo-modernista, retoma alguns princípios modernistas — sem a mesma preocupação social ou a utopia dos primeiros modernos — principalmente a idéia de *Tabula Rasa*, e faz a apologia da grande escala (XL)⁵ e dos espaços urbanos caóticos, geralmente periféricos ou de cidades da periferia mundial: *junkspaces*, cidades genéricas, cidades-shoppings ou espaços terminais do capitalismo selvagem, que têm como paradigma as novas cidades asiáticas ou africanas, e que também são mostradas de uma forma totalmente espetacular.⁶

Essa quase esquizofrenia dos discursos contemporâneos sobre a cidade⁷ — preservar o antigo ou construir o novo — vem ocorrendo muitas vezes simultaneamente e em uma mesma cidade, com propostas preservacionistas para os centros históricos, que se tornam receptáculos de turistas, e com a construção de novos bairros *ex-nihilo* nas áreas de expansão periféricas, que se tornam fontes para a especulação imobiliária. Muitas vezes os atores e patrocinadores destas propostas também são os mesmos, assim como é semelhante a não-participação da população em suas formulações, e a gentrificação⁸ das áreas como resultado, demonstrando que as duas correntes antagônicas podem ser faces de uma mesma moeda, que visaria tão-somente a uma espetacularização mercantil das cidades.⁹

A irônica crítica urbana situacionista parece ainda tão atual exatamente por ter atacado, dentro do contexto europeu dos anos 1950-1960, os primórdios dessa nova espetacularização urbana contemporânea. Por um lado, os situacionistas foram um dos primeiros grupos¹⁰ a criticar de forma radical o movimento moderno em arquitetura e urbanismo, principalmente seus maiores símbolos, o funcionalismo separatista da Carta de Atenas¹¹ e a racionalidade cartesiana de seu maior defensor, Le Corbusier.¹²

*Os funcionalistas ignoram a função psicológica da ambiência [...] o aspecto das construções e dos objetos que nos cercam e que utilizamos possuem uma função independente de seu uso prático [...] Os racionalistas funcionalistas, por causa de sua homogeneização, imaginaram que só se pode alcançar formas definitivas, ideais, de diferentes objetos que interessam ao homem. A evolução hoje mostra que esta concepção estática estava errada. Pode-se chegar a uma concepção dinâmica das formas, pode-se ver essa verdade: toda forma humana está em transformação contínua. Não podemos mais, como os racionalistas, evitar essa transformação. A falha dos racionalistas foi não ter compreendido que a única maneira de se evitar a anarquia da transformação consiste em entender as suas leis internas, e utilizar-se delas.*¹³

E, por outro lado, por meio dessa negação de uma concepção estática da cidade, os situacionistas anteciparam também uma crítica à museificação das cidades, principalmente ao pôr em dúvida a transformação dessas cidades em espetáculos urbanos estáticos e não-participativos através da idéia do urbanismo unitário (UU).

*[O urbanismo unitário] opõe-se ao espetáculo passivo, típico de nossa cultura, na qual a organização do espetáculo se estende de forma tanto mais escandalosa visto que o homem pode cada vez mais interferir de novas maneiras. Enquanto hoje as próprias cidades se oferecem como um lamentável espetáculo, um anexo de museu para turistas que passeiam em ônibus enviações, o UU vê o meio urbano como terreno de um jogo do qual se participa. O urbanismo unitário não está idealmente separado do atual terreno das cidades. É formado a partir da experiência desse terreno e a partir das construções existentes. Deve tanto explorar os cenários atuais, pela afirmação de um espaço urbano lúdico tal como a deriva o reconhece, quanto construir outros, totalmente inéditos. Essa interpretação (uso da cidade atual, construção da cidade futura) implica o manejo do desvio arquitetônico. O urbanismo unitário não aceita a fixação das cidades no tempo.*¹⁴

O urbanismo unitário — unitário por ser contra a separação moderna de funções (base da Carta de Atenas) — não propôs novos modelos ou formas urbanas, mais sim experiências efêmeras de apreensão do espaço urbano através da proposta de novos procedimentos como a psicogeografia e de novas práticas como a deriva. Como os próprios situacionistas insistiam em dizer: "Primeiro, o urbanismo unitário não é uma doutrina de urbanismo, mas uma crítica ao urbanismo".¹⁵

A importância atual do pensamento situacionista sobre a cidade está exatamente na enorme força crítica que ainda emana dessas idéias. Como parte integrante, importante e central, de uma crítica situacionista bem mais vasta — artística, social, cultural e, sobretudo, política — está a problemática urbana e, principalmente, a crítica à própria disciplina que surge da modernização das cidades: o urbanismo. As doutrinas, teorias e fundamentos básicos do urbanismo foram questionados e criticados de forma radical pelos situacionistas desde os anos 1950.¹⁶ Esse pensamento crítico situacionista ainda não foi devidamente estudado, e nem mesmo teve sua importância claramente reconhecida dentro do campo do urbanismo, embora o resgate dessas idéias situacionistas possa ser útil para alimentar o ainda tímido, e nada apaixonante, debate urbano contemporâneo. Uma crítica pertinente — hoje claramente ausente da grande maioria dos discursos sobre a cidade — seria talvez mais urgente no cenário atual do que novos modelos, paradigmas ou mesmo propostas urbanas.¹⁷

Breve histórico da Internacional Situacionista (IS)

"Doutor em nada",¹⁶ avesso às instituições, sem ser apenas um artista, um intelectual ou um ativista político, Guy-Ernest Debord (1931-1994), o fundador da IS, é quase inclassificável. Muito influenciado pelo movimento Dadá e também pelo surrealismo (que depois será um dos maiores alvos de suas críticas), o jovem Debord encontrou, em 1951, no festival de cinema de Cannes, um grupo com influências e interesses parecidos, os letristas de Isidore Isou.¹⁷ Já em seu primeiro filme em 1952, *Hurléments en faveur de Sade*, Debord entrou em conflito com Isou¹⁸ e deixou os "velhos letristas" para fundar nesse mesmo ano, com alguns amigos, a Internacional Letrista (IL). De 1952 a 1954 o novo grupo letrista publicou o periódico *Internationale Lettriste*, e de 1954 a 1957, 29 números de *Potlatch*.¹⁹

As questões tratadas em *Potlatch*, inicialmente mais ligadas à arte, à superação do surrealismo e principalmente às idéias de ir além da arte, passaram a tratar da vida cotidiana em geral, da relação entre arte e vida, e, em particular, da arquitetura e do urbanismo, sobretudo da crítica ao funcionalismo moderno. Dos textos mais radicais publicados em *Potlatch* contra a arquitetura e o urbanismo funcionalistas modernos, podem ser citados: *Construction de taudis*,²⁰ *Le gratte-ciel par la racine*,²¹ *Une architecture de la vie*,²² *L'architecture et le jeu*²³ e *Projet d'embellissements rationnels de la ville de Paris*.²⁴

Os letristas, reunidos em torno de Debord — entre os mais influentes membros, editores de *Potlatch*, estavam Michèle Bernstein, Franck Conord, Mohamed Dahou, Gil Wolman e Jacques Fillon —, já anunciavam algumas idéias, práticas e procedimentos que depois formaram a base de todo o pensamento urbano situacionista: a psicogeografia, a deriva e, principalmente, a idéia-chave, inspiradora do próprio nome do futuro grupo, a construção de situações. Já no primeiro número de *Potlatch* (junho de 1954) há uma proposta de psicogeografia, *Le jeu psychogéographique de la semaine*:

Em função do que você procura, escolha uma região, uma cidade de razoável densidade demográfica, uma rua com certa animação. Construa uma casa. Arrume a mobília. Capriche na decoração e em tudo que a completa. Escolha a estação e a hora. Reúna as pessoas mais aptas, os discos e a bebida convenientes. A iluminação e a conversa devem ser apropriadas, assim como o que está em torno ou suas recordações. Se não houver falhas no que você preparou, o resultado será satisfatório.

Vários textos letristas sobre a psicogeografia também foram publicados na revista belga *Les livres nues*²⁵ entre 1955 e 1956; a experiência psicogeográfica

estava diretamente ligada à prática da deriva, vários textos letristas comentavam e propunham diferentes derivas, entre eles o *Résumé 1954*, assinado por Debord e Fillon (*Potlatch* n° 14, novembro de 1954):

As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica do andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. Nós não saberíamos considerar tipos de construção menores. O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. É possível pensar que as reivindicações revolucionárias de uma época correspondem à idéia que essa época tem da felicidade. A valorização dos lazeres não é uma brincadeira. Nós insistimos em que é preciso inventar novos jogos.

A idéia de construção de situações também surge inicialmente em *Potlatch*, como no texto coletivo, onde eles citam Charles Fourier,²⁶ *Une idée neuve en Europe* (n° 7, agosto de 1954):

A construção de situações será a realização contínua de um grande jogo deliberadamente escolhido: a passagem de um a outro desses cenários e desses conflitos em que os personagens de uma tragédia morrem em vinte e quatro horas. Mas o tempo de viver não faltará mais. Uma crítica do comportamento, um urbanismo influenciável, uma técnica de ambiências devem se unir a essa síntese, da qual conhecemos os primeiros princípios. É preciso reinventar em permanência a atração soberana que Charles Fourier chamava de livre jogo das paixões.

Os letristas, ainda sediados em Paris, passaram a colaborar com alguns grupos de artistas europeus de tendências semelhantes, como o London Psychogeographical Association (LPA), dirigido por Ralph Rumney, e principalmente o grupo Cobra (Copenhague, Bruxelas, Amsterdã — 1948-1951, revista homônima), animado, entre outros, pelo dinamarquês Asger Jorn (Arger Jorgensen), pelo belga Christian Dotremont e pelo holandês Constant (Constant Nieuwenhuys). Constant e Jorn foram os responsáveis, com Debord e Raoul Vaneigem, pela elaboração do pensamento urbano situacionista. Jorn fundou, após a dissolução do Cobra, o MIBI (Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista — 1954-1957, revista *Eristica*): uma crítica à abertura da nova Bauhaus em Ulm — *Hochschule für Gestaltung* — por Max Bill²⁷ em 1955.

O MIBI organizou em Alba (Itália), em setembro de 1956, uma reunião desses principais grupos europeus que vinham trabalhando sobre os mesmos temas de

forma independente, com a participação de membros de oito países. No ano seguinte em Cosio d'Arroscia,³⁰ Debord fundou, com os integrantes dos outros grupos também presentes em Alba, a Internacional Situacionista. A IS passou rapidamente a ter adeptos em vários países, entre eles: Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca e Argélia. Entre 1958 e 1969, 12 números da revista IS foram publicados e, se nos primeiros seis números (até 1961) as questões tratavam basicamente da arte passando para uma preocupação mais centrada no urbanismo, estas se deslocaram "naturalmente" em seguida para as esferas propriamente políticas, e sobretudo revolucionárias, culminando na determinante e ativa participação situacionista nos eventos de Maio de 1968 em Paris.

Além dos números da IS, dos inúmeros panfletos e das ações públicas realizadas pelos situacionistas, três publicações de seus membros foram determinantes na formação do espírito revolucionário pré-68: o folheto coletivo publicado em 1966 *De la misère en milieu étudiant, considérée sous ses aspects économique, politique, psychologique, sexuel et notamment intellectuel, et quelques moyens pour y remédier*;³¹ o livro do situacionista Raoul Vaneigem, publicado em 1967, *Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations*;³² e o hoje clássico de Guy Debord, também publicado em 1967, *La société du spectacle*.³³ Apesar da visibilidade conquistada nas diversas ações situacionistas que marcaram os acontecimentos de Maio de 68, a IS, depois de um fortalecimento fugaz, entrou em crise. O seu súbito reconhecimento atraiu muitos novos membros de vários países, tornando a organização cada vez mais complexa e praticamente incontrolável. Assim, a IS se dissolveu em 1972, um fim que para o seu fundador, Debord, seria o verdadeiro começo:

*O movimento das ocupações [Maio de 1968] foi o início da revolução situacionista, mas foi só o começo, como prática da revolução e como consciência situacionista da história. É só agora que toda uma geração, internacionalmente, começou a ser situacionista.*³⁴

Os situacionistas e a cidade

*Sabe-se que no princípio os situacionistas pretendiam, no mínimo, construir cidades, o ambiente apropriado para o despertar ilimitado de novas paixões. Porém, como isso evidentemente não era tão fácil, vimo-nos forçados a fazer muito mais.*³⁵

Pode-se notar uma seqüência clara de mudança de escala de preocupação e de área de atuação do pensamento situacionista. Se inicialmente eles estavam interessados em ir além dos padrões vigentes da arte moderna — passando a

propor uma arte diretamente ligada à vida, uma arte integral — logo em seguida eles perceberam que esta arte total seria basicamente urbana e estaria em relação direta com a cidade e com a vida urbana em geral. "A arte integral, de que tanto se falou, só se poderá realizar no âmbito do urbanismo".³⁶ Em um primeiro momento, essas investigações propriamente urbanas se referiam à experiência da cidade existente — através de novos procedimentos e práticas: psicogeografia e derivas — mas também à utilização dessas experiências como base para uma proposta de cidade situacionista.

*A pesquisa psicogeográfica [...] assume assim seu duplo sentido de observação ativa das aglomerações urbanas de hoje, e de formulação de hipóteses sobre a estrutura de uma cidade situacionista.*³⁷

À medida que os situacionistas afinavam as suas experiências urbanas, eles abandonaram a idéia de propor cidades reais e passaram à crítica feroz contra o urbanismo e o planejamento em geral. Se eles se posicionavam cada vez mais contra o urbanismo, ficaram sempre a favor das cidades, ou seja, eram contra o monopólio urbano dos urbanistas e planejadores em geral, e a favor de uma construção realmente coletiva das cidades.

*Se o planejador não pode conhecer as motivações comportamentais daqueles a quem ele vai proporcionar moradia nas melhores condições de equilíbrio nervoso, mais vale integrar desde já o urbanismo no centro de pesquisas criminológicas.*³⁸

Os situacionistas perceberam então que não seria possível propor uma forma de cidade pré-definida³⁹ pois, segundo suas próprias idéias, esta forma dependia da vontade de cada um e de todos, e esta não poderia ser ditada por um planejador. Qualquer construção dependeria da participação ativa dos cidadãos, o que só seria possível por meio de uma verdadeira revolução da vida cotidiana.

*Inventamos a arquitetura e o urbanismo que são irrealizáveis sem a revolução da vida cotidiana; isto é, sem a apropriação do condicionamento por todos os homens, para que melhorem indefinidamente e se realizem.*⁴⁰

Os situacionistas chegaram a uma convicção exatamente contrária à dos arquitetos modernos. Enquanto os modernos acreditaram, num determinado momento, que a arquitetura e o urbanismo poderiam mudar a sociedade, os situacionistas estavam convictos de que a própria sociedade deveria mudar a arquitetura e o urbanismo. Enquanto os modernos chegaram a achar, como Le

Corbusier, que a arquitetura poderia evitar a revolução — “Arquitetura ou revolução. Podemos evitar a revolução”⁴¹ —, os situacionistas, ao contrário, queriam provocar a revolução e pretendiam usar a arquitetura e o ambiente urbano em geral para induzir à participação, para contribuir nessa revolução da vida cotidiana contra a alienação e a passividade da sociedade. Eles passaram diretamente da idéia da revolução da vida cotidiana para a questão da revolução política propriamente dita, e a partir desse momento — 1961, após a publicação da *IS* n°6 — os textos situacionistas abandonaram as idéias sobre a cidade em particular, para se dedicar a questões exclusivamente políticas: ideológicas, revolucionárias, anticapitalistas, antialienantes e antiespetaculares (o que não deixou de estar relacionado à questão urbana).

*O urbanismo não existe: não passa de uma “ideologia”, no sentido de Marx. A arquitetura existe realmente tanto quanto a Coca-Cola: é uma produção envolta em ideologia, mas real, satisfazendo falsamente uma necessidade forjada; ao passo que o urbanismo é comparável ao alarido publicitário em torno da Coca-Cola, pura ideologia espetacular. O capitalismo moderno, organizado de modo a reduzir toda a vida social a espetáculo, é incapaz de oferecer um espetáculo que não seja o de nossa própria alienação. Seu sonho de urbanismo é sua obra-prima.*⁴²

20

Pensamento urbano-situacionista

Talvez seja exagerado falar de uma verdadeira teoria urbana situacionista, a não ser que seja considerada a etimologia grega do termo *theôrien*: observar. Mas a crítica urbana situacionista teve efetivamente uma base teórica, sobretudo de observação e experiência da cidade existente. Pode-se considerar a reunião das idéias, procedimentos e práticas urbanas situacionistas como um pensamento singular e inovador, que poderia ainda hoje inspirar novas experiências, interessantes e originais, de apreensão do espaço urbano. Mas é importante repetir: não existiu de fato um modelo de espaço urbano situacionista, apesar da tentativa renegada de Constant com a Nova Babilônia; o que existiu foi um uso, ou apropriação, situacionista do espaço urbano. Assim como não existiu uma forma situacionista material de cidade mas sim uma forma situacionista de viver, ou de experimentar, a cidade. Quando os habitantes passassem de simples espectadores a construtores, transformadores e “vivenciadores” de seus próprios espaços, isso sim impediria qualquer tipo de espetacularização urbana.

*A construção de situações começa após o desmoronamento moderno da noção de espetáculo. É fácil ver a que ponto está ligado à alienação do velho mundo o princípio característico do espetáculo: a não-participação. Ao contrário, percebe-se como as melhores pesquisas revolucionárias na cultura tentaram romper a identificação psicológica do espectador com o herói, a fim de estimular esse espectador a agir, instigando suas capacidades para mudar a própria vida. A situação é feita de modo a ser vivida por seus construtores. O papel do “público”, se não passivo pelo menos de mero figurante, deve ir diminuindo, enquanto aumenta o número dos que já não serão chamados atores mas, num sentido novo do termo, vivenciadores.*⁴³

O pensamento urbano situacionista estaria então baseado na idéia de construção de situações. Era situacionista “o que se refere à teoria ou à atividade prática de uma construção de situações. Indivíduo que se dedica a construir situações”.⁴⁴ Uma situação construída seria então um “momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos”.

*Nossa idéia central é a construção de situações, isto é, a construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade passional superior. Devemos elaborar uma intervenção ordenada sobre os fatores complexos dos dois grandes componentes que interagem continuamente: o cenário material da vida; e os comportamentos que ele provoca e que o alteram.*⁴⁵

21

A tese central situacionista era a de que, por meio da construção de situações, se chegaria à transformação revolucionária da vida cotidiana, o que se assemelhava muito à tese defendida por Henri Lefebvre — não por acaso muito próximo dos situacionistas no início do movimento⁴⁶ — de uma construção de momentos, em sua trilogia *Critique de la vie quotidienne*.⁴⁷ A situação construída se assemelha à idéia de momento e poderia ser efetivamente vista como um desenvolvimento do pensamento lefebvriano:

*O que você chama momentos, nós chamamos situações, mas estamos levando isso mais longe que você. Você aceita como momento tudo que ocorreu na história: amor, poesia, pensamento. Nós queremos criar momentos novos.*⁴⁸

As duas idéias também tinham ligação direta com a questão do cotidiano. Este seria a fronteira onde nasce a alienação mas onde também pode crescer a

participação; assim como o lazer seria o tempo livre para o prazer e não para a alienação, o lazer poderia tornar-se ativo e criativo através da participação popular. O objetivo final de ambos — apesar de os situacionistas terem acusado Lefebvre de fazer uma “ficção científica da revolução” — era uma revolução cultural que se daria pela idéia de criação global da existência contra a banalidade do cotidiano. Essa teoria crítica que fundamenta a idéia central de construção de situações seria o próprio urbanismo unitário (UU) — que, como já vimos, não era uma doutrina ou uma proposta de urbanismo mas sim uma crítica ao urbanismo, não era um tipo de urbanismo mas sim uma teoria urbana crítica —, definido como: “teoria do emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento”.

Para tentar chegar a essa construção total de um ambiente, os situacionistas criaram um procedimento ou método, a psicogeografia, e uma prática ou técnica, a deriva, que estavam diretamente relacionados. A psicogeografia foi definida como um “estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos”. E a deriva era vista como um “modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência”. Ficava claro que a deriva era o exercício prático da psicogeografia e, além de ser também uma nova forma de apreensão do espaço urbano, ela seguia uma tradição artística desse tipo de experiência.⁴⁹ A deriva situacionista não pretendia ser vista como uma atividade propriamente artística,⁵⁰ mas sim como uma técnica urbana situacionista para tentar desenvolver na prática a idéia de construção de situações através da psicogeografia. A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação do andar sem rumo. A psicogeografia estudava o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos, através das derivas e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação básica do caminhar na cidade. Aquele “que pesquisa e transmite as realidades psicogeográficas” era considerado um psicogeógrafo. E psicogeográfico seria “o que manifesta a ação direta do meio geográfico sobre a afetividade”.

A brusca mudança de ambiência numa rua, numa distância de poucos metros; a divisão patente de uma cidade em zonas de climas psíquicos definidos; a linha de maior declive — sem relação com o desnível — que devem seguir os passeios a esmo; o aspecto atraente ou repulsivo de certos lugares; tudo isso parece deixado de lado. Pelo menos, nunca é percebido como dependente de causas que podem ser esclarecidas por uma análise mais

profunda, e das quais se pode tirar partido. As pessoas sabem que existem bairros tristes e bairros agradáveis. Mas estão em geral convencidas de que as ruas elegantes dão um sentimento de satisfação e que as ruas pobres são deprimentes, sem levar em conta nenhum outro fator.⁵¹

A psicogeografia seria então uma geografia afetiva, subjetiva, que buscava cartografar as diferentes ambiências psíquicas provocadas basicamente pelas deambulações urbanas que eram as derivas situacionistas. Algumas dessas derivas foram fotografadas — algumas de suas fotocoloragens eram vistas como mapas, como o *Map of Venice* de Ralph Rumney sobre suas derivas em Veneza — ou filmadas, chegando a aparecer em alguns filmes de Debord, sobretudo no segundo, de 1959: *Sur le passage de quelques personnes à travers une assez courte unité de temps*. Cartografias subjetivas, ou mapas afetivos, chegaram a ser efetivamente realizados, e um deles ficou quase como um símbolo situacionista: *The Naked City, illustration de l'hypothèse des plaques tournantes*, assinado por Debord em 1957.⁵²

The Naked City talvez seja a melhor ilustração do pensamento urbano situacionista, a melhor representação gráfica da psicogeografia e da deriva, e também um ícone da própria idéia de urbanismo unitário. Ele é composto por vários recortes do mapa de Paris em preto e branco, que são as unidades de ambiência, e setas vermelhas que indicam as ligações possíveis entre essas diferentes unidades. As unidades estão colocadas no mapa de forma aparentemente aleatória, pois não correspondem à sua localização no mapa da cidade real, mas demonstram uma organização afetiva desses espaços ditada pela experiência da deriva. As setas representam essas possibilidades de deriva e como estava indicado no verso do mapa: “the spontaneous turns of direction taken by a subject moving through these surroundings in disregard of the useful connections that ordinary govern his conduct”.⁵³ O título do mapa, *The Naked City* (cf. p. 4 e 5), também escrito em letras vermelhas, foi tirado de um *film noir* americano homônimo.⁵⁴ O subtítulo, *illustration de l'hypothèse des plaques tournantes*, fazia alusão às placas giratórias (*plaques tournantes*) e manivelas ferroviárias responsáveis pela mudança de direção dos trens, que representavam as diferentes opções de caminhos a serem tomados nas derivas.

The Naked City tem nítida influência de alguns mapas do livro do sociólogo urbano Paul-Henry Chombart de Lauwe *Paris et l'agglomération parisienne*, de 1952, que também foi citado nas páginas da *IS* (cf. p. 78), principalmente na *Théorie de la dérive*. Um diagrama desse livro de Lauwe também figura na *IS*, ilustrando o comentário sobre a deriva de Rumney em Veneza: um interessante mapa de Paris com o traçado de todos os trajetos realizados em um ano por

uma estudante, que se concentram no bairro em que ela morava, nos percursos básicos entre a sua casa, a universidade e o local de suas aulas de piano. Chombart de Lauwe, muito influenciado pela Escola de Chicago e sobretudo por Ernest Burgess, foi claramente uma referência forte, como Lefebvre, no pensamento urbano situacionista. Talvez, ao contrário de Lefebvre, a influência de Chombart de Lauwe não tenha sido propriamente teórica, e sim mais ligada às questões de método — que são completamente desviados, *détournés*, pelos situacionistas — e sobretudo a uma fascinação comum, mesmo que com usos totalmente distintos, por mapas e fotografias urbanas aéreas.⁵⁵

Numa das páginas da *IS*, ilustrando o texto *L'urbanisme unitaire à la fin des années 50*, estão colocadas, lado a lado, uma *Carte du pays du Tendre* de 1656 (Mapa do País do Afetuoso) e uma foto aérea de Amsterdã, com o título "Uma zona experimental para a deriva. O centro de Amsterdã, que será explorado sistematicamente por equipes situacionistas em abril-maio de 1960" (p. 102 e 103). Esse mapa de Madeleine Scudéry é uma metáfora de uma viagem no espaço geográfico imaginário que traçaria diversas possibilidades de histórias de amor e romances variados. Os nomes dos lugares estavam relacionados a diferentes sentimentos e marcavam momentos significativos e emocionantes. Este foi o mapa inspirador do *Guide psychogéographique de Paris, discours sur les passions de l'amour*. Os mapas situacionistas, psicogeográficos, realizados em função de derivas reais, eram tão imaginários e subjetivos quanto a *Carte du pays du Tendre*; eles apenas ilustravam uma nova maneira de apreender o espaço urbano através da experiência afetiva desses espaços. Tais mapas, experimentais e rudimentares, desprezavam os parâmetros técnicos habituais pois estes não levam em consideração aspectos sentimentais, psicológicos ou intuitivos, e que muitas vezes caracterizam muito mais um determinado espaço do que os simples aspectos meramente físicos, formais, topográficos ou geográficos.

*A confecção de mapas psicogeográficos e até simulações, como a equação — mal fundada ou completamente arbitraria — estabelecida entre duas representações topográficas, podem ajudar a esclarecer certos deslocamentos de aspecto não gratuito mas totalmente insubmisso às solicitações habituais. As solicitações dessa série costumam ser catalogadas sob o termo de turismo, droga popular tão repugnante quanto o esporte ou as vendas a crédito. Há pouco tempo, um amigo meu percorreu a região de Hartz, na Alemanha, usando um mapa da cidade de Londres e seguindo-lhe cegamente todas as indicações. Essa espécie de jogo é um mero começo diante do que será a construção integral da arquitetura e do urbanismo, construção cujo poder será um dia conferido a todos.*⁵⁶

Circulação de idéias situacionistas no campo do urbanismo

*O urbanismo pretensamente moderno que os senhores preconizam, nós o consideramos passageiro e retrógrado. O único papel da arquitetura é servir às paixões dos homens.*⁵⁷

A crítica irônica, marginal e radical dos situacionistas contra a arquitetura moderna e, principalmente, contra o urbanismo — para os situacionistas era no espaço urbano que se dava a repressão social e o urbanismo estava a serviço dessa repressão — ocorreu no mesmo momento em que uma crítica ao excesso de racionalismo e funcionalismo do urbanismo⁵⁸ começava a ser esboçada dentro dos próprios CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna) por uma nova geração de arquitetos modernos que ficou conhecida como o Team X, organizadores do CIAM X.

Apesar de estarem lutando, em um mesmo momento histórico, contra um "inimigo" comum, os dois grupos — o Team X e os situacionistas — mantiveram uma diferença de postura fundamental. Enquanto os situacionistas eram marginais, não faziam parte de nenhuma instituição e nem do campo "oficial" da arquitetura e urbanismo, o Team X fazia parte do próprio CIAM, estava dentro da organização moderna por excelência, e os seus membros faziam projetos e construíam obras. Enquanto os situacionistas defendiam uma revolução, os arquitetos do Team X buscavam, em princípio, uma reforma, de dentro do próprio CIAM, o que resultou em uma ruptura interna e levou à dissolução da organização em 1959. É interessante notar que, ao criticar a doutrina urbana moderna, os dois grupos discutiram idéias semelhantes, e essas novas idéias antecipavam parte do debate posterior, dito "pós-moderno".

No pós-guerra, com a massificação da construção de conjuntos habitacionais modernistas — pois as cidades europeias precisavam ser reconstruídas rapidamente e a demanda habitacional era enorme —, as críticas a esse modelo começaram a surgir. A devastação provocada pela guerra — a tão sonhada *tabula rasa* moderna se torna efetiva em algumas cidades — e a urgência da reconstrução das cidades europeias fizeram da Carta de Atenas uma doutrina a ser seguida em larga escala. Nos primeiros CIAMs do pós-guerra, de Bridgewater em 1947 (CIAM VI) e de Bérgamo em 1949 (CIAM VII), ainda dominados por Le Corbusier, a tônica dos debates era precisamente reorganizar o movimento que, por conta da guerra, ficara desestruturado por uma década, desde o último colóquio em Paris em 1937, e levar a Carta de Atenas à prática na reconstrução das cidades europeias.

Embora de forma tímida, um primeiro questionamento começava a surgir, em particular pelo jovem arquiteto holandês Aldo Van Eyck, em 1947, que di-

zia: "o CIAM sabe que a tirania do consenso cartesiano chegou à sua última fase";⁶⁰ e também pela própria localização do colóquio de 1949, Bérghamo, uma cidade histórica italiana, que influenciou na escolha do tema do colóquio seguinte, *The Heart of the City*, organizado pelos ingleses em Hoddeson em 1951 (CIAM VIII). O oitavo encontro marcou o início de uma nova fase no CIAM:⁶¹ o predomínio da nova geração de arquitetos modernos no lugar da "velha guarda". Esse colóquio inovou exatamente pela escolha do tema a ser debatido, o centro das cidades, em grande parte destruídos durante a guerra, o que impôs um questionamento sobre o que fazer com o que restou desses centros históricos, ou seja, sobre a questão do patrimônio urbano, das preexistências, temas que os arquitetos modernos não costumavam discutir. A questão do pedestre também foi levantada, demonstrando um pequeno interesse pelo usuário das cidades, o que também não era tema de debates uma vez que até então se buscava um ideal de homem moderno (*Modulor*) e se menosprezava o habitante real.

Mas foi só no colóquio seguinte, em Aix-en-Provence em 1953 (CIAM IX),⁶² que o Team X se formou e apareceu de forma mais abertamente crítica, sobretudo através da apresentação das idéias do casal inglês Alison e Peter Smithson: *Urban Reidentification*. Nesse projeto emblemático os ingleses atacaram a separação de funções da Carta de Atenas e propuseram a sua substituição por uma hierarquia de associações humanas e uma nova reidentificação urbana. O interessante a notar nesse projeto é que pela primeira vez no CIAM apareceram, de forma explícita, fotografias de pessoas reais, no caso habitantes de *slums* (cortiços e favelas) de Londres, fotografados por Nigel Henderson, colega do casal Smithson do *The Independent Group* londrino, ligado ao ICA e aos situacionistas. Os Smithsons costumavam dizer que na Carta de Atenas "o que faltava era o homem".

Foi a partir desse momento que o Team X surgiu de fato, colocando o homem real no lugar do homem ideal (*Modulor*), de Le Corbusier e da "velha guarda", e as questões das diferenças individuais passaram a ser estudadas em prol do coletivo ideal moderno. O grupo, heterogêneo e eclético mas com a convicção comum de ir contra a Carta de Atenas, era formado por ingleses, holandeses e também por um grupo de arquitetos que trabalhou no Marrocos e na Argélia, estudando a arquitetura vernácula da *Casbah*.

Em seguida, a dominação da nova geração foi total, e o CIAM X, de 1956, tentou, sem sucesso, redigir uma Carta do Habitat, para substituir ou complementar a Carta de Atenas: "está claro que o conteúdo da Carta de Atenas não serve mais como instrumento para o desenvolvimento criativo". Le Corbusier, apesar de ter chamado os membros do Team X de *Les emmerdeurs* [Os chatos], em carta, diz: "[a nova geração] é a única capaz de sentir os problemas atuais...

eles estão por dentro. Seus predecessores não; estão por fora". A partir do momento em que se começou a tratar de questões de singularidade e diversidade, ficou cada vez mais difícil criar novas doutrinas genéricas e internacionalmente operacionais como a Carta de Atenas e os próprios CIAMs. Assim, na última reunião dos modernos em Otterloo, em 1959, foi decretado o fim oficial do movimento moderno em arquitetura.

Em termos bem gerais, os dois grupos — Team X e Situacionistas — cada qual à sua maneira, propunham idéias semelhantes: a idéia de colagem, de mistura e de diversidade contra o excesso de racionalidade e funcionalidade modernas, e contra a separação de funções (*zoning*). Contra a generalidade, a impessoalidade, simbolizadas pelo *Modulor* corbusiano e pela idéia de *Tabula Rasa*, eles propunham a busca de identidades, da individualidade e da diversidade, sobretudo das pessoas comuns e reais das ruas das cidades existentes. Contra a homogeneidade e simplicidade ideais modernas, eles propunham a heterogeneidade e a complexidade ligadas à vida cotidiana. Contra a grande escala e a autoridade do Estado e dos próprios urbanistas ligadas às pretensões modernas, propunham uma volta à pequena escala, à escala humana, e a participação dos habitantes.

Mais do que simples coincidência ou questão de *Zeitgeist*, existiram de fato contatos e trocas entre os dois grupos, principalmente através dos seus membros holandeses e ingleses. O casal Smithson, por exemplo, também fazia parte de um grupo londrino, *The Independent Group*, grupo de debates na origem do Pop Art inglês, que tinha ligações diretas com o IAC, Institute of Contemporary Arts. O grupo psicogeográfico londrino e a própria IS também estiveram ligados ao ICA durante a 4ª conferência da IS em Londres, em 1960.

Aldo Van Eyck é o caso mais explícito desse intercâmbio. Era amigo pessoal de Constant e ambos, assim como Asger Jorn,⁶³ fizeram parte do grupo Cobra, um dos grupos formadores da IS. Van Eyck e Constant chegaram a redigir juntos um manifesto em 1952: *Voor een spatiaal colorisme* (Por um colorismo espacial), apelo para uma evolução conjunta da arquitetura e da pintura. Um outro membro holandês do Team X, Jacob Bakema, passou a ser responsável em 1959, junto com Van Eyck, pela nova linha editorial da revista *Forum*,⁶⁴ que publicou, e assim difundiu no campo do urbanismo, textos situacionistas e, sobretudo, imagens de maquetes e desenhos da cidade utópica idealizada por Constant: Nova Babilônia.

Nova Babilônia não é um projeto de urbanismo. Também não é uma obra de arte no sentido tradicional do termo, nem um exemplo de estrutura arquitetônica. Pode-se apreendê-la na forma atual, como uma proposta, uma tentativa de materializar a teoria do urbanismo unitário, para se

*obter um jogo criativo com um ambiente imaginário, que está aí para substituir o ambiente insuficiente, pouco satisfatório, da vida atual. A cidade está morta, vítima da utilidade. Nova Babilônia é um projeto de cidade onde se pode viver. E viver quer dizer criar.*⁶⁴

Nova Babilônia foi uma tentativa de Constant de materializar o pensamento urbano situacionista. O que por princípio básico já era contraditório, uma vez que esta seria uma forma, um modelo para uma cidade que deveria ser o resultado aleatório, impossível de ser planejado, de uma construção coletiva e livre. Esta contradição — o motivo maior da briga entre Debord e Constant que resultou no desligamento deste da IS — fica evidente em uma simples comparação entre o discurso de Constant e o modelo proposto. O modelo acaba congelando, restringindo e aprisionando o próprio discurso que pregava a mobilidade, a liberdade total e a criação da cidade pelos seus habitantes.

Constant inspirou-se nos acampamentos de ciganos, e Nova Babilônia deveria ser uma cidade nômade em escala mundial, ou melhor, uma cidade móvel para uma população nômade sem fronteiras, que se iria construindo de acordo com os deslocamentos desta população. Ele citava Vaida Voivod III, presidente da comunidade mundial dos ciganos em 1963:

Nós somos o símbolo vivo de um mundo sem fronteiras, de um mundo de liberdade, sem armas, onde cada um pode viajar sem problemas das esteiras da Ásia central até o litoral do oceano Atlântico, dos planaltos da África do Sul à floresta da Finlândia.

A definição de Nova Babilônia seria então: "onde se constrói sob uma cobertura, com ajuda de elementos móveis, uma casa coletiva; uma habitação temporária, constantemente remodelada; um campo de nômades em escala planetária".⁶⁵

Os desenhos e maquetes de Nova Babilônia detalhavam essa megaestrutura que iria se desenvolver quase organicamente sobre as cidades existentes, que se ligariam entre si até envolver todo o planeta em uma enorme rede. "Nova Babilônia não pára em lugar algum (já que a Terra é redonda); ela não conhece fronteiras, todos os lugares são acessíveis a todos". Constant falava em rede e espaço dinâmico, termos que os membros do Team X também usavam na mesma época — mas para propostas bem reais, formalmente muito semelhantes, e em escala bem mais reduzida — principalmente *Web*, por Shandrack Woods, *Mobility* e *Cluster*, pelo casal Smithson.

Ao contrário dos membros do Team X que pensavam em alternativas concretas, a proposta de Constant era abertamente utópica e se baseava em uma nova sociedade que seria formada pelo *homo ludens* — termo criado por Huizinga

no livro *Essai sur la fonction sociale du jeu* —, que substituiria o *homo faber*. "Até agora a principal atividade do homem foi a exploração do meio natural. O *homo ludens* vai transformar, recriar esse meio, segundo suas novas necessidades." Constant também desenvolveu em Nova Babilônia a idéia de labirinto, já presente desde os letristas, como no texto *Ariane au chômage*,⁶⁶ criando a idéia de labirinto dinâmico:

*Enquanto na sociedade utilitária se persegue a otimização do espaço, garantia de eficácia e economia de tempo, em Nova Babilônia se privilegia a desorientação que promove a aventura, o jogo, a mudança criadora. O espaço de Nova Babilônia tem todas as características de um espaço labirintico onde os movimentos podem ocorrer sem impedimentos de ordem espacial ou temporal.*⁶⁷

É interessante notar que Aldo Van Eyck também desenvolveu uma idéia de claridade labirintica em seus escritos e projetos, inspirada principalmente no estudo da arquitetura vernácula dos Dogons.

A semelhança formal da cidade utópica de Constant com os projetos reais dos integrantes do Team X, particularmente Van Eyck e os Smithsons, é nítida.⁶⁸ Assim como também é clara a influência dessa proposta, em particular do ponto de vista formal, nos vários grupos utópicos e irônicos dos anos 1960, e todos aqueles que passam a propor novas megaestruturas (base da arquitetura High Tech) e arquiteturas móveis neste período, como GEAM,⁶⁹ o grupo inglês Archigram e Cédric Price,⁷⁰ o grupo francês Utopie⁷¹ e vários outros grupos — Metabolistas japoneses, Archizoom e Superstudio italianos etc.

Infelizmente, depois do desaparecimento, no campo do urbanismo, dos últimos grupos utópicos, a questão formal de Nova Babilônia foi a única que continuou mais fortemente presente para as novas gerações de arquitetos e urbanistas — em sua maioria ávidos somente por imagens e formas inovadoras — em detrimento do próprio pensamento urbano situacionista, que constituiu a sua base teórica. Nova Babilônia, antes de um modelo formal, seria um modelo de reflexão e por isso mesmo utópico em seu sentido original, de crítica ao presente através da visão futura.

Ter uma vida significa criá-la e recriá-la sem parar. O homem não pode ter vida se não a criou por si mesmo. Quando a luta pela existência for apenas uma lembrança, ele poderá, pela primeira vez na história, dispor livremente de toda a duração de sua vida. Conseguirá, com plena liberdade, moldar na sua existência a forma de seus desejos. Em vez de ficar passivo diante de um mundo que não o satisfaz, ele vai criar um outro, onde

poderá ser livre. Para poder criar a sua vida, precisa criar esse mundo. E essa criação, como a outra, são parte de uma mesma sucessão ininterrupta de recriações. Nova Babilônia só poderá ser obra dos seus habitantes, unicamente o produto de sua cultura. Para nós, ela só é um modelo de reflexão e jogo.⁷²

O pensamento urbano situacionista, e principalmente sua crítica ao urbanismo enquanto disciplina, poderia ser visto hoje, pelo próprio campo do urbanismo, como um convite à reflexão, à auto-crítica e ao debate. Um apelo contra a espetacularização das cidades e um manifesto pela participação efetiva — não apenas para parecer “politicamente correto” como vem ocorrendo —, da população nas decisões urbanas. Os textos a seguir ainda podem ser vistos, dentro da inércia teórico-especulativa atual, como uma proposta para se pensar agora, junto com todos os atores sociais urbanos contemporâneos, sobre o futuro das cidades existentes e a construção das novas cidades do futuro.

Paola Berenstein Jacques

Arquiteta e urbanista, doutora em história da arte pela Universidade de Paris I, professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

NOTAS

- ¹ *Potlatch* n° 2, 29 de junho de 1954, texto coletivo do grupo Internacional Letrista.
- ² Exatos cinqüenta anos da projeção do primeiro filme de Guy Debord *Hurlements en faveur de Sade* (30 de junho de 1952).
- ³ Os anos 1960 foram marcados mundialmente pela organização das minorias culturais, pelos movimentos de contracultura ou de culturas alternativas ou marginais, pelas manifestações revolucionárias e pelas reivindicações sociais e culturais mais diversas. Um dos maiores símbolos da época, a manifestação estudantil de maio de 1968 em Paris, reuniu vários grupos, ditos revolucionários ou contraculturais, e, entre eles, aqueles que formaram a base teórica do movimento: os situacionistas.
- ⁴ Sobre a disneylandização urbana norte-americana ver SORKIN, M. (ed.), *Variations on a theme park: the new american city and the end of public space*, Nova York, Hill and Wang, 1992, e sobre a patrimonialização das cidades européias ver JEUDY, H.-P. (org.), *Patrimoines en folie*, Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1998 e *La machinerie patrimoniale*, Paris, Sens&Tonka, 2001.
- ⁵ Alusão à “biblia” neo-moderna, o livro *S,M,L,XL*, Nova York, The Monacelli Press, 1995, de um dos maiores representantes desta corrente, o arquiteto holandês Rem Koolhaas.
- ⁶ Um bom exemplo recente dessa espetacularização foi a exposição *Mutations (2000/2001)*, em Bordeaux; ver catálogo publicado por ACTAR e Arc en Rêve, Barcelona/Bordeaux, 2001.
- ⁷ Que se parece muito com as discussões travadas durante a crise urbana do final do século XIX, causada pela primeira modernização das cidades européias (início do urbanismo como disciplina), e em particular o debate em Viena entre Camillo Sitte e Otto Wagner, com influência de Alois Riegl, e que continuou, logo em seguida, com Adolf Loos.
- ⁸ Ou elitização, expulsão da população mais pobre de uma área da cidade para sua “requalificação”.
- ⁹ “O centro de Paris foi radicalmente remodelado em função do automóvel, o que não exclui a tendência complementar de restaurar, aqui e ali, alguns redutos urbanos isolados, transformados em objetos de espetáculo turístico, simples extensão do museu tradicional, tendência segundo a qual um bairro inteiro pode tornar-se monumento”, *IS* n° 9 (1964).
- ¹⁰ Em seguida mostraremos que um grupo de jovens que fazia parte do movimento moderno, dos CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), e ficou conhecido como Team X (organizadores do CIAM X), tinha contato com os situacionistas e também já estava fazendo, de dentro dos CIAMs, uma crítica à antiga geração de arquitetos modernos e à Carta de Atenas.
- ¹¹ A Carta de Atenas se refere às discussões acerca da Cidade Funcional travadas durante o CIAM IV a bordo do *Patris II* em uma travessia Marselha-Atenas em 1933. A Carta só foi publicada dez anos depois, durante a ocupação alemã de Paris, pelo próprio Le Corbusier (sem a sua assinatura). Outra versão dos debates é publicada por J.-L. Sert, exilado nos Estados Unidos; o texto referente ao CIAM IV é muito semelhante mas o livro de Sert, *Can our cities survive?*, é ilustrado e mostra fotografias das cidades norte-americanas na década de 1940, que já antecipam de certa forma os princípios propostos pela Carta. Vistas hoje, essas fotografias podem até parecer o anúncio do esgotamento das idéias urbanas modernas e do início do fim do próprio movimento (dos CIAMs). Algumas versões da Carta foram

recentemente publicadas em (outras) *Cartas de Atenas, contextos originais*, organizado por Antonio Heliodoro Lima Sampaio, Salvador, Quarteto / PPG-AU / FAUFBA, 2001.

- ¹² A proposta urbana de Le Corbusier, exposta como uma doutrina na Carta de Atenas, vinha sendo massificadamente construída na Europa do pós-guerra, principalmente sob a forma de enormes conjuntos habitacionais modernistas. Para os letristas (futuros situacionistas), esses conjuntos monótonos e repetitivos, e sobretudo a separação de funções proposta por Le Corbusier, que virou ponto de doutrina na Carta, provocavam a passividade e a alienação da sociedade diante da monotonia da vida cotidiana moderna. Desde os primeiros números de *Potlatch* (informativo da Internacional Letrista) de 1954, Le Corbusier passa a ser um dos maiores alvos de críticas irônicas. Ele é citado como "le protestant modulaire, le Corbusier-Sing-Sing" [o protestante homem ideal, o Corbusier-arquiteto da prisão], suas obras são vistas como "le style caserne" [no estilo quartel], o urbanismo moderno seria "sempre inspirado por ordens policiais; que, no fundo, Haussmann só abriu os bulevares para facilitar a passagem dos canhões" e que "o atual padrão de moradia inspira-se no dos presídios". E os letristas perguntavam: "Será que o Sr. Le Corbusier tem alguma idéia das necessidades do homem?". Ver *Guy Debord présente Potlatch (1954-1957)*, Paris, Gallimard, 1996.
- ¹³ *Potlatch* n° 15, 22 de dezembro de 1954, do texto "Une architecture de la vie", assinado por Asger Jorn.
- ¹⁴ *IS* n° 3, dezembro de 1959, texto coletivo "O urbanismo unitário no fim dos anos 1950" (p. 100).
- ¹⁵ *Idem*.
- ¹⁶ É evidente que o contexto histórico dessa crítica situacionista deve ser levado em consideração, mas a partir do momento em que o discurso situacionista, sempre marginal e avesso a qualquer classificação, estiver devidamente historicizado — mesmo que isso possa exigir o alto preço da perda de autenticidade (do lado mítico, e talvez de um pouco do próprio espírito apaixonado e revolucionário) e corra o risco de se tornar um "efeito de moda", talvez até mesmo "espetacular" (o que já vem ocorrendo na Europa e nos EUA há anos e, em particular, e mais recentemente, no campo da arquitetura e do urbanismo) — a crítica situacionista poderá de fato servir como base inspiradora para a construção de uma teoria crítica da situação urbana contemporânea.
- ¹⁷ Até mesmo porque o próprio surgimento destes novos modelos e propostas depende de uma desconstrução eficaz dos modelos e propostas já existentes, o que só poderá ser iniciado por uma crítica consequente do momento presente.
- ¹⁸ In DEBORD, G., *Panegyrique*, Paris, Editions Gérard Lebovici, 1989 (autobiografia), recentemente traduzido para o português em *Panegrico*, São Paulo, Conrad, 2002. Para um histórico mais completo da *IS* ver: MARTOS, J. F., *Histoire de l'Internationale Situationniste*, Paris, Editions Gérard Lebovici, 1989.
- ¹⁹ Isou costumava dizer que da mesma forma que Baudelaire desfez a poesia, Verlaine o poema, Rimbaud o verso, ele, Isou, reduziu tudo a letras, e daí a origem dos letristas.
- ²⁰ O filme de Debord — a base da disputa entre velhos e novos letristas — era basicamente formado por seqüências de telas brancas e negras, e assim ele pretendia declarar a morte do cinema e propunha ir além do princípio de passividade do espectador (o que conseguiu pois após vinte minutos de projeção o público, indignado, deixou a sala).
- ²¹ O último número de *Potlatch*, de n°30, já foi publicado depois do fim da II e no início da *IS*.
- ²² In *Potlatch* n° 3, crítica à Ville Radieuse de Le Corbusier.

²³ In *Potlatch* n° 5, crítica ao urbanismo em geral e a Le Corbusier em particular.

²⁴ In *Potlatch* n° 15, crítica aos funcionalistas e racionalistas em geral.

²⁵ In *Potlatch* n° 20, apologia da cidade como terreno para o jogo; a teoria de Huizinga e mais uma vez, Le Corbusier, são citados.

²⁶ In *Potlatch* n° 23, idéias e propostas irônicas dos letristas para transformar Paris em um terreno de jogo, ou como eles diziam, oferecer soluções para diversos problemas de urbanismo desta cidade.

²⁷ Considerada "surrealista" e editada por M. Marien, essa revista publicou em 1955 um texto de Debord importante para a compreensão do pensamento urbano situacionista: "Introdução a uma crítica da geografia urbana" (cf. p. 39).

²⁸ Charles Fourier (1772-1837), filósofo e economista francês, fundou a revista *Le Phalanstère*: crítica feroz à sociedade industrial burguesa e proposta de uma nova sociedade e de uma nova cidade-edifício (*Phalange* ou *Phalanstère*) utópica, socialista e hedonista. O prazer libidinoso, as orgias e os costumes libertinos estariam na base dessa nova comunidade. Fourier descreve com precisão o novo edifício, um enorme complexo arquitetônico. O fourierismo influenciou muito os surrealistas, principalmente André Breton, mas também Marx e Engels.

²⁹ É importante ressaltar que o escultor e arquiteto suíço Max Bill foi a grande atração da Primeira Bienal de São Paulo em 1951 e influenciou toda uma geração de artistas brasileiros de tendência concretista, principalmente o grupo paulista.

³⁰ Ver o texto pronunciado nesta ocasião: "Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional" (p. 43).

³¹ Publicado em português: *IS, Situacionista, teoria e prática da revolução*, São Paulo, Conrad, 2002.

³² VANEIGEM, R., *A arte de viver para as novas gerações*, São Paulo, Conrad, 2002.

³³ *A sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997. Este livro é um claro desvio (*détournement*) de vários textos, principalmente de Marx e Hegel, e de alguns manifestos, como o comunista. A crítica ao espetáculo, que já estava presente nos números da *IS*, passa a ser um dos temas principais de Debord; esta crítica era na verdade um alerta incessante à alienação da sociedade gerada pelo fetichismo da mercadoria.

³⁴ DEBORD, G., "Thèses sur l'Internationale Situationniste et son temps". In: *La véritable scission dans l'Internationale Situationniste*, com Gianfranco Sanguinetti, Paris, Champ Libre, 1972.

³⁵ DEBORD, G., "De l'architecture sauvage". In JORN, A., *Le jardin d'Albissola (1974)*, republicado em *On the passage of a few people through a rather brief moment in time: the Situationist International*, Cambridge Mass., MIT, 1989.

³⁶ DEBORD G., "Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional" (p. 43).

³⁷ *Idem*.

³⁸ VANEIGEM, R., "Comentários contra o urbanismo", *IS* n° 6 (p.153).

³⁹ Exceto Constant, que insistiu na proposta de uma cidade utópica, Nova Babilônia, produzindo inúmeros mapas e maquetes, formalizando um verdadeiro projeto, o que provocou um desentendimento com Debord e seu desligamento da *IS* em 1960. Constant entrou em

choque com a IS porque se preocupava em primeiro lugar, e quase exclusivamente, com as questões de estrutura de certos conjuntos de urbanismo unitário, ao passo que outros situacionistas assinalavam que, no estado em que se encontrava tal projeto, era preciso enfatizar o conteúdo (de jogo, de criação livre da vida cotidiana). Logo, as teses de Constant valorizavam mais os técnicos das formas arquitetônicas do que a busca por uma cultura global." (IS n° 5). Assim Constant abandonou a IS, foi substituído por Attila Kotányi, mas continuou desenvolvendo o projeto de Nova Babilônia por uma década. Ver LAMBERT, J. C., *New Babylon — Constant, Art et utopie*, Paris, Cercle d'Art, 1997.

- ⁴⁰ VANEIGEM, R. e KOTÁNYI, A., "Programa elementar do *bureau* de urbanismo unitário", IS n° 6 (cf. p. 139).
- ⁴¹ LE CORBUSIER, *Por uma arquitetura*, São Paulo, Perspectiva, 1989 (orig. *Vers une architecture*, 1923).
- ⁴² VANEIGEM, R. e KOTÁNYI, A., "Programa elementar do *bureau* de urbanismo unitário", IS n° 6 (cf. p. 139).
- ⁴³ DEBORD, G., "Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional" (cf. p. 43).
- ⁴⁴ Todas as definições situacionistas foram publicadas na IS n° 1 (cf. p. 65).
- ⁴⁵ DEBORD, G., "Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional" (cf. p. 43).
- ⁴⁶ O contato entre os situacionistas e o sociólogo e filósofo Henri Lefebvre (1901/1991) foi em um primeiro momento extremamente cordial mas depois trouxe vários desentendimentos, principalmente com Debord, que não aceitava as implicações institucionais de Lefebvre (tanto com o partido comunista quanto com a universidade), e a dissociação entre sua vida e seu pensamento teórico. Lefebvre, importante e conceituado pensador marxista, publicou inúmeros livros sobre a questão urbana, e talvez o mais importante deles, no auge de Maio de 68, *Le droit à la ville*.
- ⁴⁷ O primeiro livro, *Introduction à la critique de la vie quotidienne*, é publicado em 1946; o segundo, *Critique de la vie quotidienne*, em 1963, e o último e mais conhecido em 1968: *La vie quotidienne dans le monde moderne*.
- ⁴⁸ "Lefebvre on the Situationists: an interview", in *October* n° 79, inverno de 1997, MIT Press.
- ⁴⁹ Outros tipos semelhantes de experiências ou simples reflexões sobre o espaço urbano provocavam ou consideravam a própria experiência estética ou a apreensão afetiva desses espaços. Podemos tentar traçar uma linha de artistas e teóricos que viria desde Baudelaire, da ideia de *flâneur* (em 1863, no texto *Le peintre de la vie moderne*), passando pelos dadaístas com as excursões urbanas por lugares banais, as deambulações aleatórias organizadas por Aragon, Breton, Picabia e Tzara, entre outros, que continuaram com os surrealistas liderados por Breton, pela experiência física da errância no espaço real urbano que foi a base dos manifestos surrealistas (e dos livros *Le paysan de Paris* de 1926 de Aragon e *Nadja* de 1928 e *L'Amour fou* de 1937, ambos de Breton), que desenvolvem a ideia de *hasard objectif*; depois disso, Walter Benjamin retomou o conceito de *flâneur* de Baudelaire e Aragon, e começou a trabalhar com a ideia de *flânerie*, ou seja, de flanâncias urbanas, a investigação do espaço urbano pelo *flâneur* (principalmente de Paris e de suas passagens cobertas no *Le livre des passages*). Apesar de o *flâneur* ser para os situacionistas o protótipo do burguês entediado e sem propostas, e da tentativa destes de se distanciarem das, segundo eles, *promenades imbéciles* surrealistas, os situacionistas contribuíram para desenvolver essa mesma ideia ao

propor a noção de deriva urbana, da errância voluntária pelas ruas. Sem dúvida houve uma grande influência dadaísta, por exemplo da famosa excursão dadaísta — sempre propostas em lugares escolhidos precisamente por sua banalidade e falta de interesse — à igreja Saint-Julien-le-Pauvre em Paris, que ficou conhecida como *1ère Visite* e ocorreu na quinta-feira, 14 de abril de 1921 às 15 horas, quando Breton leu um manifesto para *épater les bourgeois*.

- ⁵⁰ Essas ideias se desenvolveram também no meio artístico após os situacionistas. Logo em seguida o grupo neodadaísta Fluxus (Maciunas, Patterson, Filliou, Öno etc.) também propôs experiências semelhantes; foi a época dos *happenings* no espaço público. No Brasil os tropicalistas também tiveram algumas ideias semelhantes, principalmente o *Delírio Ambulatorium* de Hélio Oiticica (outros artistas brasileiros já tinham proposto experiências no espaço urbano bem antes, como, por exemplo, Flávio de Carvalho). Dentro do contexto da arte contemporânea, vários artistas trabalharam no espaço público de uma forma crítica ou com um questionamento teórico, e, entre vários outros, podemos citar: Krzysztof Wodiczko, Daniel Buren, Gordon Matta-Clark ou Dan Graham. O denominador comum entre esses artistas e suas ações urbanas seria o fato de eles verem a cidade como campo de investigações artísticas e novas possibilidades sensíveis; eles acabavam assim mostrando outras maneiras de se analisar e estudar o espaço urbano através de suas obras/experiências.
- ⁵¹ DEBORD, G., "Introdução a uma crítica da geografia urbana" (cf. p. 39).
- ⁵² Debord e Jorn realizaram juntos dois livros ilustrados, feitos basicamente de colagens e outros "mapas": *Fin de Copenhague*, Copenhague, MBI, 1957, e *Mémoires*, Copenhague, IS, 1959, além do mapa *Guide psychogéographique de Paris — Discours sur les passions de l'amour* (1956).
- ⁵³ Os desvios de direção espontâneos feitos por alguém que circula nesses ambientes, alheio às conexões úteis que usualmente direcionam seu caminho.
- ⁵⁴ *The Naked City*, de 1948, de Albert Maltz e Malvin Wadd, é uma história de detetives que investigam casos em Nova York. O filme se passa em Manhattan, nas ruas e nos espaços públicos dessa parte da cidade. O título do filme, por sua vez, foi retirado de um livro de fotos de crimes publicado em 1945.
- ⁵⁵ Chombart de Lauwe escreveu, antes do seu clássico sobre Paris, dois livros sobre fotografias aéreas: *La découverte aérienne du monde* em 1948 e *Photographies aériennes. L'étude de l'homme sur terre* em 1949.
- ⁵⁶ DEBORD, G., "Introdução a uma crítica da geografia urbana" (cf. p. 39).
- ⁵⁷ *Potlatch* n° 23, outubro de 1955, do texto coletivo "Protestation auprès de la rédaction du Times".
- ⁵⁸ Simbolizados por uma doutrina, a Carta de Atenas, por seu principal defensor, Le Corbusier, e pelo ícone do pós-guerra, os conjuntos habitacionais modernistas.
- ⁵⁹ In MUMFORD, E., *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960*, Cambridge Mass., MIT, 2000 (todas as citações de originais dos CIAMs são desse livro). Aldo Van Eyck fez estudos etnológicos, principalmente dos *Dogons* e *Pueblos*, e sempre se interessou pelo que foi chamado de arquitetura vernácula ou popular.
- ⁶⁰ Podemos dividir os dez CIAMs em três fases distintas: CIAMs I a III, domínio da língua alemã (suíços e alemães), início do movimento e preocupações sociais e técnicas (racionalização da construção); CIAMs IV a VII, domínio da língua francesa (em particular, Le Corbusier), construção de uma doutrina funcionalista e urbana, Carta de Atenas; CIAMs

VIII a X, domínio da língua inglesa (ingleses e holandeses), Team X e dissolução do movimento. Um último colóquio, fim oficial do movimento, e que já não utilizava o termo CIAM, foi realizado em 1959 em Otterloo, Holanda.

- ⁶² A festa de encerramento deste evento se deu no terraço-jardim da novíssima Unité d'Habitation de Le Corbusier (conjunto habitacional-tipo em Marselha) e representou uma despedida de Le Corbusier, que não participou mais dos colóquios seguintes, já completamente dominados pela nova geração moderna (Team X).
- ⁶³ Jorn aparentemente só cultivava contatos com seus inimigos de dentro dos CIAMs. Isso apesar do próprio Jorn ter trabalhado com Le Corbusier, assim como seu arqui-inimigo Max Bill, que fazia parte da ala ultra-racionalista do CIAM.
- ⁶⁴ A revista é fundada em 1946 e, entre 1959 e 1963, Bakema e Van Eyck nela colaboraram; a partir dessa data Nikolaas Habraken passou a participar da linha editorial. Habraken trabalhou com a questão de habitação e participação popular e fundou o grupo SAR (Stichting Architecten Research), símbolo do urbanismo participativo holandês. O arquiteto membro do Team X mais voltado para questões participativas foi um italiano: Giancarlo di Carlo, que posteriormente realizou uma experiência interessante em Trevi (1970/1975).
- ⁶⁵ Constant, *Nouvelle Babylone* (1960), in Conrads U., *Programmes et manifestes de l'architecture du XXème siècle*, Paris, La Villette, 1991.
- ⁶⁶ Constant, *New Babylon*, in LAMBERT J.-C., *New Babylon — Constant, Art et utopie*, Paris, Cercle d'Art, 1997.
- ⁶⁷ In *Potlatch* n° 9, 1954: "Percebe-se imediatamente o ordenamento cartesiano do pretenso labirinto do Jardin des Plantes em Paris e o respectivo aviso: É PROIBIDO BRINCAR NO LABIRINTO. É a mais clara síntese do espírito de toda uma civilização. É essa civilização que queremos derrubar".
- ⁶⁸ Constant, *New Babylon*, in LAMBERT, J.-C., *New Babylon — Constant, Art et utopie*, Paris, Cercle d'Art, 1997.
- ⁶⁹ Ver comparações formais dos projetos em: SADLER S., *The Situationist City*, Cambridge Mass., MIT Press, 1998.
- ⁷⁰ Groupe d'Études d'Architecture Mobile, coordenado por Yona Friedman.
- ⁷¹ Que também participaram do *The Independent Group* e propuseram cidades utópicas como *Walking City* ou *Instant City*.
- ⁷² Formado, entre outros, por Jean Baudrillard e Hubert Tonka, que tinham sido anteriormente assistentes de Lefebvre.
- ⁷³ Constant, *New Babylon*, in LAMBERT, J.-C., *New Babylon — Constant, Art et utopie*, Paris, Cercle d'Art, 1997.

internationale situationniste

bulletin central édité par les sections de l'internationale situationniste

INTRODUÇÃO A UMA CRÍTICA DA GEOGRAFIA URBANA

De tantas histórias de que participamos, com ou sem interesse, o único aspecto que ficou e apaixona é a pesquisa, fragmento por fragmento, de um novo modo de vida. Pouca atenção merecem algumas disciplinas, estéticas ou não, cuja insuficiência a esse respeito logo se percebe. Será necessário definir algumas áreas provisórias de observação. E entre elas a observação, nas ruas, de certos processos do acaso e do previsível.

A palavra psicogeografia, proposta por um cabila analfabeto para designar o conjunto dos fenômenos observados por nosso grupo no verão de 1953, tem sua razão de ser. Faz parte da perspectiva materialista do condicionamento da vida e do pensamento pela natureza objetiva. A geografia, por exemplo, explica a ação determinante de forças naturais gerais, como a composição dos solos ou os regimes climáticos, sobre as formações econômicas da sociedade e, por isso, sobre o conceito de mundo que esta pode ter. A psicogeografia seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos. O adjetivo psicogeográfico, que guarda uma imprecisão interessante, pode portanto ser aplicado aos dados estabelecidos por esse gênero de pesqui-

sa, aos resultados de sua influência sobre os sentimentos humanos e até, de modo mais geral, a qualquer situação ou conduta que pareçam provir do mesmo espírito de descoberta.

O deserto é monoteísta, já disseram há muito tempo. Parecerá ilógica, ou desprovida de interesse, a constatação de que o bairro parisien- se que vai da praça da Contrescarpe à rua da Arbalète exerce uma influência no sentido do ateísmo, do esquecimento, e da desorientação dos reflexos habituais?

É bom, no que se refere ao aspecto utilitário, manter uma visão relativa da história. A preocupação de dispor de espaços livres que permitissem a circulação rápida de tropas e o emprego da artilharia contra as insurreições foi o que deu origem ao plano de embelezamento urbano adotado pelo Segundo Império. Mas, a não ser do mero ponto de vista policial, a Paris do barão Haussmann é uma cidade construída por um idiota, barulhenta e agitada, que não significa nada.

Hoje, o principal problema que o urbanismo tem a resolver consiste em melhorar o tráfego do crescente número de veículos automotores. É possível que um urbanismo futuro se dedique a construções, igualmente utilitárias, que levem em consideração as potencialidades psicogeográficas.

Tous les textes publiés dans
« INTERNATIONALE SITUATIONNISTE »
peuvent être librement reproduits, traduits ou adaptés,
même sans indication d'origine.

Assim, a atual proliferação de carros particulares é o resultado da propaganda incessante pela qual a produção capitalista convence as multidões — e é uma de suas vitórias mais estrondosas — de que a posse de um carro é exatamente uma das vantagens que a sociedade reserva aos privilegiados. (Como o progresso anárquico acaba por negar a si próprio, é divertido ver o filme-propaganda em que o secretário municipal solicita aos parisienses proprietários de veículos que utilizem os transportes coletivos.)

Já que a idéia de privilégio se encontra até em assuntos tão medíocres e que tantas pessoas — bem pouco privilegiadas aliás — estão ferrenhamente dispostas a defender suas poucas vantagens, é forçoso constatar que todos esses detalhes fazem parte de uma idéia de felicidade, idéia inata na burguesia e mantida por um sistema publicitário que engloba tanto a estética de Malraux quanto os ditames da Coca-Cola; sistema esse que precisa ser combatido em todos os momentos e por todos os meios.

Os meios iniciais são a divulgação, com o intuito de provocação sistemática, de inumeráveis propostas que buscam tornar a vida um jogo integral apaixonante; outro meio é a depreciação incessante de todos os divertimentos atuais, caso eles não possam ser redirecionados para a construção de ambiências mais interessantes. É verdade que a maior dificuldade desse projeto é mesclar propostas aparentemente delirantes com uma dose sufici-

ente de sedução séria. Para tal, pode-se tentar uma prática inteligente dos meios de comunicação mais apreciados atualmente. Além disso, uma espécie de abstenção espalhafatosa, ou manifestações visando à decepção radical desses meios de comunicação, mantêm com firmeza e sem grande esforço uma atmosfera desagradável que favorece muitíssimo a introdução de novas noções de prazer.

A idéia de que a realização de uma situação afetiva escolhida depende apenas do conhecimento rigoroso e da aplicação deliberada de certos mecanismos concretos foi a inspiradora do "Jogo psicogeográfico da semana", publicado, em tom bem-humorado, no número 1 de *Potlatch*:

"Em função do que você procura, escolha uma região, uma cidade de razoável densidade demográfica, uma rua com certa animação. Construa uma casa. Arrume a mobília. Capriche na decoração e em tudo que a completa. Escolha a estação e a hora. Reúna as pessoas mais aptas, os discos e a bebida convenientes. A iluminação e a conversa devem ser apropriadas, assim como o que está em torno ou suas recordações. Se não houver falha no que você preparou, o resultado será satisfatório."

É preciso lançar no mercado, nem que por enquanto seja só no mercado intelectual, uma quantidade de desejos cuja riqueza não ultrapasse os atuais meios de ação do homem no mundo material mas supere a velha organização social. É até de interesse

político opor publicamente tais desejos aos desejos primários que não param de ser remóidos seja pela indústria cinematográfica, seja pelos romances psicológicos, como os do enfadonho Mauriac.

("Numa sociedade fundada sobre a miséria, os produtos mais miseráveis têm a fatal prerrogativa de servir para a maioria", explicava Marx ao pobre Proudhon.)

A transformação revolucionária do mundo, de todos os aspectos do mundo, dará razão a todas as idéias de abundância.

A brusca mudança de ambiência numa rua, numa distância de poucos metros; a divisão patente de uma cidade em zonas de climas psíquicos definidos; a linha de maior declive — sem relação com o desnível — que devem seguir os passeios a esmo; o aspecto atraente ou repulsivo de certos lugares; tudo isso parece deixado de lado. Pelo menos, nunca é percebido como dependente de causas que podem ser esclarecidas por uma análise mais profunda, e das quais se pode tirar partido. As pessoas sabem que existem bairros tristes e bairros agradáveis. Mas estão em geral convencidas de que as ruas elegantes dão um sentimento de satisfação e que as ruas pobres são deprimentes, sem levar em conta nenhum outro fator. De fato, a variedade de possíveis combinações de ambiências, análoga à dissolução dos corpos químicos num número infinito de misturas, provoca sentimentos tão diferenciados e complexos quan-

to os suscitados por qualquer outra forma de espetáculo. E a mínima prospecção desmistificada mostra que nenhuma distinção, qualitativa ou quantitativa, das influências dos diversos cenários construídos numa cidade pode ser formulada a partir de uma época ou de um estilo arquitetônico, e menos ainda a partir das condições de habitat.

As pesquisas que precisam ser feitas sobre a disposição dos elementos do quadro urbano, em estreita ligação com as sensações que eles provocam, exigem hipóteses arrojadas que convém corrigir constantemente, à luz da experiência, pela crítica e pela autocrítica.

Alguns quadros de De Chirico, que são nitidamente motivados por sensações de origem arquitetônica, podem exercer, em retorno, uma ação sobre a base objetiva, até transformá-la: os próprios quadros tendem a tornar-se maquetes. Inquietantes bairros com fachadas de arcadas podem um dia prolongar e realizar o fascínio dessa obra.

Acho que apenas os dois portos ao crepúsculo pintados por Claude Lorrain, que se encontram no museu do Louvre e que retratam a fronteira de duas ambiências urbanas muitíssimo diferentes, são comparáveis em beleza aos mapas do metrô parisiense. É evidente que quando falo aqui de beleza não me refiro à beleza plástica — a nova beleza só pode ser uma beleza de situação —, mas à apresentação tão emocionante, em ambos os casos, de uma soma de possibilidades. Entre diversos recursos de mais difícil

aplicação, parece realizável de imediato uma renovação da cartografia.

A confecção de mapas psicogeográficos e até simulações, como a equação — mal fundada ou completamente arbitrária — estabelecida entre duas representações topográficas, podem ajudar a esclarecer certos deslocamentos de aspecto não gratuito mas totalmente insubmisso às solicitações habituais. As solicitações dessa série costumam ser catalogadas sob o termo de turismo, droga popular tão repugnante quanto o esporte ou as vendas a crédito. Há pouco tempo, um amigo meu percorreu a região de Hartz, na Alemanha, usando um mapa da cidade de Londres e seguindo-lhe cegamente todas as indicações. Essa espécie de jogo é um mero começo diante do que será a construção integral da arquitetura e do urbanismo, construção cujo poder será um dia conferido a todos. Enquanto isso, é possível distinguir vários estágios de realizações parciais, menos infelizes, a começar pelo simples deslocamento de elementos decorativos que estamos acostumados a encontrar em posições preparadas de antemão. Assim Mariën, no último número desta revista, propunha que se juntassem ao acaso, quando os recursos mundiais deixarem de ser esbanjados nas obras irracionais que hoje nos são impingidas, todas as estátuas equestres de todas as cidades numa única planície deserta. Isso ofereceria

aos visitantes — o futuro a eles pertence — o espetáculo de uma investida sintética de cavalaria, que poderia até ser dedicada à lembrança dos maiores exterminadores da história, de Tamerlan a Ridgway. Ressurge aqui uma das principais exigências de nossa geração: o valor educativo.

Com efeito, a única coisa a esperar é que as populações ativas tomem consciência das condições de vida que lhes são impostas em todos os setores, e dos meios práticos de mudar essa situação.

"O imaginário é o que tem tendência a se tornar real", escreveu um autor de quem, por sua falta de probidade no plano intelectual, não me lembro o nome. Tal afirmação, pelo que tem de restritivo, pode servir de pedra de toque e mostrar algumas paródias da revolução literária: o que tende a permanecer como ideal é a tagarelice.

A vida, que é responsabilidade nossa, encontra não só muitos motivos de desânimo mas também infinitas diversões e compensações mais ou menos vulgares. Não se passa ano sem que pessoas que amávamos não se tenham deixado levar, por não terem compreendido as possibilidades existentes, a uma capitulação visível. Mas elas pouco modificam o campo inimigo que já contava com milhões de imbecis, e onde se está objetivamente condenado à imbecilidade. A primeira deficiência moral continua a ser a indulgência, sob todas as suas formas.

Guy-Ernest Debord
Les lèvres nues n° 6, 1955

RELATÓRIO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE SITUAÇÕES E SOBRE AS CONDIÇÕES DE ORGANIZAÇÃO E DE AÇÃO DA TENDÊNCIA SITUACIONISTA INTERNACIONAL

Revolução e contra-revolução na cultura moderna

Nossa primeira idéia: é preciso mudar o mundo. Queremos a mais libertadora mudança da sociedade e da vida em que estamos aprisionados. Sabemos que essa mudança é possível por meio de ações adequadas.

Nosso intuito é utilizar certos meios de ação, e descobrir ainda outros, mais facilmente identificáveis na área da cultura e dos costumes, mas que sejam aplicados na perspectiva de uma interação de todas as mudanças revolucionárias.

O que se costuma chamar de cultura reflete, assim como prefigura, em determinada sociedade, as possibilidades de organização da vida. Nossa época se caracteriza sobretudo pelo atraso da ação política revolucionária em relação ao desenvolvimento das possibilidades modernas de produção, que exigem uma organização superior do mundo.

Vivemos uma crise essencial da história, em que a cada ano aparece mais nítido o problema da dominação racional das novas forças produtivas, e da formação de uma civilização, em escala mundial. Todavia a ação do movimento operário internacional, do qual depende a prévia derrubada da infra-estrutura econômica de exploração, só obteve parciais sucessos locais. O capitalismo inventa novas formas de luta — dirigismo do mercado, crescimento do setor de distribuição, governos fascistas —; apóia-se no enfraquecimento das lideranças operárias; maquia, com a ajuda de diversas táticas reformistas, as oposições de classes. Assim, conseguiu manter até o momento as antigas relações sociais na maioria dos países altamente industrializados e privou a sociedade socialista de sua indispensável base material. Já os países subdesenvolvidos ou colonizados, que há dez anos se batem maciçamente e de modo mais sumário contra o imperialismo, acabam de obter importantes vitórias. Essas vitórias agravam as contradições da economia capitalista e, sobretudo no caso da revolução chinesa, favoreceram uma renovação do movimento revolucionário. Essa renovação não se limitará a reformas nos países capitalistas ou anticapitalistas, mas conseguirá desenvolver, por toda a parte, conflitos referentes à questão do poder.

O estilhaçamento da cultura moderna é o produto, no plano da luta ideológica, do paroxismo caótico desses antagonismos. Os novos desejos que se definem

estão mal formulados: os recursos da época permitem-lhes a realização, mas a estrutura econômica retardatária não consegue dar o devido valor a esses recursos. Ao mesmo tempo, a ideologia da classe dominante perdeu toda a coerência, pela depreciação de suas sucessivas concepções do mundo, o que a inclina ao indeterminismo histórico; pela coexistência de idéias reacionárias escalonadas cronologicamente, e em princípio inimigas, como o cristianismo e a social-democracia; pelo amálgama também dos contributos de várias civilizações estranhas ao Ocidente contemporâneo, das quais só recentemente se reconhecem os valores. O objetivo principal da ideologia da classe dominante é portanto a confusão.

Na cultura — ao usar a palavra cultura costumamos deixar de lado os aspectos científicos ou pedagógicos da cultura, mesmo se há uma confusão evidentemente quanto às grandes teorias científicas ou aos conceitos gerais do ensino; designamos assim um complexo da estética, dos sentimentos e dos costumes: a reação de uma época sobre a vida cotidiana —, os procedimentos contra-revolucionários confusionistas [*confusionistes*] são, paralelamente, a anexação parcial dos novos valores e uma produção deliberadamente anticultural com os recursos da grande indústria (romance, cinema), conseqüência natural do embrutecimento da juventude na escola e na família. A ideologia dominante organiza a banalização das descobertas subversivas e as difunde amplamente, depois de esterilizá-las. Consegue até servir-se dos indivíduos subversivos: quando mortos, fazendo um uso equívoco de suas obras; quando ainda em vida, graças à confusão ideológica geral, drogando-os com uma das místicas que ela mantém.

Uma das contradições da burguesia, em sua fase de liquidação, é portanto a de respeitar o princípio da criação intelectual e artística, opondo-se inicialmente a essas criações, para depois utilizá-las. Porque ela precisa manter uma minoria com senso crítico e de pesquisa, mas sob a condição de dirigir essa atividade para disciplinas utilitárias estritamente separadas, e afastar assim toda a crítica e pesquisa de âmbito mais amplo. Na área da cultura, a burguesia tenta afastar o gosto pelo que é novo, perigoso para ela em nossa época, e incita a busca de certas formas degradadas da novidade, que são inofensivas e confusas. Pelos mecanismos comerciais que comandam a atividade cultural, as tendências de vanguarda estão isoladas das frações que as podem apoiar, frações já restritas pelo conjunto das condições sociais. As pessoas que se destacam nessas tendências são em geral recebidas a título individual, à custa das retratações que se impõem: o ponto capital do debate é sempre a renúncia a uma reivindicação de conjunto e a aceitação de um trabalho atomizado, suscetível de diversas interpretações. É o que confere ao próprio termo "vanguarda", sempre manipulado pela burguesia, algo de suspeito e ridículo.

A própria noção de vanguarda coletiva, com o aspecto militante que implica, é um produto recente das condições históricas que provocam ao mesmo

tempo a necessidade de um programa revolucionário coerente na cultura, e a necessidade de lutar contra as forças que impedem o desenvolvimento desse programa. Tais grupos são levados a transpor para sua esfera de atividade alguns métodos de organização criados pela política revolucionária, e sua ação já não pode ser concebida sem ligação com uma crítica da política. A esse respeito, é notável a progressão entre o futurismo, o dadaísmo, o surrealismo, e os movimentos formados após 1945. Descobre-se porém em cada um desses estágios a mesma vontade universalista de mudança; e o mesmo esfacelamento rápido, quando a incapacidade de mudar profundamente o mundo real acarreta um recuo defensivo para as próprias posições doutrinárias cuja insuficiência acaba de ser revelada.

O futurismo, cuja influência partiu da Itália no período anterior à Primeira Guerra Mundial, adotou uma atitude de subversão da literatura e da arte que não deixava de trazer inúmeras novidades formais, mas que estavam fundadas apenas na aplicação muitíssimo esquemática da noção de progresso maquinal [*machiniste*]. O pueril otimismo técnico futurista desapareceu junto com o período de euforia burguesa que o provocara. O futurismo italiano desabou, do nacionalismo para o fascismo, sem jamais se alçar a uma visão teórica mais completa de seu tempo.

O dadaísmo, constituído por refugiados e desertores da Primeira Guerra Mundial em Zurique e Nova York, desejou ser o asilo de todos os valores da sociedade burguesa, cuja falência acabava de ser desvelada. Suas violentas manifestações, na Alemanha e na França do pós-guerra, referiram-se sobretudo à destruição da arte e da escrita, e, em menor proporção, a certas formas de comportamento (espetáculo, discurso, passeio) deliberadamente imbecis. Seu papel histórico foi o de ter desferido um golpe mortal no conceito tradicional de cultura. A dissolução quase imediata do dadaísmo era exigida por sua definição inteiramente negativa. Mas é certo que o espírito dadaísta determinou uma parte de todos os movimentos que lhe sucederam; e que um aspecto de negação, historicamente dadaísta, deverá aparecer em toda posição construtiva ulterior enquanto não forem varridas pela força as condições sociais que impõem a reedição de superestruturas corruptas, cujo processo intelectual já foi concluído.

Os criadores do surrealismo, que haviam participado na França do movimento dadaísta, tentaram definir o terreno de uma ação construtiva, a partir da revolta moral e do extremo desgaste dos meios de comunicação tradicionais marcados pelo dadaísmo. O surrealismo, proveniente de uma aplicação poética da psicologia freudiana, estendeu os métodos que descobriu à pintura, ao cinema e a alguns aspectos da vida cotidiana. Depois, sob uma forma difusa, para mais além disso. Com efeito, não se trata, para uma tarefa dessa natureza, de ter absoluta ou relativa razão, mas de chegar a catalisar, por determinado tem-

po, os desejos de uma época. O período de progresso do surrealismo, marcado pela extinção do idealismo e por um momento de adesão ao materialismo dialético, cessou logo depois de 1930, mas sua decadência só se manifestou no fim da Segunda Guerra Mundial. O surrealismo se havia estendido por muitas nações. Além disso, inaugurara uma disciplina cujo rigor não deve ser superestimado, quase sempre moderado por considerações comerciais, mas que era uma eficaz medida de luta contra os mecanismos confusionistas da burguesia.

O programa surrealista, ao afirmar a soberania do desejo e da surpresa, ao propor um novo uso da vida, é muito mais rico de possibilidades construtivas do que em geral se pensa. É certo que a falta de meios materiais de realização limitou gravemente a amplitude do surrealismo. Mas o desfecho espirita de seus primeiros mentores e sobretudo a mediocridade dos discípulos obrigam a situar a negação do desenvolvimento da teoria surrealista na própria origem dessa teoria.

O erro que está na raiz do surrealismo é a idéia da riqueza infinita da imaginação inconsciente. A causa do fracasso ideológico do surrealismo é ter acreditado que o inconsciente era a grande força, enfim descoberta, da vida. É ter revisto a história das idéias de acordo com isso, e ter parado nesse ponto. Sabemos afinal que a imaginação inconsciente é pobre, que a escrita automática é monótona, e que um tipo de "insólito" que ostenta de longe a imutável aparência surrealista nada tem de surpreendente. A fidelidade formal a esse estilo de imaginação acaba por provocar o retrocesso às condições nada modernas do imaginário: ao ocultismo tradicional. A que ponto o surrealismo permaneceu dependente de sua hipótese do inconsciente, pode ser medido pelo trabalho de aprofundamento teórico tentado pela segunda geração surrealista: Calas e Mabile relacionam tudo com os dois aspectos sucessivos da prática surrealista do inconsciente — para o primeiro, a psicanálise; para o segundo, as influências cósmicas. De fato, a descoberta do papel do inconsciente foi uma surpresa, uma novidade, e não a lei das surpresas e das novidades futuras. Freud tinha descoberto isso quando escreveu: "Tudo o que é consciente se desgasta. O que é inconsciente permanece inalterável. Mas, depois de libertado, não cai ele, por sua vez, em ruínas?"

O surrealismo — ao se opor a uma sociedade aparentemente irracional, em que a ruptura era levada ao absurdo entre a realidade e os valores ainda fortemente proclamados — serviu-se contra ela do irracional para destruir seus valores lógicos superficiais. O próprio êxito do surrealismo está muito no fato de a ideologia dessa sociedade, em sua face mais moderna, ter desistido de uma estrita hierarquia de valores factícios, mas servindo-se por outro lado abertamente do irracional e, por isso, dos resquícios surrealistas. A burguesia precisa sobretudo impedir um novo arranco do pensamento revolucionário. Ela teve consciência do caráter ameaçador do surrealismo. Apraz-se em constatar, agora que conseguiu diluí-lo no comércio estético corrente, que ele atingira o ponto extremo da desor-

dem. Ela guarda assim uma espécie de nostalgia, ao mesmo tempo que deprecia toda nova pesquisa assimilando-a automaticamente ao *déjà vu* surrealista, isto é, a um fracasso que, para ela, já não pode ser questionado por ninguém. A recusa da alienação na sociedade de moral cristã levou alguns homens ao respeito da alienação plenamente irracional das sociedades primitivas. É preciso avançar e racionalizar mais o mundo, primeira condição para torná-lo apaixonado.

A decomposição, estágio supremo do pensamento burguês

A pretensa cultura moderna tem dois centros principais: Paris e Moscou. As modas provenientes de Paris, na elaboração das quais os franceses não são maioria, influenciam a Europa, a América e outros países evoluídos da zona capitalista, como o Japão. As modas impostas administrativamente por Moscou influenciam a totalidade dos Estados operários e, em pequena proporção, reagem sobre Paris e sua zona de influência européia. A influência de Moscou é de origem diretamente política. Para explicar a tradicional influência que Paris ainda mantém, é preciso levar em conta a vantagem adquirida por ela na concentração profissional.

Com o pensamento burguês perdido na confusão sistemática e o pensamento marxista profundamente alterado nos Estados operários, o conservadorismo reina a Leste como a Oeste, principalmente na área da cultura e dos costumes. Ele se mostra em Moscou, ao retomar as atitudes típicas da pequena burguesia do século XIX. Em Paris ele se dissimula em anarquismo, cinismo ou humor. Embora as duas culturas dominantes sejam fundamentalmente inaptas para assimilar os problemas reais de nosso tempo, cabe dizer que, com relação à produção cultural, no Ocidente a experiência foi levada mais longe e que a zona de Moscou parece uma região subdesenvolvida.

Na zona burguesa, onde se tolera no todo uma aparência de liberdade intelectual, o conhecimento do movimento das idéias ou a visão confusa das múltiplas transformações do meio favorecem a tomada de consciência de um processo revolucionário, cujos estímulos são incontrolláveis. A sensibilidade dominante tenta adaptar-se, sempre impedindo novas mudanças que, em última análise, a prejudicam. As propostas concomitantes das correntes retrógradas resumem-se obrigatoriamente em três atitudes: prolongar as modas trazidas pela crise do *dadá-surrealismo* (mera expressão cultural elaborada de um estado de espírito que se manifesta espontaneamente em qualquer lugar quando se desmoronam, depois dos modos de vida do passado, os motivos de viver até então aceitos); encastrar-se nas ruínas mentais; retornar bem longe no passado.

Quanto às modas que persistem, encontra-se por toda a parte uma forma diluída do surrealismo. Ela conserva todos os gostos da época surrealista, mas

nenhuma de suas idéias. Sua estética é a repetição. Os remanescentes do movimento surrealista ortodoxo, nesse estágio senil-ocultista, não conseguem ter uma posição ideológica nem inventar coisa alguma: abonam as mais vulgares charlatanices e ainda pedem outras.

Abancar-se na nulidade foi a solução cultural que surgiu com mais força nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial. A escolha fica entre duas possibilidades que já foram muito exemplificadas: a dissimulação do nada por meio de um vocabulário adequado, ou a afirmação, livre e desenvolta, do nada.

A primeira possibilidade é célebre sobretudo com a literatura existencialista, que reproduz, a pretexto de uma suposta filosofia, os aspectos mais mediocres da evolução cultural das três décadas precedentes; e consegue manter o interesse, de origem publicitária, com arremedos do marxismo ou da psicanálise; e até por reiterados compromissos e rompimentos políticos, às cegas. Esse comportamento teve muitos seguidores, explícitos ou disfarçados. A durável eferescência da pintura abstrata, bem como dos teóricos que a definem, é um fato de igual natureza e de comparável extensão.

A jovial afirmação da perfeita nulidade mental constitui o fenômeno chamado, na neoliteratura recente, "o cinismo dos jovens romancistas de direita". Fenômeno que se estende bem além da direita, dos romancistas e dos semijovens.

Entre as tendências que buscam um retorno ao passado, a doutrina realista-socialista é a mais audaciosa porque, como pretende apoiar-se nas conclusões de um movimento revolucionário, consegue manter na área da criação cultural uma posição indefensável. Na Conferência dos músicos soviéticos, em 1948, Andrei Jdanov mostrava o desafio de sua repressão teórica: "Fizemos bem em manter os tesouros da pintura clássica e em acabar com os detratores da pintura? A sobrevivência de tais 'escolas' não terá significado o fim da pintura?" Diante desse fim da pintura, e de muitos outros fins, a burguesia ocidental evoluída, constatando o esboroamento de todos os seus sistemas de valor, aposta na decomposição ideológica completa, por reação desesperada e por oportunismo político. Ao contrário, Jdanov — com o gosto típico do novo-rico — identifica-se ao pequeno-burguês que é contra a decomposição dos valores culturais do século XIX, e só entrevê a restauração autoritária desses valores. Ele é bastante irrealista para acreditar que circunstâncias políticas efêmeras e localizadas conferem o poder de encobrir os problemas gerais de uma época, se for decidido que se retome o estudo dos problemas superados, depois de se haver excluído por hipótese todas as conclusões que a história tirou desses problemas, em seu tempo.

A propaganda tradicional das organizações religiosas, e sobretudo do catolicismo, é parecida, pela forma e por certos aspectos do conteúdo, com esse

realismo socialista. Por uma propaganda invariável, o catolicismo defende uma estrutura ideológica de conjunto que, entre as forças do passado, é o único ainda a possuir. Mas, para reconquistar os setores, cada vez mais numerosos, que escapam à sua influência, a Igreja Católica mantém, em paralelo com sua propaganda tradicional, um veto sobre as formas culturais modernas, principalmente as que procedem da nulidade teoricamente complicada — como, por exemplo, a pintura chamada informal. Como dispõem de uma hierarquia de valores permanentes, os reacionários católicos têm de fato mais facilidade, em relação às outras tendências burguesas, para forçar ao máximo a decomposição na matéria em que eles se destacam.

O resultado atual da crise da cultura moderna é a decomposição ideológica. Nada de novo pode ser construído sobre essas ruínas, e o simples exercício do espírito crítico torna-se impossível, já que qualquer juízo esbarra em outros, e cada um se refere a restos de sistemas desativados, ou a ditames sentimentais pessoais.

A decomposição está em toda a parte. Já não se trata do uso maciço da publicidade comercial que influencia cada vez mais os juízos sobre a criação cultural, o que era um processo antigo. Chegou-se a um ponto de ausência ideológica em que só funciona a atividade publicitária, com exclusão de qualquer juízo crítico prévio, mas não sem provocar um reflexo condicionado do juízo crítico. O jogo complexo das técnicas de venda chega a criar, automaticamente e para a surpresa geral dos profissionais, falsos assuntos de discussão cultural. É a importância sociológica do fenômeno Sagan-Drouet, experiência que teve êxito na França nos três últimos anos, e cuja repercussão teria até exorbitado da zona cultural centrada em Paris, chegando a provocar o interesse dos Estados operários. Diante do fenômeno Sagan-Drouet, os juízes profissionais da cultura pressentem o resultado imprevisível de mecanismos que lhes escapam, e explicam-no em geral pelos procedimentos de propaganda circense. Mas, em razão de seu ofício, são obrigados a se opor, por meio de críticas fantasistas, ao assunto dessas obras fantasistas (uma obra cujo interesse seja inexplicável constitui, aliás, o mais alto assunto para a crítica confusionista burguesa). Continuam inconscientes de que os mecanismos intelectuais da crítica lhes haviam escapado muito antes de os mecanismos exteriores terem vindo explorar esse vazio. Recusam-se a reconhecer em Sagan-Drouet o revés ridículo da mudança dos meios de expressão em meio de ação sobre a vida cotidiana. Esse processo de superação tornou a vida do autor cada vez mais importante em relação à sua obra. Depois, quando o período das expressões importantes chegou à sua derradeira redução, só restou como possibilidade relevante a personagem do autor que, de notável, apenas podia ter a idade, um vício em moda ou uma antiga profissão pitoresca.

A oposição que precisa agora unir-se contra a decomposição ideológica não deve, aliás, insistir na crítica das tolices produzidas pelas formas condenadas, como a poesia ou o romance. É preciso criticar as atividades importantes para o futuro, aquelas de que nos vamos servir. Gravíssimo sinal da decomposição ideológica atual é ver a teoria funcionalista da arquitetura fundamentar-se nos conceitos mais reacionários da sociedade e da moral. Significa que, a contribuições parciais passageiramente válidas da primeira Bauhaus ou da escola de Le Corbusier, acrescenta-se em surdina uma noção atrasadíssima da vida e de seu enquadramento.

No entanto, desde 1956, tudo indica que entramos numa nova fase de luta; e que um arranco das forças revolucionárias, que se defrontam em todas as frentes com os mais desesperantes obstáculos, começa a mudar as condições do período anterior. Ao mesmo tempo, vê-se que o realismo socialista começa a recuar nos países do campo anticapitalista, com a reação estalinista que o havia produzido; que a cultura Sagan-Drouet marca um estágio provavelmente intransponível da decadência burguesa; enfim, uma relativa tomada de consciência, no Ocidente, do esgotamento das manobras culturais que foram atuantes desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A minoria vanguardista pode reencontrar um valor positivo.

Papel das tendências minoritárias no período de refluxo

O refluxo do movimento revolucionário mundial, que se manifestou alguns anos após 1920 e se acentua antes de 1950, é acompanhado, com uma diferença de cinco ou seis anos, por um refluxo dos movimentos que tentaram afirmar novidades libertadoras na cultura e na vida cotidiana. A importância ideológica e material de tais movimentos continua a diminuir, até um ponto de isolamento total na sociedade. A ação deles, que em condições mais favoráveis pode acarretar uma brusca renovação do clima afetivo, se enfraquece até que as tendências conservadoras consigam impedir-lhe qualquer entrada direta no jogo marcado da cultura oficial. Esses movimentos, eliminados de sua função na produção de valores novos, passam a constituir um exército de reserva do trabalho intelectual, no qual a burguesia pode buscar indivíduos que acrescentarão tons inéditos à sua propaganda.

Em tal ponto de dissolução, a importância da vanguarda experimental na sociedade é aparentemente inferior à das tendências pseudomodernistas que nem se dão ao trabalho de mostrar desejo de mudanças, mas que representam, com grandes recursos, a face moderna da cultura aceita. Entretanto todos os que têm um lugar na produção real da cultura moderna e que descobrem seus interesses como produtores dessa cultura, de modo ainda mais intenso porquanto

estão reduzidos a uma posição negativa, desenvolvem a partir desses dados uma consciência que forçosamente falta aos atores modernistas da sociedade que finda. A indigência da cultura aceita, e seu monopólio sobre os meios de produção cultural, ocasionam uma indigência proporcional da teoria e das manifestações da vanguarda. Mas só nessa vanguarda é que se forma insensivelmente um novo conceito revolucionário de cultura. Esse novo conceito deve afirmar-se no momento em que a cultura dominante e as tentativas de uma cultura oposicional chegam ao ponto máximo de separação e de impotência recíproca.

A história da cultura moderna no período de refluxo revolucionário é a história da redução teórica e prática do movimento de renovação, até a segregação das tendências minoritárias; e até a dominação absoluta da decomposição.

Entre 1930 e a Segunda Guerra Mundial, deu-se o declínio constante do surrealismo como força revolucionária, mas sua influência continua a se estender mesmo fora de seu controle. O pós-guerra trouxe a rápida liquidação do surrealismo pelos dois elementos que interromperam seu desenvolvimento em 1930: a falta de possibilidades de renovação teórica e o refluxo da revolução, que se traduziu pela reação política e cultural no movimento operário. Esse segundo elemento é imediatamente determinante, por exemplo, do desaparecimento do grupo surrealista da Romênia. Pelo contrário, é sobretudo o primeiro desses elementos que leva a um rompimento rápido do movimento surrealista-revolucionário na França e na Bélgica. Com exceção da Bélgica, onde uma fração oriunda do surrealismo manteve uma posição experimental válida, todas as tendências surrealistas esparsas pelo mundo aliaram-se à área do idealismo místico.

Congregando parte do movimento surrealista-revolucionário, uma "Internacional dos Artistas Experimentais" — que publicava a revista *Cobra* (Copenhague-Bruxelas-Amsterdã) — constituiu-se entre 1949 e 1951 na Dinamarca, Holanda e Bélgica e, depois, estendeu-se à Alemanha. O mérito desses grupos foi compreender que tal organização é exigida pela complexidade e amplitude dos problemas atuais. Mas a falta de rigor ideológico, o aspecto eminentemente plástico de suas pesquisas e sobretudo a ausência de uma teoria global das condições e perspectivas da experiência provocaram a dispersão do grupo.

O letrismo, na França, partiu de uma oposição completa a todo movimento estético conhecido, cuja análise revelava constante enfraquecimento. Buscando a criação ininterrupta de novas formas, em todas as áreas, o grupo letrista, entre 1946 e 1952, manteve uma agitação saudável. Mas, ao admitir que as disciplinas estéticas podiam ter novo alento num contexto semelhante ao antigo, cometeu um erro idealista que limitou suas produções a algumas experiências mediocres. Em 1952, a esquerda letrista se organizou como "Internacional Letrista" e expulsou o grupo retardatário. Na Internacional Letrista prosse-

gue, por entre vivas lutas das diferentes tendências, a busca de novos procedimentos de intervenção na vida cotidiana.

Na Itália, com exceção do grupo experimental antifuncionalista que formou em 1955 a mais sólida seção do Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista, as tentativas de formação de vanguardas ligadas às velhas perspectivas artísticas não chegaram nem a uma expressão teórica.

Entretanto, dos Estados Unidos ao Japão, dominava o continuísmo da cultura ocidental, no que ela tem de anódino e vulgarizado (a vanguarda dos Estados Unidos, que costuma reunir-se na colônia americana de Paris, aí se encontra isolada do ponto de vista ideológico, social, e até ecológico, num banal conformismo). As produções dos povos que ainda estão sob o jugo do colonialismo cultural — provocado quase sempre pela opressão política —, mesmo quando são progressistas em seus países, têm um papel reacionário nos centros culturais avançados. De fato, os críticos que ligaram toda a sua carreira a referências ultrapassadas dos antigos sistemas de criação fingem encontrar novidades, segundo o que lhes vem à cabeça, no cinema grego ou no romance guatemalteco. Recorrem ao exotismo, que é antiexótico pois corresponde ao ressurgimento de velhas formas tardiamente exploradas em outras nações, mas que têm a função primordial do exotismo: a fuga das condições reais de vida e de criação.

Nos Estados operários, só a experiência realizada por Brecht em Berlim se aproxima, pelo questionamento da clássica noção de espetáculo, das construções que hoje nos importam. Só Brecht conseguiu resistir à tolice do realismo socialista no poder.

Agora que o realismo socialista se desconjunta, pode-se esperar muito da investida revolucionária dos intelectuais dos Estados operários nos verdadeiros problemas da cultura moderna. Se o pensamento de Jdanov foi a mais pura expressão não só da degenerescência cultural do movimento operário mas também da posição cultural conservadora do mundo burguês, aqueles que, neste momento, se rebelam contra o jdanovismo não podem lutar, sejam quais forem suas intenções subjetivas, em favor de uma liberdade de criação que seja idêntica apenas, por exemplo, à de Cocteau. O sentido objetivo da negação do jdanovismo acaba sendo a negação da negação jdanovista de "liquidação". A única superação possível do jdanovismo será o exercício de uma liberdade real, que é o conhecimento da necessidade presente.

Também neste ponto, os últimos anos foram apenas um período de resistência confusa ao confuso reino da tolice retrógrada. Éramos poucos a resistir. Mas não nos podemos deter nos gostos ou nos pequenos achados desse período. Os problemas da criação cultural só poderão ser resolvidos se ligados a um novo progresso da revolução mundial.

Plataforma de uma oposição provisória

Uma ação revolucionária na cultura não pode ter por finalidade traduzir ou explicar a vida, mas deve expandi-la. É preciso repelir a infelicidade seja onde for. A revolução não consiste somente em saber a que nível de produção chega a indústria pesada, nem em quem será o seu dono. Além da exploração do homem, devem ser extintas as paixões, as compensações e os hábitos dela decorrentes. Precisam ser definidos novos desejos, de acordo com as possibilidades de hoje. Já se devem encontrar, no auge da luta entre a atual sociedade e as forças que a vão destruir, os primeiros elementos de uma construção superior do meio, bem como novas condições de comportamento. Isso a título de experiência e de propaganda. Tudo mais pertence ao passado e com ele colabora.

É preciso empreender um trabalho coletivo organizado, que leve à utilização unitária de todos os meios de transformação da vida cotidiana. Ou seja, primeiro reconhecer a interdependência desses meios, na perspectiva de melhor dominar a natureza, de chegar a uma liberdade maior. Devemos construir ambiências novas que sejam ao mesmo tempo produto e instrumento de novos comportamentos. Para tal convém utilizar empiricamente, no início, as condutas cotidianas e as formas culturais existentes, mas contestando os seus valores. O próprio critério de novidade, de invenção formal, perdeu o sentido no contexto tradicional da arte, isto é, como meio insuficiente para fragmentar, cujas renovações parciais estão de antemão prescritas, portanto, impossíveis.

Não devemos recusar a cultura moderna, mas dela apossar-nos para chegar à sua negação. Não é intelectual revolucionário quem não reconhece a revolução cultural diante da qual estamos. Um intelectual criativo não é revolucionário apenas porque apóia a política de um partido, mesmo que o faça de forma original; ele tem de trabalhar, junto com os partidos, para a indispensável mudança de todas as superestruturas culturais. Do mesmo modo, o que determina em última instância a característica de intelectual burguês não é a origem social nem o conhecimento de certa cultura — ponto de partida comum para a crítica e a criação — mas o papel na produção das formas historicamente burguesas da cultura. Se os autores que têm opiniões políticas revolucionárias receberem elogios da crítica literária burguesa, precisam descobrir o que estão fazendo de errado.

A união de várias tendências experimentais a favor de uma frente revolucionária na cultura, iniciada no congresso realizado em Alba, na Itália, no final de 1956, supõe que não esqueçamos três fatores importantes.

Primeiro, é preciso exigir um acordo completo das pessoas e dos grupos que participam dessa ação una, e não facilitar esse acordo de forma que os participantes encubram para si mesmos certas conseqüências. Devem ser afastados

os incoseqüentes ou os inescrupulosos que chegam ao cúmulo de querer tirar partido através dessa via.

Depois, convém lembrar que, se qualquer atitude realmente experimental é utilizável, o emprego abusivo dessa palavra muitas vezes tentou justificar uma ação artística numa estrutura atual, isto é, encontrada anteriormente por outros. A única conduta experimental válida fundamenta-se na crítica exata das condições existentes, e em sua superação deliberada. Cabe deixar claro que não se pode considerar criação aquilo que é mera expressão pessoal no âmbito de meios criados por outrem. Criar não é arrumar objetos e formas, mas é inventar novas leis a respeito desse arranjo.

Enfim, é preciso acabar entre nós com o sectarismo, que se opõe à unidade de ação com possíveis aliados, para fins definidos; que impede a infiltração de organizações paralelas. A Internacional Letrista, entre 1952 e 1955, após algumas depurações necessárias, manteve uma orientação no sentido de um rigor absoluto que conduziu ao isolamento e à ineficácia também absolutos e facilitou, afinal, um certo imobilismo, uma degenerescência do espírito crítico e da capacidade de descoberta. É preciso ultrapassar definitivamente esse comportamento sectário e favorecer ações reais. Este é o único critério que deve guiar nossa admissão ou exclusão de camaradas. Naturalmente isso não significa que excluamos as rupturas, como todos desejam. Ao contrário, pensamos que, na ruptura com hábitos e pessoas, é preciso ir ainda mais longe.

Temos de definir coletivamente nosso programa e realizá-lo de maneira disciplinada, por todos os meios, mesmo artísticos.

Em direção a uma internacional situacionista

Nossa idéia central é a construção de situações, isto é, a construção concreta de ambiências momentâneas da vida, e sua transformação em uma qualidade passional superior. Devemos elaborar uma intervenção ordenada sobre os fatores complexos dos dois grandes componentes que interagem continuamente: o cenário material da vida; e os comportamentos que ele provoca e que o alteram.

Nossas perspectivas de ação sobre o cenário chegam, no seu último estágio de desenvolvimento, à concepção de um urbanismo unitário. O urbanismo unitário (UU) define-se, em primeiro lugar, pelo emprego do conjunto das artes e técnicas, como meios de ação que convergem para uma composição integral do ambiente. É preciso pensar esse conjunto como infinitamente mais extenso do que o antigo domínio da arquitetura sobre as artes tradicionais, ou do que a atual aplicação ocasional ao urbanismo anárquico de técnicas especializadas, ou de investigações científicas como a ecologia. O urbanismo unitário deverá dominar, por exemplo, tanto o meio sonoro quanto a distribuição das

diferentes variedades de bebida ou de alimento. Deverá conter a criação de formas novas e o desvio das formas conhecidas da arquitetura e do urbanismo — assim como o desvio da poesia ou do cinema antigos. A arte integral, de que tanto se falou, só se poderá realizar no âmbito do urbanismo. Mas já não corresponderá a nenhuma das tradicionais definições da estética. Em cada uma de suas cidades experimentais, o urbanismo unitário vai agir por um certo número de campos de forças, que podemos provisoriamente designar pelo conhecido termo de bairro. Cada bairro poderá tender para uma harmonia exata e romper com as harmonias vizinhas; ou então agir no sentido de uma máxima ruptura da harmonia interna.

Em segundo lugar, o urbanismo unitário é dinâmico, isto é, em estreita ligação com estilos de comportamento. O elemento mais reduzido do urbanismo unitário não é a casa, mas o complexo arquitetônico, que é a reunião de todos os fatores que condicionam uma ambiência, ou uma série de ambiências contrastantes, na escala da situação construída. O desenvolvimento espacial deve levar em conta as realidades afetivas que a cidade experimental vai determinar. Um de nossos companheiros propôs uma teoria dos bairros "estados-de-espírito", segundo a qual cada bairro da cidade deve provocar um sentimento simples, ao qual o sujeito se entregue com conhecimento de causa. Parece que tal projeto tira oportunas conclusões de um movimento de depreciação dos sentimentos primários acidentais, e que sua realização pode contribuir para acelerar esse movimento. Os camaradas que reivindicam uma nova arquitetura, uma arquitetura livre, têm de compreender que essa nova arquitetura não agirá, no início, sobre linhas e formas livres, poéticas — no sentido que é dado hoje a essas palavras pela pintura de "abstração lírica" — mas sobre os efeitos de atmosfera dos aposentos, corredores, ruas, atmosfera ligada aos gestos que ela contém. A arquitetura deve avançar tomando como matéria situações emocionantes, mais do que formas emocionantes. E as experiências tentadas a partir dessa matéria levarão a formas desconhecidas. A pesquisa psicogeográfica, "estudo das leis e dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos", assume assim seu duplo sentido de observação ativa das aglomerações urbanas de hoje, e de formulação de hipóteses sobre a estrutura de uma cidade situacionista. O progresso da psicogeografia depende muito da extensão estatística de seus métodos de observação, e principalmente da experimentação por intervenções concretas no urbanismo. Até essa etapa, não haverá garantia da verdade objetiva dos primeiros dados psicogeográficos. Mas mesmo que esses dados sejam falsos, serão certamente as falsas soluções de um problema verdadeiro.

Nossa ação sobre o comportamento, ligada a outros aspectos desejáveis de uma revolução dos costumes, pode ser definida sumariamente pela invenção

de jogos de novo teor. O objetivo mais geral deve ser o de ampliar a parte não medíocre da vida, de diminuir-lhe ao máximo os momentos nulos. É como se se tratasse de uma ação visando ao crescimento quantitativo da vida humana, ação essa mais séria que os procedimentos biológicos estudados atualmente. Por isso, ela implica um aumento qualitativo de conseqüências imprevisíveis. O jogo situacionista se distingue do conceito clássico de jogo pela negação radical dos aspectos lúdicos de competição e de separação da vida corrente. Ao contrário, o jogo situacionista não aparece distinto de uma escolha moral, que é a opção por tudo o que garante o futuro reino da liberdade e do jogo. É evidente que isso está ligado à certeza do contínuo e rápido crescimento dos lazes, no nível das forças produtivas ao qual chegou nossa época. Está também ligado ao reconhecimento do fato de estarmos assistindo a uma batalha dos lazes, cuja importância na luta de classes não foi suficientemente analisada. Hoje, a classe dominante consegue servir-se dos lazes que o proletariado revolucionário lhe arrancou, pois desenvolve um vasto setor industrial do lazer, que é um incomparável instrumento de embrutecimento do proletariado por meio de subprodutos da ideologia mistificadora e das preferências burguesas. Talvez esteja nessa abundância de baixezas televisadas uma das razões da incapacidade de politizar-se, demonstrada pela classe operária americana. Ao obter, pela pressão coletiva, um leve aumento do preço de seu trabalho acima do mínimo necessário à produção desse trabalho, o proletariado não amplia apenas seu poder de luta mas amplia também o terreno de luta. Novas formas dessa luta aparecem, então, em paralelo com os conflitos diretamente econômicos e políticos. Pode-se dizer que a propaganda revolucionária foi, até agora, constantemente dominada nessas formas de luta, em todos os países em que o desenvolvimento industrial avançado se introduziu. Que a necessária mudança de infra-estrutura possa ser adiada por erros e fraquezas no nível das superestruturas é o que algumas experiências do século XX infelizmente demonstraram. Será necessário lançar novas forças na batalha dos lazes, e vamos colaborar para isso.

Uma primeira tentativa de um novo modo de comportamento já foi obtida com o que chamamos de deriva, que é a prática de uma superação passional pela mudança rápida de ambiências, ao mesmo tempo que um meio de estudo da psicogeografia e da psicologia situacionista. Mas a aplicação dessa vontade de criação lúdica precisa estender-se a todas as formas conhecidas de relações humanas e, por exemplo, influenciar a evolução histórica de sentimentos como a amizade e o amor. Tudo leva a crer que é em torno da hipótese de construção de situações que está o essencial de nossa pesquisa.

A vida do homem é uma seqüência de situações fortuitas e, embora nenhuma delas seja exatamente semelhante a outra, são em sua imensa maioria tão indiferenciadas e insossas que dão a impressão de serem iguais. O corolário des-

se estado de coisas é que as raras situações interessantes que conhecemos numa vida retêm e limitam rigorosamente essa vida. Devemos tentar construir situações, isto é, ambiências coletivas, um conjunto de impressões determinando a qualidade de um momento. Se tomarmos o exemplo simples de uma reunião de um grupo de indivíduos por um determinado tempo, teríamos de estudar, levando em conta os conhecimentos e recursos materiais de que dispomos, qual organização do local, qual escolha de participantes e qual estopim de acontecimentos conviriam à ambiência desejada. É certo que os poderes de uma situação se ampliarão consideravelmente no tempo e no espaço com as realizações do urbanismo unitário ou com a educação de uma geração situacionista. A construção de situações começa após o desmoronamento moderno da noção de espetáculo. É fácil ver a que ponto está ligado à alienação do velho mundo o princípio característico do espetáculo: a não-participação. Ao contrário, percebe-se como as melhores pesquisas revolucionárias na cultura tentaram romper a identificação psicológica do espectador com o herói, a fim de estimular esse espectador a agir, instigando suas capacidades para mudar a própria vida. A situação é feita de modo a ser vivida por seus construtores. O papel do "público", senão passivo pelo menos de mero figurante, deve ir diminuindo, enquanto aumenta o número dos que já não serão chamados atores mas, num sentido novo do termo, vivenciadores.

É preciso multiplicar os objetos e sujeitos poéticos, infelizmente hoje tão raros que os menores entre eles assumem uma exagerada importância afetiva; e organizar os jogos desses sujeitos poéticos entre esses objetos poéticos. Aí está todo o nosso programa, que é essencialmente transitório. Nossas situações serão sem futuro, serão lugares de passagem. O caráter imutável da arte, ou de qualquer outra coisa, não entra em nossas considerações, que são sérias. A idéia de eternidade é a mais grosseira que um homem possa conceber a respeito de seus atos.

As técnicas situacionistas ainda precisam ser inventadas. Mas sabemos que uma tarefa só aparece onde as condições materiais necessárias à sua realização já existem, ou pelo menos estão em via de formação. Temos de começar por uma fase experimental reduzida. Convém sem dúvida preparar planos de situações, como cenários, apesar de sua inevitável insuficiência no início. Será preciso melhorar um sistema de anotações, cuja precisão irá aumentando à medida que experiências de construção nos tragam mais conhecimentos. Será preciso descobrir ou verificar leis, como a que faz a emoção situacionista depender de uma extrema concentração ou de uma extrema dispersão dos gestos (a tragédia clássica dando uma imagem aproximativa do primeiro caso, e a deriva, do segundo). Além dos meios diretos que serão utilizados com fins precisos, a construção de situações comandará, na fase de afirmação, uma nova aplicação das técnicas de reprodução. É possível imaginar, por exemplo, a televisão projetando, ao vivo, alguns aspectos de uma situação em outra, acarretando assim mo-

dificações e interferências. E mais simplesmente o cinema chamado documentário poderia começar a merecer seu nome formando uma nova escola do documentário, destinada a fixar, para arquivos situacionistas, os instantes mais significativos de uma situação, antes que a evolução de seus elementos tenha trazido uma situação diferente. Como a construção sistemática de situações deve produzir sentimentos inexistentes anteriormente, o cinema teria o seu maior papel pedagógico na difusão dessas novas paixões.

A teoria situacionista sustenta decididamente um conceito não contínuo da vida. A noção de unidade deve ser deslocada da perspectiva de uma vida inteira — em que ela é uma mistificação reacionária fundada na crença de uma alma imortal, e, em última análise, na divisão do trabalho — para uma perspectiva de instantes isolados da vida, e da construção de cada instante por uma utilização unitária dos meios de ação situacionistas. Numa sociedade sem classes, pode-se dizer, já não haverá pintores, mas situacionistas que, entre outras coisas, saberão pintar.

O principal drama afetivo da vida, após o perpétuo conflito entre o desejo e a realidade hostil ao desejo, parece ser a sensação de passagem do tempo. A atitude situacionista consiste em apostar na fuga do tempo, ao contrário dos procedimentos estéticos que tendem a fixar a emoção. O desafio situacionista à passagem das emoções e do tempo seria o de superar sempre mais a mudança, indo ainda mais longe no jogo e na multiplicação dos períodos emocionantes. Evidentemente não é fácil para nós, neste momento, fazer tal aposta. Mas, mesmo que fosse para perder, é a única atitude progressista que podemos ter.

A minoria situacionista constituiu-se inicialmente como tendência na esquerda letrista, e depois na Internacional Letrista, que ela acabou controlando. O mesmo movimento objetivo leva a conclusões dessa ordem vários grupos de vanguarda do período recente. Temos de eliminar ao mesmo tempo todos os resquícios do passado próximo. Estimamos hoje que deve ser feito um acordo em prol de uma ação unida da vanguarda revolucionária sobre a cultura. Não temos receitas nem resultados definitivos. Propomos apenas uma pesquisa experimental a ser efetuada coletivamente em algumas direções que definimos neste momento e em outras, a serem ainda definidas. A própria dificuldade de chegar às primeiras realizações situacionistas é uma prova de como é novo o domínio onde penetramos. O que muda nossa maneira de ver as ruas é mais importante que o que muda nossa maneira de ver a pintura. Nossas hipóteses de trabalho serão reexaminadas a cada transformação futura, venha de onde vier. Poder-nos-ão opor, sobretudo os intelectuais e artistas revolucionários que em nome do bom gosto se conformam com uma certa impotência, que esse "situacionismo" é muito desagradável; que não fizemos nada de belo; que mais vale falar de Gide; e que ninguém encontra motivos para se interessar por nós. Todos se vão eximir alegando que estamos repetindo várias atitudes que já deram muito que falar e que

nada mais são que desejo de aparecer. Vão indignar-se com os procedimentos que houvermos por bem adotar, em certas ocasiões, para manter ou retomar nossas distâncias. Nossa resposta é: não se trata de saber se isto lhes interessa, mas se vocês podem tornar-se interessantes nas novas condições da criação cultural. O papel de vocês, intelectuais e artistas revolucionários, não é proclamar que a liberdade está sendo insultada, pois nos recusamos a caminhar com os inimigos da liberdade. Vocês não têm de imitar os estetas burgueses, que tentam reduzir tudo ao já-feito porque o já-feito não os incomoda. Vocês sabem que a criação nunca é pura. Seu papel é procurar o que faz a vanguarda internacional, é participar da crítica construtiva de seu programa e incitar a que a apóiem.

Nossas tarefas imediatas

Devemos apoiar, nos partidos operários ou nas tendências extremistas existentes nesses partidos, a necessidade de preparar uma ação ideológica consistente para combater, no plano passional, a influência dos métodos de propaganda do capitalismo evoluído: opor concretamente, em cada ocasião, aos reflexos do modo de vida capitalista, outros modos de vida desejáveis; destruir, por todos os meios hiperpolíticos, a idéia burguesa de felicidade. Ao mesmo tempo, lembrando que existem, na classe dominante das sociedades, elementos que sempre concorreram, por tédio e necessidade de novidade, para o que provoca afinal o desaparecimento dessas sociedades, devemos incitar as pessoas que detêm alguns dos vastos recursos de que carecemos a nos oferecerem meios para realizarmos nossas experiências, por um crédito análogo ao que pode ser oferecido à pesquisa científica, e que será também muito rentável.

Devemos apresentar em toda a parte uma alternativa revolucionária à cultura dominante: coordenar todas as pesquisas que são feitas neste momento sem visão de conjunto; fazer com que, pela crítica e propaganda, os mais avançados artistas e intelectuais de todos os países tomem contato conosco a fim de estabelecer uma ação comum.

Devemos declarar-nos prontos a retomar a discussão, com base neste programa, com todos que, tendo participado de uma fase anterior de nossa ação, se sintam capazes de caminhar conosco.

Devemos propor as seguintes palavras de ordem: urbanismo unitário, comportamento experimental, propaganda hiperpolítica, construção de ambiências. Já se interpretaram bastante as paixões; trata-se agora de descobrir outras.

Guy-Ernest Debord

Texto apresentado na conferência de fundação da Internacional Situacionista de Cosío d'Arroscia, julho de 1957

CONTRIBUIÇÃO PARA UMA DEFINIÇÃO SITUACIONISTA DE JOGO

A notória confusão, tanto no vocabulário quanto na prática, que a noção de jogo traz consigo só pode ser resolvida se essa noção for considerada em seu movimento. As primitivas funções sociais do jogo, após dois séculos de sua negação provocada pela contínua idealização da produção, já não se apresentam como meros resíduos corrompidos, misturados com formas inferiores oriundas das necessidades da atual organização dessa produção. Ao mesmo tempo, surgem tendências progressivas do jogo ligadas ao próprio desenvolvimento das forças produtivas.

A nova fase de afirmação do jogo deveria caracterizar-se pelo desaparecimento de todo elemento de competição. O fato de ganhar ou perder, até então quase inseparável da atividade lúdica, aparece ligado a todas as outras manifestações da tensão entre indivíduos quando buscam apropriar-se de bens. O sentimento da importância de ganhar no jogo, quer se trate de satisfações concretas ou na maioria das vezes ilusórias, é o mau produto de uma sociedade má. Sentimento esse naturalmente explorado por todas as forças conservadoras, que o utilizam para disfarçar a monotonia e a atrocidade das condições de vida que impõem aos outros. Basta lembrar todas as reivindicações desvirtuadas pelo esporte de compe-

tição, que se estabeleceu sob uma forma moderna precisamente na Grã-Bretanha, com o desenvolvimento das manufaturas. Não apenas as multidões se identificam com jogadores profissionais ou clubes, que assumem papel mítico idêntico ao dos artistas de cinema vivendo por elas e ao dos políticos decidindo por elas, mas também a série infinita dos resultados dessas competições continua a apaixonar os observadores. A participação direta num jogo, mesmo nos que requerem alguma habilidade intelectual, perde todo o interesse quando se trata de aceitar a competição em si, dentro de um quadro de regras fixas. Exemplo do desprezo contemporâneo votado à idéia de jogo é a pretenciosa constatação que abre o *Breviário de xadrez* de Tartakower: "O jogo de xadrez é universalmente reconhecido como o rei dos jogos".

O elemento de competição deve desaparecer em favor de um conceito mais realmente coletivo de jogo: a criação comum das ambiências lúdicas escolhidas. A distinção central a superar é a que se estabelece entre jogo e vida corriqueira, considerando-se o jogo como uma exceção isolada e provisória. Segundo J. Huizinga, "o jogo realiza, na imperfeição do mundo e na confusão da vida, uma perfeição temporária e limitada". A vida corriqueira, condicionada até então

pelo problema da subsistência, pode ser dominada racionalmente — possibilidade que está no âmago de todos os conflitos de nossa época — e o jogo, rompendo de forma radical com um tempo e um espaço lúdicos acanhados, deve tomar conta da vida inteira. A perfeição não deve ser a sua finalidade, se tal perfeição significar uma construção estática oposta à vida. Mas sempre é possível tentar atingir a perfeição desta bela confusão que é a vida. O barroco, que Eugénio d'Ors qualificava, no desejo de limitá-lo definitivamente, de "vacância da história", assim como o que foi organizado após o barroco vão ocupar um grande espaço no reino vizinho ao lazer.

Nessa perspectiva histórica, o jogo — experimentação permanente de novidades lúdicas — nunca aparece fora da ética, da questão do sentido da vida. O único sucesso que alguém pode conceber no jogo é o sucesso imediato de sua ambiência e

o aumento constante de seus poderes. Enquanto em sua presente coexistência com os resíduos da fase decadente o jogo não consegue libertar-se completamente do aspecto competitivo, seu objetivo deve ser o de, no mínimo, provocar condições favoráveis para viver a vida de forma direta. Neste sentido, ele é também luta e representação: luta por uma vida à altura do desejo, representação concreta dessa vida.

O jogo é percebido como fictício por sua existência marginal se comparado à estafante realidade do trabalho, mas para os situacionistas o trabalho consiste precisamente em preparar futuras possibilidades lúdicas. Talvez surja a tentação de menosprezar a Internacional Situacionista porque ela apresenta aspectos de um grande jogo. "No entanto, diz Huizinga, já lembramos que a noção de 'apenas jogar' não exclui de modo algum a possibilidade de realizar esse 'apenas jogar' com muita seriedade..."

Internacional Situacionista
IS nº 1, junho de 1958

QUESTÕES PRELIMINARES À CONSTRUÇÃO DE UMA SITUAÇÃO

"A construção de situações começa após o desmoronamento moderno da noção de espetáculo. É fácil ver a que ponto está ligado à alienação do velho mundo o princípio característico do espetáculo: a não-participação. Ao contrário, percebe-se como as melhores pesquisas revolucionárias na cultura tentaram romper a identificação psicológica do espectador com o herói, a fim de estimular esse espectador a agir... A situação é feita de modo a ser vivida por seus construtores. O papel do "público", senão passivo pelo menos de mero figurante, deve ir diminuindo, enquanto aumenta o número dos que já não serão chamados atores mas, num sentido novo do termo, "vivenciadores".

Relatório sobre a construção de situações.

O nosso conceito de "situação construída" não se limita a um uso unitário de meios artísticos que formem uma ambiência, por maiores que sejam a extensão espaciotemporal e o dinamismo dessa ambiência. A situação é, concomitantemente, uma unidade de comportamento temporal. É feita de gestos contidos no cenário de um momento. Gestos que são o produto do cenário e de si mesmos. Produzem outras formas de cenário e outros gestos. Como orientar essas forças? Não é o caso de nos contentarmos com ensaios empíricos de ambientes dos quais, por provocação maquinal, se esperam surpresas. A orientação realmente experimental da atividade situacionista consiste em estabelecer, a partir de desejos reconhecidos com maior ou menor clareza, um campo de atividade temporária favorável a esses desejos. Só

o seu estabelecimento pode esclarecer os desejos primitivos e o aparecimento confuso de novos desejos cuja raiz material será a *nova realidade* constituída pelas construções situacionistas.

Logo, é preciso visar a um tipo de psicanálise com objetivos situacionistas, e cada participante desta aventura deve encontrar desejos precisos de ambiências *para realizá-los*, ao contrário dos objetivos buscados pelas correntes freudianas. Cada um deve procurar o que ama, o que o atrai (e mais uma vez, ao contrário de certas tentativas da escrita moderna — Leiris, por exemplo —, o que importa não é a estrutura individual de nosso espírito, nem a explicação de sua formação, mas sua aplicação possível nas situações construídas). Por esse método é possível fazer o levantamento dos elementos constitutivos

das situações a construir: *projetos para o movimento desses elementos*.

Tal pesquisa só tem sentido para indivíduos que trabalhem praticamente no intuito de construir situações. Todos eles são, de modo espontâneo ou consciente e organizado, *pré-situacionistas*, isto é, indivíduos que perceberam a necessidade objetiva dessa construção através de uma mesma sensação de carência da cultura e das mesmas expressões da sensibilidade experimental imediatamente anterior. Estão ligados por uma especialização e por pertencerem a uma vanguarda histórica dessa especialização. Logo, é provável que em todos haja muitos temas comuns do desejo situacionista, que se diversificarão quando passarem à fase de atividade real.

A situação construída, por sua preparação e seu desenrolar, é forçosamente coletiva. Pode porém ocorrer que, pelo menos no período das experiências iniciais, um indivíduo exerça, em dada situação, uma certa predominância, faça o papel de roteirista. A partir de um projeto de situação, elaborado por uma equipe de pesquisadores, que marque, por exemplo, uma *reunião emocionante* de algumas pessoas, será necessário fazer uma distinção entre o diretor ou roteirista — encarregado de coordenar os elementos prévios de construção do cenário, bem como de prever algumas *intervenções* nos acontecimentos (este último procedimento pode ser repartido por vários respon-

sáveis mais ou menos cientes dos planos de intervenção dos outros) — e agentes diretos que vivam a situação, depois de ter participado da criação do projeto coletivo e trabalhado para a composição prática da ambiência, bem como de alguns espectadores passivos, estranhos ao trabalho de construção, que deverão ser *reduzidos à ação*.

Naturalmente a relação entre o diretor e os "vivenciadores" da situação não será uma relação entre especialistas. É apenas uma subordinação momentânea da equipe de situacionistas ao responsável de uma experiência isolada. Essas perspectivas, ou seu vocabulário provisório, não devem levar a crer que se trata de uma extensão do teatro. Pirandello e Brecht mostraram a destruição do espetáculo teatral, e algumas reivindicações que vão mais além. É possível dizer que a construção de situações só substituirá o teatro no mesmo sentido em que a construção real da vida substituiu cada vez mais a religião. Visivelmente o principal domínio que vamos substituir e *realizar* é a poesia, que se consumiu na vanguarda de nosso tempo e desapareceu completamente.

A realização completa do indivíduo, assim como na experiência artística que os situacionistas descobrem, passa forçosamente pela dominação coletiva do mundo; antes dela, ainda não há indivíduos, e sim fantasmas assombrando as coisas que lhes são confusamente oferecidas por

outros. Encontramos, em situações esporádicas, indivíduos isolados que seguem ao acaso. Suas emoções divergentes se neutralizam e mantêm o sólido ambiente enfadonho que os cerca. Destruiremos essas condições ao fazer surgir em alguns pontos o sinal incendiário de um *jogo superior*.

Em nossa época o funcionalismo, que é uma expressão necessária do avanço técnico, procura eliminar completamente o jogo, e os adeptos do *industrial design* queixam-se da deterioração de sua ação pela tendência ao jogo demonstrada pelo homem. Essa tendência, baixamente explorada pelo comércio industrial, logo põe em xeque os resultados mais úteis, exigindo sempre novas apresenta-

ções. Estamos certos de que não é preciso estimular a contínua renovação artística das geladeiras. Mas o funcionalismo moralizador não consegue mudar essa situação. A única saída progressiva é liberar noutra nível, e de modo mais amplo, a tendência para o jogo. Sem isso, as ingênuas invectivas da teoria pura do desenho industrial não modificarão o grave fato de, por exemplo, o automóvel individual ser sobretudo um jogo idiota e, acessoriamente, um meio de transporte. Contra todas as formas regressivas do jogo, que são o seu retrocesso a estágios infantis — sempre ligados às políticas de reação —, é preciso apoiar as formas experimentais de um jogo revolucionário.

Internacional Situacionista
IS nº 1. junho de 1958

DEFINIÇÕES

situação construída	Momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos.
situacionista	O que se refere à teoria ou à atividade prática de uma construção de situações. Indivíduo que se dedica a construir situações. Membro da Internacional Situacionista.
situacionismo	Vocábulo sem sentido, abusivamente forjado por derivação do termo anterior. Não existe situacionismo, o que significaria uma doutrina de interpretação dos fatos existentes. A noção de situacionismo foi evidentemente elaborada por anti-situacionistas.
psicogeografia	Estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos.
psicogeográfico	Relativo à psicogeografia. O que manifesta a ação direta do meio geográfico sobre a afetividade.
psicogeógrafo	Indivíduo que pesquisa e transmite as realidades psicogeográficas.
deriva	Modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência.
urbanismo unitário	Teoria do emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento.

desvio Abreviação da expressão: desvio de elementos estéticos pré-fabricados. Integração de produções artísticas, atuais ou passadas, em uma construção superior do ambiente. Neste sentido, não pode haver pintura ou música situacionista, mas um uso situacionista desses recursos. Num primeiro sentido, o desvio no interior das antigas esferas culturais é um método de propaganda, que comprova o desgaste e a perda de importância dessas esferas.

cultura Reflexo e prefiguração, em cada momento histórico, das possibilidades de organização da vida cotidiana; complexo da estética, dos sentimentos e dos costumes, pelo qual uma coletividade reage sobre a vida que lhe é objetivamente dada pela economia. (Definimos esse termo apenas na perspectiva da criação de valores, e não na do seu ensino.)

decomposição Processo pelo qual as formas culturais tradicionais se autodestruíram, sob o efeito do aparecimento de meios superiores de domínio da natureza, permitindo e exigindo construções culturais superiores. Faz-se a distinção entre uma fase ativa da decomposição, demolição efetiva das velhas superestruturas — que cessa por volta de 1930 — e uma fase de repetição, que prevalece desde então. O atraso na passagem da decomposição para as construções novas está ligado ao atraso existente na liquidação revolucionária do capitalismo.

Internacional Situacionista
IS nº 1, junho de 1958

FORMULÁRIO PARA UM NOVO URBANISMO

Majestade, sou do outro país.

Andar pela cidade não tem graça, já não existe tempo do sol. Por entre as pernas das passantes, os dadaístas queriam encontrar uma chave inglesa, e os surrealistas uma taça de cristal. Não deu certo. Sabemos ler nos rostos todas as promessas, derradeiro estágio da morfologia. A poesia dos cartazes durou vinte anos. Andar pela cidade não tem graça, é preciso fazer um tremendo esforço para ainda encontrar algo de misterioso nas tabuletas de rua, última expressão do humor e da poesia:

Bains-Douches des Patriarches [Banhos-Duchas dos Patriarcas]
Machines à trancher les viandes [Máquinas de cortar carnes]
Zoo Notre-Dame [Zoológico Nossa Senhora]
Pharmacie des Sports [Farmácia dos Esportes]
Alimentation des Martyrs [Mercearia dos Mártires]
Béton translucide [Cimento translúcido]
Scierie Main-d'or [Serraria Mão-de-Ouro]
Centre de récupération fonctionnelle [Centro de recuperação funcional]
Ambulance Sainte-Anne [Ambulância Santa Ana]
Cinquième Avenue Café [Café Quinta Avenida]
Rue des Volontaires Prolongée [Rua dos Voluntários Ampliada]
Pension de famille dans le jardin [Pensão de família no quintal]
Hôtel des Étrangers [Hotel dos Estrangeiros]
Rue Sauvage [Rua Selvagem]

E a piscina da Rua das Mocinhas. E a delegacia de polícia da Rua do Encontro. A clínica médico-cirúrgica e a agência de emprego do Quai des Orfèvres. As flores artificiais da Rua do Sol. O Hotel dos Porões do Castelo, o Bar do Oceano e o Café do Vai-e-vem. O Hotel da Época.

E a estranha estátua do Dr. Philippe Pinel, benfeitor dos débeis mentais, nas derradeiras noites de verão. Explorar Paris.

E tu, esquecida, tuas lembranças destruídas por todos os lamentos do mapamúndi, abandonada no Caves Rouges de Pali-Kao, sem música e sem geografia, já não partindo para a *hacienda onde as raízes pensam na criança e onde o vinho termina em fábulas de calendário*. Agora, acabou. Não verás mais a *hacienda*. Ela não existe.

É preciso construir a hacienda.

Todas as cidades são geológicas, e não é possível dar dois passos sem esbarrar em fantasmas cercados de todo o prestígio lendário. Vivemos numa paisagem fechada cujos pontos de referência remetem sempre ao passado. Certos ângulos *moventes*, certas perspectivas *fugazes* permitem-nos entrever concepções originais do espaço, mas essa visão permanece parcelar. É preciso procurá-la nos lugares mágicos dos contos folclóricos e dos textos surrealistas: castelos, muros intermináveis, barezinhos esquecidos, caverna do mamute, espelho dos cassinos.

Essas imagens caducas conservam um certo poder de catálise, mas não se pode usá-las num *urbanismo simbólico* sem rejuvenescê-las, sem lhes atribuir um novo significado. Nossa mente povoada por velhos arquétipos parece muito atrasada diante das máquinas aperfeiçoadas. As diversas tentativas de integração da ciência moderna em novos mitos são insuficientes. O abstrato tem invadido todas as artes, em particular a arquitetura de hoje. O fato plástico em estado puro, sem ligação com os acontecimentos, inanimado, descansa o olhar e o arrefece. Alhures encontram-se outras belezas atomizadas e, cada vez mais distante, a terra das sínteses prometidas. Todos hesitam entre o passado que vive no afetivo e o futuro que já nasce morto.

Não prolongaremos as civilizações mecanizadas e a arquitetura fria que levam, afinal, aos lazeres maçantes.

Nossa proposta é inventar novos cenários *moventes*. (...)

A escuridão recua diante da iluminação e as oscilações climáticas, diante do ar condicionado: a noite e o verão perdem o encanto, e o alvorecer desaparece. O homem das cidades julga que se afasta da realidade cósmica mas nem por isso consegue sonhar mais. O motivo é evidente: o sonho tem seu ponto de partida na realidade e nela se realiza.

O último estágio da técnica permite o contato permanente do indivíduo com a realidade cósmica, suprimindo todos os inconvenientes desse contato. O telhado de vidro deixa ver as estrelas e a chuva. A casa móvel gira com o sol. As paredes de correr permitem que a vegetação se misture à vida. Montada sobre rodas, uma casa pode ir pela manhã até o mar e voltar à noite para a mata.

A arquitetura é o meio mais simples de *articular* tempo e espaço, de *modular* a realidade, de *fazer* sonhar. Não se trata apenas de articulação e de modulação plásticas, expressão fugaz da beleza. Mas de modulação influencial, que se inscreve na eterna curva dos desejos humanos e do progresso na realização desses desejos.

A arquitetura de amanhã será portanto um meio de modificar os atuais conceitos de tempo e de espaço. Será um meio para *conhecer* e *agir*.

O complexo arquitetônico será passível de modificação. Seu aspecto pode mudar em parte ou no todo, segundo a vontade de seus moradores. (...)

As coletividades de outrora ofereciam às massas uma verdade absolu-

ta e exemplos míticos indiscutíveis. A entrada da noção de *relatividade* no espírito moderno permite conjecturar o lado *EXPERIMENTAL* da próxima civilização, embora o termo não me pareça satisfatório. Digamos mais flexível, mais "divertido". Na base dessa civilização móvel, a arquitetura será — pelo menos no início — um meio de experimentar as mil maneiras de modificar a vida, em busca de uma síntese que só pode ser lendária.

O planeta foi invadido por uma doença mental: a banalização. Todos estão hipnotizados pela produção e pelo conforto — esgoto, elevador, banheiro, máquina de lavar.

Esse estado de fato, que nasceu de um protesto contra a miséria, ultrapassa seu objetivo primeiro — libertar o homem das preocupações materiais — para se tornar uma imagem obsessiva no imediato. Entre o amor e o triturador automático de lixo, a juventude de todos os países prefere o triturador. Uma reviravolta completa das mentes tornou-se indispensável, pela revelação de desejos esquecidos e pela criação de desejos totalmente novos. E por uma *propaganda intensiva* em favor desses desejos.

Já indicamos a necessidade de construir situações como um dos desejos básicos sobre os quais se há de estabelecer a próxima civilização. Essa necessidade absoluta de criação sempre esteve ligada à necessidade de *jogar* com a arquitetura, o tempo e o espaço. (...)

De Chirico foi um dos mais importantes precursores da arquitetura.

Dedicou-se aos problemas das ausências e presenças através do tempo e do espaço.

É sabido que um objeto, não notado conscientemente quando se faz uma primeira *visita*, provoca, por sua ausência nas visitas seguintes, uma impressão indefinível: por uma correção no tempo, a *ausência do objeto torna-se presença sensível*. E mais: embora fique geralmente indefinida, a qualidade da impressão varia de acordo com a natureza do objeto retirado e com a importância que o visitante lhe confere, o que pode ir da alegria serena até o terror (pouco importa que no caso em questão o veículo do estado de alma seja a memória. Escolhi esse exemplo por comodidade).

Na pintura de De Chirico (período das Arcadas) um *espaço vazio* cria um *tempo bem preenchido*. Não é difícil imaginar o futuro que reservaremos a tais arquitetos e quais serão suas influências sobre as multidões. Só podemos desprezar hoje um século que relega maquetes desse tipo a pretensos museus.

Essa nova visão do tempo e do espaço que será a base teórica das construções futuras ainda não está formulada e nunca o estará inteiramente se antes não forem experimentados os comportamentos nas cidades destinadas a essa finalidade, onde ficariam reunidas sistematicamente, além de estabelecimentos indispensáveis a um mínimo de conforto e de segurança, construções marcadas por um grande poder evocador e influen-

TESES SOBRE A REVOLUÇÃO CULTURAL

1

A finalidade tradicional da estética é fazer sentir, pela privação e ausência, certos elementos passados da vida que, por uma mediação artística, escapam à confusão das aparências, sendo então a aparência aquilo que sofre o domínio do tempo. O grau de êxito estético é portanto medido por uma beleza inseparável da duração, com tendência à pretensão até de eternidade. O objetivo dos situacionistas é a participação imediata numa abundância passional da vida, através da mudança de momentos percebíveis que são deliberadamente preparados. O êxito desses momentos só pode ser seu efeito passageiro. Os situacionistas pensam a atividade cultural, sob o aspecto de totalidade, como método de construção experimental da vida cotidiana, a ser permanentemente desenvolvido com a extensão dos lazeres e o desaparecimento da divisão do trabalho (a começar pela divisão do trabalho artístico).

2

A arte pode deixar de ser um relato sobre as sensações para tornar-se uma organização direta de sensações superiores. Trata-se de produzir a nós mesmos e não coisas que nos escravizam.

3

Mascolo está certo ao dizer ("O Comunismo") que a redução da jornada de trabalho pelo regime de ditadura do proletariado é "a maior garantia que ele possa oferecer de sua autenticidade revolucionária". De fato, "se o homem é uma mercadoria, se é tratado como coisa, se as relações gerais entre os homens são relação de coisa a coisa, é porque é possível comprar o tempo dele". Mascolo conclui, porém, rápido demais que "o tempo de um homem empregado livremente" está sempre bem empregado, e que "a compra do tempo é o único mal". Não há liberdade no emprego do tempo sem a posse de instrumentos modernos de construção da vida cotidiana. O uso de tais instrumentos vai marcar o salto de uma arte revolucionária utópica para uma arte revolucionária experimental.

4

Uma associação internacional de situacionistas pode ser considerada como uma união dos trabalhadores de um setor avançado da cultura ou, mais exatamente, como uma união de todos os que reivindicam o direito a um trabalho que as atuais condições sociais entravam; logo, como uma tentativa de organização de revolucionários profissionais da cultura.

5

Estamos praticamente separados do real domínio dos poderes materiais acumulados por nosso tempo. A revolução comunista ainda não ocorreu e encontramos-nos no quadro de decomposição das velhas superestruturas culturais. Henri Lefebvre vê com acerto que essa contradição é o fulcro de um desacordo especificamente moderno entre o indivíduo progressista e o mundo, e chama de romântico-revolucionária a tendência cultural baseada nesse desacordo. A falha da idéia de Lefebvre é considerar a simples expressão do desacordo como critério suficiente para uma ação revolucionária na cultura. Lefebvre desiste de antemão de qualquer experiência de mudança cultural profunda ao satisfazer-se com um conteúdo: a consciência do possível-impossível (ainda muito longínquo), que pode ser expressa sob qualquer forma tomada do quadro da decomposição.

6

Os que querem superar, em todos os aspectos, a antiga ordem estabelecida não se podem ater à presente desordem, nem mesmo na esfera da cultura. É preciso lutar sem delongas, e também na cultura, para o aparecimento concreto da ordem movente do futuro. É sua possibilidade, já presente entre nós, que desvaloriza qualquer forma de expressão cultural conhecida. É necessário levar à total destruição todas as formas de pseudocomunicação, a fim de chegar um dia a uma comunicação real direta (em nossa hipótese de utilização de meios culturais superiores: a situação construída). A vitória caberá a quem souber fazer a desordem sem compactuar com ela.

7

No mundo da decomposição podemos experimentar, mas não utilizar nossas forças. A tarefa prática de superar nosso desacordo com o mundo, isto é, superar a decomposição por algumas construções superiores, não é romântica. Só seremos "românticos-revolucionários", no sentido de Lefebvre, se fracassarmos.

Guy-Ernest Debord
IS n° 1, junho de 1958

OS SITUACIONISTAS E A AUTOMATIZAÇÃO

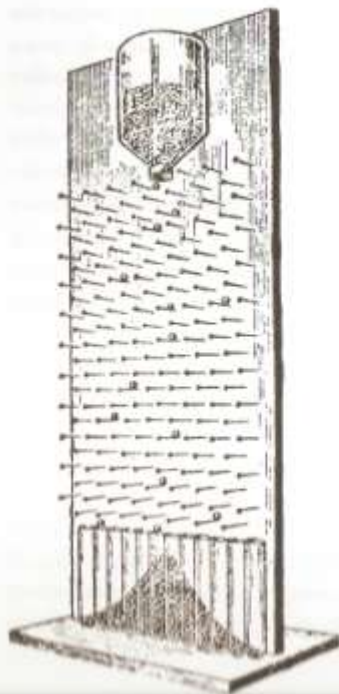
É espantoso que quase ninguém, até o momento, tenha ousado levar a idéia de automatização até as suas últimas conseqüências. Do que se deduz que faltam verdadeiras perspectivas. A impressão é que os engenheiros, cientistas e sociólogos tentam introduzir clandestinamente a automatização na sociedade.

Mas a automatização está agora no cerne do problema da dominação socialista sobre a produção e no da primazia do lazer sobre o tempo de trabalho. A questão da automatização é a que concentra mais possibilidades positivas e negativas.

A finalidade do socialismo é a abundância: o maior número de bens para o maior número de pessoas, o que implica estatisticamente a redução até o improvável do surgimento de imprevistos. O aumento do número de bens reduz o valor de cada um. Essa desvalorização de todos os bens humanos num estágio de neutralidade por assim dizer perfeita será o resultado inevitável de um desenvolvimento puramente científico do socialismo. É lamentável que muitos intelectuais não ultrapassem essa idéia da reprodução mecânica e preparem a adaptação do homem a esse futuro incolor e simétrico. É por isso que os artistas, especializados na busca do que é único, se mostram hostis (e são cada vez mais numerosos) ao socialismo. Enquanto isso, as condutas do socialismo mantêm sua desconfiança para com todas as manifestações artísticas que dão mostras de vigor ou originalidade.

Arraigados em suas posições conformistas, uns e outros revelam certo mau humor contra a automa-

Este aparelho permite o traçado automático da curva de Gauss (posição das bolas na chegada). Os problemas artísticos da deriva situam-se no nível dos trajetos relativamente imprevisíveis de cada bola.



tização, que ameaça profundamente seus conceitos econômicos e culturais. Em relação a ela, existe em todas as tendências "de vanguarda" um derrotismo ou, no mínimo, uma depreciação dos elementos positivos de um futuro que o advento da automatização revela bruscamente como próximo. Ao mesmo tempo, as forças reacionárias ostentam um otimismo idiota.

Um episódio significativo: o ano passado, na revista *Quatrième Internationale*, o militante marxista Livio Maitan contava que um padre italiano já havia sugerido a necessidade de uma segunda missa semanal, justificada pelo aumento do tempo livre. Maitan respondia: "O erro está em pensar que o homem da nova sociedade será o mesmo da sociedade atual, quando na realidade ele terá necessidades e exigências completamente diferentes que mal podemos imaginar". Mas Maitan se engana quando deixa a um vago futuro as novas exigências "que mal podemos imaginar". O papel dialético do espírito é o de levar o possível para formas desejáveis. Maitan esquece que sempre "os elementos de uma sociedade nova se formam na sociedade antiga", como afirma o Manifesto Comunista. Elementos de uma vida nova devem já estar em formação entre nós — na área da cultura — e deles nos devemos servir para esquentar o debate.

O socialismo, que busca a mais completa liberação das energias e

capacidades existentes em cada indivíduo, será obrigado a ver na automatização uma tendência anti-progressista em si, tornada progressista apenas por sua relação com novos desafios capazes de exteriorizar as energias latentes do homem. Se, como pretendem os cientistas e os técnicos, a automatização é um novo meio de libertação do homem, ela deve implicar uma superação das atividades humanas anteriores. Isso obriga a imaginação ativa do homem a superar a realização da própria automatização. Onde encontrar tais perspectivas que tornem o homem senhor e não escravo da automatização?

Louis Salleron explica, em seu estudo *L'Automation*, que ela "como quase sempre em matéria de progresso... acrescenta mais do que substitui ou suprime". O que a automatização, em si mesma, acrescenta à possibilidade de agir do homem? O que sabemos é que ela o suprime completamente no seu próprio terreno.

A crise da industrialização é uma crise de consumo e de produção. A crise de produção é mais importante que a crise de consumo, pois esta é condicionada pela primeira. Transposto para o plano individual, isso equivale à tese do: há mais prazer em dar que em receber, em ser capaz de acrescentar que de suprimir. A automatização possui assim duas perspectivas opostas: retira do indivíduo qualquer possibilidade de acrescentar algo de pessoal à produção automatizada que

é uma fixação do progresso, e ao mesmo tempo economiza energias humanas maciçamente liberadas das atividades reprodutivas e não "criativas". O valor da automatização depende portanto dos projetos que a ultrapassam e que liberam novas energias humanas num plano superior.

A atividade experimental na cultura tem, hoje, esse campo incomparável. E a atitude derrotista neste caso, a desistência diante das possibilidades da época, é sintomática das antigas vanguardas que preferem ficar, como escreve Edgar Morin, "roendo um osso do passado". Um surrealista chamado Benayoun diz no nº 2 do *Surréalisme même*, última expressão desse movimento: "O problema do lazer começa a atormentar os sociólogos... Já não se precisa de técnicos, mas sim de palhaços, cantores de sucesso, bailarinas, contorcionistas. Um dia de trabalho para seis de descanso: o equilíbrio entre o sério e o fútil, entre ócio e trabalho corre o risco de se inverter... o "trabalhador" desocupado será imbecilizado por uma televisão fanatizante, avassaladora, sem imaginação, à cata de talentos". Esse surrealista não percebe que uma semana de seis dias de descanso não vai trazer uma "inversão de equilíbrio" entre o fútil e o sério mas uma mudança de natureza tanto do sério quanto do fútil. Ele só espera por quiproquós, ridículos imprevistos do mundo que ele prefigura, à imagem do surrealismo velhusco, como

uma espécie de teatro de revista intocável. Por que esse futuro tem de ser a hipertrofia das baixezas do presente? E por que terá ele de ser "sem idéias"? Quer isso dizer que ficará sem idéias surrealistas de 1924 melhoradas em 1936? É provável. Ou quer dizer que os imitadores do surrealismo estão sem idéias? Isso já sabemos.

Os novos lazeres parecem um abismo que a sociedade atual procura preencher apenas com novos pseudojogos sem consistência. Esses lazeres são também a base sobre a qual se pode erguer a mais grandiosa construção cultural jamais imaginada. É evidente que tal objetivo não convém ao círculo de interesse dos adeptos da automatização. É até antagônico à tendência direta da automatização. Se queremos discutir com engenheiros, convém entrar em sua área de interesse. Maldonado, que dirige atualmente em Ulm a *Hochschule für Gestaltung*, explica que o desenvolvimento da automatização está comprometido porque os jovens não sentem entusiasmo para lançar-se na via politécnica, com exceção dos especialistas nos próprios fins da automatização, desprovidos de uma perspectiva geral da cultura. Mas Maldonado, que deveria mostrar essa perspectiva geral, ignora-a completamente: *a automatização só se pode desenvolver rapidamente a partir do momento em que estabelecer como objetivo uma perspectiva contrária a seu próprio estabelecimento, e se souberem*

realizar tal perspectiva geral à medida que a automatização se desenvolva.

Maldonado propõe o contrário: primeiro estabelecer a automatização, e depois o seu uso. Seria possível discutir o procedimento se o objetivo não fosse precisamente a automatização, porque ela não é uma ação em dado domínio, capaz de provocar uma anti-ação. É a neutralização de um domínio, que vem a neutralizar também os campos exteriores a esse domínio se ações opostas não forem empreendidas concomitantemente.

Pierre Drouin, ao falar no *Le Monde* de 5 de janeiro de 1957 sobre a extensão dos hobbies como realização das virtualidades que os trabalhadores já não conseguem utilizar em sua atividade profissional, conclui que em cada homem "há um criador que dor-

mita". Essa velha banalidade é muitíssimo atual se a ligarmos às reais possibilidades materiais de nossa época. O criador que dormita precisa acordar, e seu estado de vigília pode ser chamado situacionista.

A idéia de padronização é um esforço para reduzir e simplificar, de modo mais equitativo, o maior número de necessidades humanas. Compete-nos fazer com que a padronização abra domínios de experiência mais interessantes que os que ela fecha. Conforme o resultado, pode-se chegar ao total embrutecimento da vida humana ou à descoberta permanente de novos desejos. Mas, no contexto opressivo do mundo atual, esses novos desejos não se manifestarão espontaneamente. É indispensável uma ação comum para os detectar, manifestar e realizar.

Asger Jorn
IS nº 1, junho de 1958

VENEZA VENCEU RALPH RUMNEY

O situacionista britânico Ralph Rumney, que desde a primavera de 1957 efetuava reconhecimentos psicogeográficos em Veneza, decidiu posteriormente explorar de modo sistemático essa aglomeração e pretendia apresentar um relatório exaustivo a esse respeito em junho de 1958 (cf. um anúncio do nº 29 de *Potlatch*). O trabalho começou bem. Rumney, que conseguira estabelecer os primeiros elementos para um mapa de Veneza cuja técnica de notação era nitidamente superior a toda a cartografia psicogeográfica anterior, comunicava suas descobertas aos colegas, passava-lhes as primeiras conclusões e expectativas. Em janeiro de 1958, as notícias começaram a piorar. Rumney, diante de inúmeras dificuldades, cada vez mais enleado pelo meio que ele tentara atravessar, teve de abandonar uma a uma suas linhas de pes-

quisa e, afinal, como dizia em sua comovente mensagem de 20 de março, ficou reduzido à imobilidade.

Os exploradores antigos sofreram muitas perdas à custa das quais chegou-se ao conhecimento de uma geografia objetiva. Não é de estranhar que também haja vítimas entre os novos pesquisadores, exploradores do espaço social e das maneiras como ele é usado.

As armadilhas são outras, mas o objetivo também é de outra natureza: procura-se chegar a um uso apaixonante da vida. É compreensível que se esbarre nas defesas do mundo do tédio. O fato é que Rumney acaba de desaparecer, e seu pai ainda não foi procurá-lo. A selva de Veneza foi mais forte e se fechou sobre um jovem promissor e cheio de vida, que se perde, que se dissolve, entre nossas múltiplas lembranças.

Internacional Situacionista
IS nº 1, junho de 1958



Levantamento de todos os trajetos efetuados durante um ano por uma estudante que mora no XVI^o arrondissement de Paris. Publicado por Chombart de Lauwe em Paris et l'agglomération parisienne.

ESBOÇO DE DESCRIÇÃO PSICOGEOGRÁFICA DO LES HALLES* DE PARIS

"De fato, para obter uma infima melhora nas relações sociais é preciso mobilizar tanta energia coletiva que, se a grandeza real dessa desproporção aparecesse inteiramente à consciência pública, constituiria um fator de desestímulo...

O que minimiza, para a consciência humana, essa horrível desproporção é a ampliação artificial e mitológica dos resultados esperados, levada a proporções que correspondem mais à soma dos esforços empregados e dos quais não se pode esconder a importância, já que ela é diretamente sentida. Essas deformações que, observadas de fora, têm um aspecto fantasista, são produzidas pelas ideologias que, por tal motivo, constituem a condição indispensável do progresso social."

Leszek Kolakowski (*Responsabilité et Histoire*).

O mundo em que vivemos parece, sobretudo sob o aspecto material, cada dia mais estreito. Chega a nos abafar. Sofremos profundamente sua influência; reagimos-lhe de acordo com nossos instintos em vez de reagir de acordo com nossas aspirações. Em suma, esse mundo comanda nosso modo de ser e, por isso, nos esmaga. Se ele não for rearrumado — ou melhor, estilizado — não haverá possibilidade de organizar, num nível superior, o modo de vida.

Os situacionistas sentem-se capazes, graças a seus métodos atuais e ao que neles ainda vai ser desenvolvido,

não só de rearrumar o meio urbano, mas também de modificá-lo substancialmente. Até o momento a falta de recursos — a precária ajuda que nos deram pessoas que se dizem interessadas por tudo o que se refere ao urbanismo, à cultura e seu impacto sobre a vida — só nos permitiu proceder a uma reduzida experimentação, que permanece no âmbito da ação pessoal. Mas o que desejamos é uma intervenção direta, efetiva, que leve, após os indispensáveis estudos preliminares — e nesse ponto a psicogeografia será de grande importância —, a instaurar novas ambiên-

* Les Halles, o mercado central de Paris, compunha-se de imponentes pavilhões de ferro e vidro construídos em 1851 por Victor Baltard. Situado em pleno centro da cidade, esse mercado, além de concentrar o abastecimento de víveres por atacado, conferia ao bairro, que adotou o mesmo nome, uma grande efervescência comercial e turística. Nos anos 1960, após forte resistência não só dos moradores, o mercado foi transferido para Rungis, na periferia parisiense, e os pavilhões demolidos. No espaço que ficou, conhecido como o "trou des Halles" [o buraco das Halles], foi construído o centro comercial Forum des Halles e uma estação de metrô e RER, todos sob essa denominação. Na tradução, os pavilhões do mercado aparecem como Les Halles e usou-se o artigo definido para designar o bairro (o Les Halles). [NT]



Mapa n° 1 — A unidade de ambiência do Les Halles.

cias, situacionistas, cujas características essenciais são a curta duração e a mudança constante.

A psicogeografia — estudo das leis e efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos — apresenta-se, segundo a definição de Asger Jorn, como a ficção científica do urbanismo.

Os recursos da psicogeografia são numerosos e variados. O primeiro e mais sólido é a deriva experimental. A deriva é um modo de comportamento experimental numa sociedade urbana. Além de modo de ação, é um meio de conhecimento, especialmente no que se refere à psicogeografia e à teoria do urbanismo unitário. Os outros meios, como a leitura de fotos aéreas e de mapas, o estudo de estatísticas, de gráficos ou de resultados de pesquisas sociológicas, são teóri-

cos e não possuem esse lado ativo e direto que pertence à deriva experimental. No entanto, é graças a eles que podemos ter uma primeira representação do meio a estudar. E o resultado desse estudo pode, em retorno, modificar essas representações cartográficas e intelectuais no sentido de uma maior complexidade, de um enriquecimento.

Escolhemos como assunto de estudo psicogeográfico o bairro parisiense Les Halles que, ao contrário das outras zonas que foram até então objeto de certas descrições psicogeográficas (Continent Contrescarpe, zona das Missões Estrangeiras), é muitíssimo animado e conhecido, tanto pelos parisienses quanto pelos estrangeiros que passam algum tempo na França.

Primeiro, vamos dar os limites do bairro tal como o concebemos; as divisões caracterizadas do ponto de vista das ambiências; as direções que somos levados a tomar dentro e fora desse terreno. Depois, faremos algumas propostas construtivas.

O bairro Les Halles, em termos de divisão administrativa, é o segundo bairro do primeiro *arrondissement*. Situado no centro de Paris, tem contato com zonas bem diferentes entre si. Sob o ponto de vista da unidade de ambiência, o bairro pouco difere de seus limites oficiais e praticamente se confunde, ao norte, com o segundo *arrondissement*. Consideramos como fronteiras: a leste, a rua Saint-Denis; ao norte, as ruas Saint-Sauveur e Bellan; a noroeste, as ruas

Héroid e d'Argout; a oeste, a rua da Croix-des-Petits-Champs; e, ao sul, a rua de Rivoli, que é preciso atravessar, a partir da rua de Arbre-Sec, pela rua Saint-Honoré (ver mapa n° 1).

A arquitetura das ruas e o cenário movente que as complica durante a noite podem dar a impressão de que o Les Halles é um bairro difícil de percorrer. É verdade que, nas horas de atividade noturna, o engarrafamento de caminhões, o amontoado de engradados, o vaivém dos feirantes com seus carrinhos motorizados ou manuais impedem o fluxo do trânsito e obrigam os pedestres a mudar de percurso (o que é muito favorável à antideriva circular). Mas, a despeito das aparências, o bairro Les Halles, graças às vias de acesso que o circundam ou cortam em todas as direções, é um dos mais fáceis de explorar.

Quatro grandes vias atravessam o Les Halles de ponta a ponta e favorecem sua distribuição em zonas de ambiência distintas, mas que se comunicam: a mais importante das quatro, no sentido leste—oeste, é a rua Rambuteau que, por diversos prolongamentos chega à região do Banque de France; a rua Berger, também no sentido leste—oeste, a atravessa na parte sul; a rua do Louvre, no sentido norte—sul; a rua Les Halles, no sentido sul—leste—norte—oeste. Existem muitas outras vias secundárias de penetração, como, por exemplo, as ruas do Pont-Neuf/Baltard, em contato com a margem esquerda do Sena através do Pont-Neuf, e com di-

versos setores do norte através das ruas Montmartre, de Montorgueil e, um pouco menos, pela rua de Turbigo. Esta via deve ser considerada secundária por causa dos dois cortes relativos representados pela travessia da rua de Rivoli e dos grandes prédios de Les Halles centrais.

A característica essencial do urbanismo do Les Halles é o aspecto instável do traçado das linhas de comunicação, decorrente das diversas barreiras e das construções efêmeras que interferem de hora em hora na via pública. As zonas de ambiência separadas, que são muito parecidas, acabam interferindo no mesmo lugar: no complexo da praça dos Deux-Écus/Bourse du Commerce (rua de Viarme).

A primeira zona, a leste, está compreendida entre as ruas Saint-Denis, de Turbigo, Pierre-Lescot e a praça Sainte-Opportune. É a zona de prostituição, com uma infinidade de barezinhos. No fim de semana uma multidão masculina muito pobre, vinda de outros bairros, procura-a como lugar de lazer. Ao redor da praça dos Innocents os mendigos fazem ponto. O aspecto geral dessa zona é deprimido (...).

A rua Saint-Denis marca um corte bem nítido entre essa zona e os bairros, a leste, de Saint-Merri/Saint-Avoye, corte esse que permanece até a ambiência do Les Halles. Como o corte se torna mais pronunciado com o bulevar de Sébastopol, o Plateau Saint-Merri recebe menos influência do Les Halles, embora sua participação

na atividade econômica do bairro (estacionamento de caminhões) pareça um fator de integração.

A segunda zona, ao sul, estende-se entre as ruas de Rivoli/Arbre-Sec-Saint-Honoré e a rua Berger. Pelo contato, diurno, com a efervescência comercial da rua de Rivoli e com o mercado das flores situado em Les Halles centrais, essa zona é, à noite, animada e alegre. Nela se encontra a maioria dos restaurantes e bares frequentados pelos trabalhadores do bairro.

A terceira zona, que fica a leste (entre a rua do Louvre e a rua da Croix-des-Petits-Champs), é calma tanto de dia quanto de noite. Tudo denota ordem, e a atividade de Les Halles vai diminuindo, assim como a ambiência, de leste a oeste, para cessar totalmente diante do Banque de France e na praça de Valois. Esta linha fronteira já anuncia a proximidade dos bairros ricos (Palais-Royal, Opéra). A impressão é de se estar num bairro residencial qualquer, e não num trecho do Les Halles. Embora passagens como a Galerie Véro-Dodat ou a Cour des Fermes apresentem a ambiência movente e dêem a essa zona um aspecto estranho e indefinido (...).

A rua da Croix-des-Petits-Champs é uma tangente à unidade de ambiência do Les Halles. Seu interesse está nas possibilidades de contato que oferece, sobretudo nas imediações do cruzamento da praça dos Deux-Écus com a rua de Viarme. Quanto à

praça das Victoires, onde ela desemboca ao norte, é um ponto fronteiro, estranho ao Les Halles e que desencoraja o acesso ao mercado. A praça das Victoires é um baluarte dos bairros burgueses (no mesmo espírito da luta de classes transposta para o urbanismo, convém citar o opressivo Palácio de Justiça de Bruxelas, limítrofe com os bairros pobres).

Com a quarta zona, que constitui o norte do Les Halles, chegamos à parte mais extensa e sobretudo mais célebre desse vasto complexo urbano. Vejamos seus limites. Primeiro a rua Rambuteau, prolongada a oeste da igreja Saint-Eustache pela rua Coquillière, constitui a principal fachada (o lado oposto dessa rua é o alinhamento dos pavilhões de Les Halles centrais). A fronteira leste segue a rua Pierre-Lescot, a rua de Turbigo e vai até a rua Saint-Denis. A oeste, a zona acaba nas ruas Hérold-d'Argout. Na parte setentrional, além da rua Étienne-Marcel, há uma linha fronteira onde a influência de Les Halles, que diminui à medida que se avança para o norte, aparece através das vias secundárias, em geral no sentido sul—oeste—norte—leste, como as ruas Rousseau-Tiquetonne, a rua do Jour continuada pela passagem da Reine de Hongrie, as ruas Mauconseil-Française. Esta zona compreende ao mesmo tempo uma região residencial paupérrima e os restaurantes mais famosos, atração do turismo rico do Les Halles; um intenso comércio varejista de alimen-



Mapa nº 2 — Fluxos internos e comunicações externas do Les Halles.

tos e uma importante implantação administrativa (Hôtel des Postes, Centro da EDE, rua Mauconseil, várias escolas). Tais elementos provocam uma considerável diferenciação entre as ambiências diurna e noturna. Durante a noite, é a zona que concentra quase todas as características de divertimento do Les Halles, no sentido burguês e tradicional do termo (...).

A zona de interferência central, a *plaque tournante* das diversas direções de ambiências do Les Halles, é, como já indicamos, o complexo Bourse du Commerce/Praça dos Deux-Écus. Essa zona se encontra na extremidade oeste do bloco constituído pela justaposição dos grandes pavilhões de Les Halles centrais. Mas essas edificações não agem como li-

gação e sim como corte; a rua Carême que as atravessa no sentido longitudinal não participa dessa relação.

As diversas direções que se cruzam nessa *plaque tournante* afetam muito o itinerário que um indivíduo ou grupo deseja efetuar, com aparente espontaneidade, dentro ou fora do Les Halles (ver mapa nº 2).

Segundo a teoria das zonas concêntricas urbanas, o Les Halles faz parte da zona de transição de Paris (degradação social, aculturação, mistura de populações, que é o meio propício às trocas culturais). Sabe-se que, no caso de Paris, essa divisão concêntrica se complica com a oposição leste—oeste entre os bairros mais populares e os bairros burgueses, comerciais ou residenciais. A linha de

* A expressão francesa designa um mecanismo que permite desviar a rota de um trem pela mudança de direção dos trilhos. Por analogia, foi adotada pelos situacionistas como ferramenta para as derivações. [NT]

ruptura está, no sul do Sena, no boulevard Saint-Michel. No norte do Sena, ela se desvia ligeiramente para oeste e passa pela rua da Croix-des-Petits-Champs, rua Notre-Dame-des-Victoires e seus prolongamentos. No limite oeste do Les Halles, o Ministère des Finances, a Bourse e a Bourse du Commerce formam as três pontas do triângulo do qual o Barique de France é o centro. As instituições concentradas nesse espaço restrito fazem dele, prática e simbolicamente, um perímetro defensivo dos magníficos bairros capitalistas. O projeto que visa a deslocar o mercado Les Halles para fora da cidade é mais uma perda do setor popular de Paris que, há cem anos, um movimento contínuo tenta expulsar para a periferia.

Ao contrário, um novo espírito social impõe que esse espaço seja conservado no centro de Paris para as manifestações de uma vida coletiva liberta. Em lugar do comércio de gêneros alimentícios, deveriam ser desenvolvidas em larga escala tendências

para o jogo de construção e para o urbanismo movente, surgidas "das águas glaciais do cálculo egoísta". A primeira medida arquitetônica seria a substituição dos pavilhões atuais por séries autônomas de pequenos complexos arquitetônicos situacionistas. Por entre essas novas arquiteturas e em seu entorno, correspondente às quatro zonas que aqui descrevemos, deveriam ser construídos labirintos em perpétuo movimento com a ajuda de objetos mais apropriados que os engradados de frutas e legumes que constituem as únicas barricadas de hoje.

Levado em conta o embrutecimento que o rádio, a televisão, o cinema e o resto mantêm atualmente, a expansão dos lazeres sob outro regime há de suscitar iniciativas mais ousadas. Se Les Halles subsistirem até o momento em que esses problemas forem evocados por todos, convém propor que esse mercado se torne um parque de diversões para a educação lúdica dos trabalhadores.

Abdelhafid Khatib
IS n° 2. dezembro de 1958

Este estudo está inacabado em vários pontos fundamentais, e principalmente no que se refere à caracterização das ambiências nas zonas sumariamente definidas. Isso porque nosso colaborador foi atingido pelos decretos policiais que, desde o mês de setembro, proibem aos norte-africanos a permanência nas ruas após as 21:30h. O essencial do trabalho de A. Khatib referia-se, é claro, à ambiência noturna do Les Halles. Depois de ter sido detido e enviado duas vezes para "Centros de Triagem", ele viu-se obrigado a desistir da experiência. Por isso, tanto o presente quanto o futuro político não podem ser abstraídos das considerações a respeito da própria psicogeografia.

QUESTIONÁRIO

1

Você tem algum conhecimento teórico em ecologia humana? E em psicogeografia? Quais são esses conhecimentos?

2

Fez alguma experiência de deriva? O que pensa a respeito disso?

3

Qual é a natureza exata de seu conhecimento do bairro Les Halles (visitas rápidas, frequência assídua, residência permanente)?

4

Concorda com os limites da unidade de ambiência tal como aparecem em nosso mapa? Que correções lhe devem ser feitas?

5

A divisão do Les Halles em zonas distintas parece-lhe de acordo com a sua experiência no terreno? Que outras divisões lhe parecem mais próximas da realidade?

6

Admite a existência de *plaques tournantes* psicogeográficas no meio urbano em geral? E no Les Halles, em particular? Neste caso, onde as colocaria?

7

Consegue atribuir um centro à unidade de ambiência estudada? Em que ponto?

8

Como costuma entrar no Les Halles? E sair? (Desenhe eixos de progressão dominantes, excluindo o uso de quaisquer meios de transporte mecânicos.)

9

Que direções costuma tomar quando anda dentro do Les Halles?

10

Que sentimentos o Les Halles provoca em você (setor por setor)? Por quê?

11

Que mudanças na ambiência notou você em função da hora?

12

Que tipo de encontros teve no Les Halles? E em outros lugares?

13

Que mudanças arquitetônicas lhe parecem necessárias no Les Halles? Para que zona e em que direções, vê você uma extensão dessa unidade de ambiência? Ou, ao contrário, a destruição?

14

Se a atividade econômica do Les Halles for transferida para outro lugar, que destino acha você deveria ser dado a este bairro?

15

Tem você as qualidades exigidas para ser psicogeógrafo?

16

Se você não é situacionista, diga sucintamente o que o impede de sê-lo.

Enviar as respostas para A. Khatib, 32, rua da Montagne-Sainte-Geneviève, Paris, 5^{ème} arrondissement.

Internacional Situacionista
IS n° 2, dezembro de 1958

TEORIA DA DERIVA

Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas. O conceito de deriva está indissoluvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio.

Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar. A parte aleatória não é tão determinante quanto se imagina: na perspectiva da deriva, existe um relevo psicogeográfico das cidades, com correntes constantes, pontos fixos e turbilhões que tornam muito inóspitas a entrada ou a saída de certas zonas.

Mas, em sua unidade, a deriva contém ao mesmo tempo esse deixar-se levar e sua contradição necessária: o domínio das variações psicogeográficas exercido por meio do conhecimento e do cálculo de suas possibilidades. Sob este último aspecto, os dados ressaltados pela ecologia — por mais limitado que seja *a priori* o espaço social que esta ciência pretende estudar — são um

apoio para o pensamento psicogeográfico.

A análise ecológica do caráter absoluto ou relativo dos recortes do tecido urbano, do papel dos microclimas, das unidades elementares inteiramente diferentes dos bairros oficiais, e sobretudo da ação dominante de centros de atração, deve ser utilizada e completada pelo método psicogeográfico. O terreno passional objetivo onde se move a deriva deve ser definido de acordo com seu próprio determinismo e com suas relações com a morfologia social.

Chombart de Lauwe em seu estudo sobre *Paris et l'agglomération parisienne* (Paris: PUF, 1952, col. Bibliothèque de Sociologie Contemporaine) observa que "um bairro urbano não é determinado apenas pelos fatores geográficos e econômicos mas pela representação que seus moradores e os de outros bairros têm dele"; e apresenta no mesmo livro — para mostrar "a estreiteza da Paris real onde vive cada indivíduo... geograficamente num perímetro de âmbito muito exíguo" — o traçado de todos os percursos efetuados em um ano por uma aluna do XVI^{ème} arrondissement; esses percursos formam um triângulo de dimensão reduzida, sem alternâncias, cujos três ápices são a École des Sciences Politiques, o domicílio da jovem e a casa de seu professor de piano [ver

p. 78, "Veneza venceu Ralph Rumney"]].

Sem dúvida tais esquemas — exemplos de uma poesia moderna capaz de produzir vivas reações afetivas (no caso, a indignação de constatar que alguém pode viver desse modo), ou mesmo a teoria, proposta por Burgess a respeito de Chicago, da divisão das atividades sociais em zonas concêntricas definidas — não contribuem para o progresso da deriva.

O acaso ainda tem importante papel na deriva porque a observação psicogeográfica não está de todo consolidada. Mas a ação do acaso é naturalmente conservadora e tende, num novo contexto, a reduzir tudo à alterância de um número limitado de variantes e ao hábito. Como o progresso consistirá, pela criação de novas condições mais favoráveis a nosso designio, na ruptura de um dos campos onde ocorre o acaso, é possível afirmar que os acasos da deriva são fundamentalmente diferentes dos do passeio, e que os primeiros atrativos psicogeográficos descobertos correm o risco de fixar o sujeito ou o grupo derivante em torno de novos eixos habituais, para os quais tudo os leva constantemente.

Por pouco desconfiar do acaso e de seu uso ideológico sempre reacionário, fracassou a célebre deambulação tentada em 1923 por quatro surrealistas a partir de uma cidade que eles sortearam: caminhar por descampados é sem dúvida depri-

mente, e as possíveis intervenções do acaso, em tais circunstâncias, são raríssimas. Mas a falta de reflexão é levada bem mais longe em *Médium* (maio de 1954), por um certo Pierre Vendryes que acha possível comparar esse episódio — porque tudo faria parte de uma mesma libertação antideterminista — com algumas experiências probabilistas, por exemplo, a repartição aleatória de girinos de rã num cristalizador circular, a que ele acrescenta a esdrúxula explicação: "é preciso, evidentemente, que esta população não receba de fora nenhuma influência diretriz". Em tais condições, a vitória será dos girinos que têm a vantagem de ser "inteiramente desprovidos de inteligência, de sociabilidade e de sexualidade" e, por conseguinte, "verdadeiramente independentes uns dos outros".

No pólo oposto a tais aberrações, o caráter principalmente urbano da deriva, no contato com centros de possibilidades e de significações que são as grandes cidades transformadas pela indústria, procura responder à frase de Marx: "Os homens não vêem nada em torno de si que não seja o próprio rosto, tudo lhes fala deles mesmos. Até a paisagem é algo vivo."

Pode-se derivar sozinho, mas tudo indica que a distribuição mais proveitosa será a que consiste em vários grupinhos de duas ou três pessoas com idêntico nível de consciência, cujas observações serão confrontadas e levarão a conclusões objetivas. É desejável que a composição desses

grupos mude de uma deriva para outra. Acima de quatro ou cinco participantes, o cunho específico da deriva decai rapidamente e, se o grupo chegar a dez ou mais, a deriva se fraciona em várias derivas efetuadas simultaneamente. Aliás, a prática deste último movimento é de grande interesse, mas as dificuldades que acarreta não permitiram até agora que seja organizado na dimensão desejável.

A duração média de uma deriva é a jornada, considerada como o intervalo de tempo compreendido entre dois períodos de sono. Os pontos de partida e de chegada, no tempo, em relação ao dia solar, são indiferentes, mas convém lembrar que as horas da madrugada são em geral impróprias à deriva.

Essa duração média da deriva tem valor apenas estatístico. Primeiro, ela não ocorre tão integralmente, pois os interessados acabam destinando, no início ou no fim da jornada, uma ou duas horas a ocupações banais; no fim de jornada, o cansaço é a maior causa desse abandono. Mas a deriva costuma desenrolar-se em algumas horas deliberadamente marcadas, ou até fortuitamente por breves instantes, ou ainda durante vários dias sem interrupção. Apesar das paradas impostas pela necessidade de dormir, certas derivas de intensidade suficiente prolongaram-se por dois ou três dias, e até mais. É verdade que, no caso de uma seqüência de derivas durante um longo período, é quase impossível determinar com precisão o momen-

to em que o estado de espírito adequado a determinada deriva é substituído por outro. Uma seqüência de derivas foi efetuada sem interrupção notória por cerca de dois meses, o que não deixou de trazer novas condições objetivas de comportamento que provocaram o desaparecimento de muitas das precedentes.

Embora real, a influência de variações climáticas na deriva só é determinante no caso de chuvas prolongadas, que a tornam quase impossível. Mas as trovoadas ou outros tipos de fenômenos podem até ser-lhe propícios.

O campo espacial da deriva é mais exato ou vago de acordo com o objetivo dessa atividade, ou seja, o estudo do terreno ou resultados afetivos desnorteantes. Não convém esquecer que esses dois aspectos da deriva apresentam múltiplas interferências e que é impossível isolar um deles perfeitamente. Mas, o uso de táxis, por exemplo, oferece uma linha divisória bem clara: se durante uma deriva toma-se um táxi, seja para um destino certo, seja para um trajeto de vinte minutos na direção oeste, é sinal de que a busca é de uma desambientação pessoal. Se o que importa é a exploração direta de um terreno, aciona-se a pesquisa de urbanismo psicogeográfico.

Em qualquer caso, o campo espacial é antes de tudo função das bases de partida constituídas, para os sujeitos isolados, por seu domicílio, e, para os grupos, pelos pontos de reunião escolhidos. A extensão máxima

desse campo espacial não ultrapassa o conjunto de uma grande cidade e seus subúrbios. Sua extensão mínima pode ser limitada a uma pequena unidade de ambiência: um único bairro, ou um único quarteirão se valer a pena (no limite extremo, a deriva-estática de uma jornada sem sair da estação parisiense de Saint-Lazare).

A exploração de um campo espacial marcado supõe portanto o estabelecimento de bases, e o cálculo das direções de penetração. Aqui intervém o estudo dos mapas, sejam oficiais, sejam ecológicos ou psicogeográficos, e a correção e melhoria desses mapas. Será necessário dizer que a não-familiaridade com o bairro desconhecido, jamais percorrido, não interfere em nada? Este aspecto do problema, além de insignificante, é totalmente subjetivo e não persiste por muito tempo.

A parte de exploração é mínima, se comparada à parte do comportamento inopinado, no "encontro possível". O indivíduo é solicitado a se apresentar sozinho em determinada hora e lugar que lhe são marcados. Ele está liberado do ônus desagradável do encontro corriqueiro, já que não tem de esperar por ninguém. No entanto, como este "encontro possível" o leva inesperadamente a um lugar que ele conhece ou não, ele observa as adjacências do entorno. Pode ocorrer que tenham marcado no mesmo lugar um outro "encontro possível" a alguém cuja identidade ele não pode prever. Talvez alguém que ele nunca

tenha visto, o que o leva a se dirigir a vários passantes. Pode não encontrar ninguém, ou encontrar por acaso aquele que marcou o "encontro possível". Seja como for, se o lugar e a hora foram bem escolhidos, o tempo que o sujeito aí passar terá um desenrolar imprevisto. Pode até pedir por telefone um outro "encontro possível" a alguém que ignore onde o primeiro o fez chegar. Percebem-se os recursos quase infinitos deste passatempo.

Assim, o modo de vida pouco coerente, e até certas brincadeiras consideradas duvidosas, que sempre foram muito apreciadas por nosso grupo — como, por exemplo, entrar de noite em prédios em demolição, zanzar de carona por Paris em dia de greve dos transportes, pedindo para ir a um ponto qualquer no intuito de aumentar a confusão, perambular pelos subterrâneos das catacumbas cuja entrada é proibida ao público — são decorrentes de um sentimento mais geral que corresponde exatamente ao sentimento da deriva. O que é possível pôr por escrito são apenas algumas senhas desse grande jogo.

As lições da deriva permitem estabelecer os primeiros levantamentos das articulações psicogeográficas de uma cidade moderna. Além do reconhecimento de unidades de ambiência, de seus componentes fundamentais e de sua localização espacial, percebem-se os principais eixos de passagem, as saídas e defesas. Chega-se à hipótese central de *plaques tournantes* psicogeográficas. Medem-

- Quem devo anunciar ao senhor duque?
— O jovem que, certa noite, o provocou no Pont-Neuf, defronte a La Samaritaine.
— Estranha recomendação!
— Verá que ela vai ter efeito."

A. Dumas (Os três mosqueteiros)

se as distâncias que separam de fato duas regiões de uma cidade, distâncias bem diferentes da visão aproximativa que um mapa pode oferecer. É possível estabelecer — com a ajuda de velhos mapas, fotos aéreas e derivas experimentais — uma cartografia influencial que falta até o momento, e cuja incerteza atual, inevitável até que se efetue um imenso trabalho, não é pior que a dos primeiros portulanos, e com uma diferença: não se trata de delimitar exatamente continentes duráveis, mas de mudar a arquitetura e o urbanismo.

As diferentes unidades de atmosfera e de moradia não são hoje muito nítidas, e sim cercadas de margens fronteiriças mais ou menos extensas. A mudança mais geral, que a deriva leva a propor, é a diminuição constante dessas margens fronteiriças, até sua completa supressão.



Até na arquitetura, o gosto pela deriva leva a preconizar todo o tipo de novas formas do labirinto, que as modernas possibilidades de construção favorecem. Assim, a imprensa assinalava em março de 1955 a construção em Nova York de um imóvel onde se podem notar os primeiros sinais de uma oportunidade de deriva dentro de um apartamento:

"Os apartamentos da casa helicoidal terão a forma de uma fatia de bolo. Poderão ser aumentados ou diminuídos à vontade pelo deslocamento de divisórias móveis. A gradação por meio-andar evita que se limite o número de aposentos: o morador pode escolher o uso da fatia seguinte em nível superior ou inferior. Tal sistema permite que se transforme em seis horas três apartamentos de quatro cômodos em um apartamento de doze cômodos ou mais."

(Continua.)

Guy-Ernest Debord
IS n° 2. dezembro de 1958 [1956]

A PROPÓSITO DE NOSSOS MEIOS DE AÇÃO E PERSPECTIVAS

Os três documentos que se seguem são anotações do debate proposto por Constant na Internacional Situacionista, no mês de setembro de 1958. O ponto 2 traz a resposta da posição do comitê de redação desta revista, após uma discussão com Asger Jorn.

1

Ao reler os textos de Jorn ("Contra o funcionalismo", "Estrutura e mudança" etc.), parece-me evidente que algumas de suas idéias precisam ser rebatidas diretamente. Tais idéias, bem como a atividade pictural, parecem-me indefensáveis diante da noção do que pode ser o urbanismo unitário. Quanto à história da arte moderna, Jorn subestima a importância positiva do dadaísmo e superestima o papel dos românticos (Klee) na antiga Bauhaus. Sua abordagem da cultura industrial é ingênua e, segundo ele, a imaginação pertence ao indivíduo isolado.

Não aprecio o primitivismo individualista na pintura como também não gosto da abstração e da arquitetura chamadas frias, embora seja costume assinalar entre essas duas tendências uma controvérsia, que é falsa e artificial.

A cultura industrial e maquinal é um fato incontestável e os procedimentos artesanais, inclusive a pintura das duas tendências (a noção de arte "livre" é um erro), estão condenados.

A máquina é um mal indispensável para todo o mundo, até para os artistas, e a indústria é o único meio de prover às necessidades, mesmo estéticas, da humanidade na escala do mundo atual.

Já não são "problemas" para os artistas, é a realidade que eles não podem ignorar impunemente.

Tanto os que desconfiam da máquina como os que a endeusam demonstram a mesma incapacidade de utilizá-la.

O trabalho maquinal e a produção em série oferecem possibilidades inéditas de criação, e quem souber colocar essas possibilidades a serviço de uma imaginação ousada será o criador de amanhã.

Os artistas têm a tarefa de inventar novas técnicas e de utilizar a luz, o som, o movimento, e todas as invenções em geral que possam influir nas ambiências.

Sem isso, a integração da arte na construção do hábitat humano continua a ser uma quimera, como as propostas de Gilles Ivain.

Dez anos se passaram desde Cobra, e a história da arte chamada experimental mostra-nos os equívocos desse grupo.

Quando percebi isso há seis anos, abandonei a pintura e lancei-me numa experiência mais eficaz, ligada à idéia do hábitat unitário.

Acho que as discussões devem dirigir-se para esse ponto, que me parece decisivo para o desenvolvimento da IS.

2

Nenhuma pintura é defensável do ponto de vista situacionista. Esse tipo de problema já não entra em pauta. No máximo pode-se dizer que determinada pintura é aplicável a tal construção. Devemos buscar bem além das expressões divididas, além mesmo de qualquer espetáculo (por mais complexo que este se possa tornar).

É claro que, só podendo agir a partir da cultura atual, corremos o risco de confundir, compactuar e errar. Se a atualidade artística conseguisse impor alguns de seus valores à IS, as verdadeiras experiências culturais da época seriam tentadas noutra lugar.

Toda arte que se apegue a uma liberdade artesanal ultrapassada já está vencida (Jorn assinalou esse aspecto reacionário na Bauhaus). No futuro, a arte livre será a que dominar e utilizar todas as novas técnicas de condicionamento. Fora dessa perspectiva, só existe a escravidão do passado artificialmente reavivado, e a do comércio.

Estamos todos aparentemente de acordo quanto ao papel positivo da indústria. É o desenvolvimento material da época que criou a crise geral da cultura, e a possibilidade de transformá-la na construção unitária da vida prática.

Aprovamos a formulação: "tanto os que desconfiam da máquina como os que a endeusam demonstram a mesma incapacidade de utilizá-la", mas acrescentamos: "e de transformá-la". Não se pode esquecer que se trata de uma relação dialética. A construção dos ambientes não é apenas a aplicação à existência cotidiana de um nível artístico permitido pelo progresso técnico. É também uma mudança qualitativa da vida, suscetível de trazer uma reconversão permanente dos meios técnicos.

As propostas de Gilles Ivain não se opõem em nenhum ponto a essas considerações sobre a produção industrial moderna. Ao contrário, são estabelecidas sobre essa base histórica. Se são quiméricas, é porque ainda não dispomos concretamente dos meios técnicos de hoje (ou seja, na medida em que nenhuma força de organização social é capaz de fazer um uso experimental "artístico" desses meios); e não porque esses meios não existam ou porque os desconhecamos. Neste sentido, cremos no valor revolucionário dessas reivindicações por enquanto utópicas.

O fracasso do movimento Cobra, assim como sua aceitação póstuma por um certo público, se explicam pela expressão "arte chamada experimental". Cobra pensava que bastava ter boas intenções, o *slogan* de uma arte experimental. Mas, de fato, é na hora em que se encontra esse *slogan* que as dificuldades começam: o que pode ser, e como realizar, a arte experimental de nossa época?

As experimentações mais eficazes tendem para um hábitat unitário, não isolado e estático, mas em ligação com unidades transitórias de comportamento.

3

O ponto culminante de nossa discussão parece-me situar-se no uso que propomos da cultura presente.

Por minha parte, creio que o caráter chocante exigido pela construção de ambiências exclui as artes tradicionais como a pintura e a literatura, muito desgastadas e incapazes de trazer alguma nova revelação. Essas artes ligadas a uma atitude mística e individualista são para nós inutilizáveis.

Logo, devemos inventar novas técnicas em todos os domínios, visuais, orais, psicológicos, para reuni-las mais tarde na atividade complexa que dará origem ao urbanismo unitário.

A idéia de substituir as artes tradicionais por uma atividade mais ampla e livre marcou todos os movimentos artísticos deste século. Desde os *ready made* de Duchamp (a partir de 1913), uma série de objetos gratuitos, cuja criação estava intimamente ligada a um comportamento experimental, entrecortou a história das escolas artísticas. O dadaísmo, o surrealismo, *De Stijl*, o construtivismo, Cobra, a Internacional Letrista procuraram técnicas que superem a obra de arte. Para além das aparentes oposições dos diversos movimentos deste século, é isso que eles têm em comum. É esse o verdadeiro desenvolvimento da cultura atual, abafada pelo ruído das quase vitórias nos domínios da pintura e da literatura, que arrastam sua agonia até nossos dias.

Por interesses comerciais, a história da arte moderna foi incrivelmente deturpada. Já não se pode ser tolerante. Quanto à cultura atual, mesmo que tenha de ser rejeitada no conjunto, convém distinguir com severidade o verdadeiro do falso, o que é utilizável no momento do que é comprometedor.

Acho que as pesquisas puramente formais, se transformadas de acordo com nossos objetivos, serão muito úteis.

Deixemos aos coveiros oficiais a triste tarefa de enterrar os cadáveres da expressão pictural e literária. A desvalorização do que já não nos serve não é de nossa competência; deixemos que outros a façam.

A DECLARAÇÃO DE AMSTERDÃ

Os onze pontos abaixo, que propõem uma definição mínima da ação situacionista, precisam ser discutidos como preparação para a terceira conferência da Internacional Situacionista.

1

Os situacionistas devem opor-se em qualquer circunstância às ideologias e às forças retrógradas, na cultura e em toda a parte onde se discute a questão do sentido da vida.

2

Ninguém deve considerar sua adesão à Internacional Situacionista como um simples acordo de princípio: isso implica que o essencial da atividade de todos os participantes deve corresponder às perspectivas elaboradas em comum, às necessidades de uma ação disciplinada, tanto do ponto de vista da prática quanto das tomadas de posição públicas.

3

A possibilidade de uma criação unitária e coletiva já é anunciada pela decomposição das artes individuais.

A IS não pode apoiar nenhuma tentativa de renovação dessas artes.

4

O programa mínimo da IS é a experiência de cenários completos, extensível a um urbanismo unitário, e a busca de novos comportamentos condizentes com esses cenários.

5

O urbanismo unitário se define na atividade complexa e permanente que, conscientemente, recria o meio ambiente do homem, segundo as noções mais evoluídas em todos os domínios.

6

A solução dos problemas de moradia, de trânsito, de divertimento só pode ser pensada em correlação com perspectivas sociais, psicológicas e artísticas convergindo para uma mesma síntese, no âmbito do estilo de vida.

7

O urbanismo unitário, independentemente de qualquer consideração estética, resulta de uma criatividade coletiva de novo tipo; e o desenvolvimento desse espírito de criação é a condição prévia do urbanismo unitário.

8

A criação de ambiências favoráveis a esse desenvolvimento é a tarefa imediata dos criadores de hoje.

9

Todos os meios são utilizáveis, contanto que sirvam para uma ação unitária. A coordenação de meios artísticos e científicos deve conduzir à sua completa fusão.

10

A construção de uma situação é a edificação de uma microambiência transitória e de um jogo de acontecimentos para um momento único da vida de algumas pessoas. É inseparável da construção de uma ambiência geral, relativamente mais duradoura, no urbanismo unitário.

11

Uma situação construída é um meio de abordagem do urbanismo unitário, e o urbanismo unitário é a base indispensável ao desenvolvimento da construção de situações, como jogo e como seriedade de uma sociedade mais livre.

Amsterdã, 10 de novembro de 1958.

Constant e Guy-Ernest Debord
IS nº 2, dezembro de 1958

CORREÇÕES PARA A ADOÇÃO DOS ONZE PONTOS DE AMSTERDÃ

A Declaração de Amsterdã, publicada no nosso número anterior, foi adotada pela Conferência de Munique com as seguintes modificações:

No primeiro ponto, leia-se: "*Os situacionistas devem opor-se em toda ocasião aos sistemas ideológicos e práticas retrógradas, na cultura e em toda a parte onde se discute a questão do sentido da vida*" (em vez de: "opor-se em qualquer circunstância às ideologias e às forças retrógradas, etc.").

No terceiro ponto, substituir: "A IS não pode apoiar nenhuma tentativa de renovação dessas artes" (individuais), por: "A IS não pode apoiar nenhuma tentativa de repetição dessas artes". E acrescentar em seguida: "A criação unitária ocasionará a realização verdadeira do indivíduo criador".

No final do nono ponto ("A coordenação de meios artísticos e científicos deve conduzir à sua completa fusão"), acrescentar: "*As pesquisas artísticas e científicas devem manter uma total liberdade*".

Completar a última frase do décimo primeiro ponto ("...da construção de situações, como jogo e como seriedade de uma sociedade mais livre") como segue: "*...da construção de situações, ao mesmo tempo como jogo e como seriedade de uma sociedade mais livre*".

Internacional Situacionista
IS nº 3, dezembro de 1959

A primeira apresentação do

Mapa da Situação nº 17

será publicada no próximo número

O GRANDE JOGO DO PORVIR

A necessidade de construir rapidamente, e em grande número, cidades inteiras, necessidade provocada pela industrialização dos países subdesenvolvidos e pela aguda crise habitacional do pós-guerra, levou o urbanismo a uma posição de destaque entre os atuais problemas da cultura. Parece-nos até impossível qualquer desenvolvimento cultural se não forem criadas novas condições em nosso meio cotidiano. Cabe ao urbanismo considerar essas condições. Antes de tudo é preciso constatar que as primeiras experiências tentadas por grupos de arquitetos e sociólogos foram prejudicadas pela fraca imaginação coletiva, responsável, a nosso ver, pela abordagem limitada e arbitraria dessas experiências. O urbanismo, tal como o concebem os urbanistas profissionais de hoje, reduz-se ao estudo prático da habitação e do trânsito, como problemas isolados. A total ausência de soluções lúdicas na organização da vida social impede que o urbanismo se mostre criativo, fato que o aspecto insípido e estéril da maioria dos novos bairros comprova de modo atroz.

Os situacionistas, que se especializam na exploração do jogo e do lazer, compreendem que o aspecto visual das cidades só tem valor se relacionado com os efeitos psicológicos que possa produzir, efeitos esses que devem ser calculados no total das

funções a prever. Nosso conceito de urbanismo não se limita à construção e suas funções, mas também ao uso que delas se faz ou se imagina fazer. É claro que esse uso terá de mudar com as condições sociais que o permitem; por isso nossa concepção de urbanismo é sobretudo dinâmica. Recusamos essa implantação de prédios numa paisagem fixa, que atualmente constitui o novo urbanismo. Ao contrário, pensamos que todo elemento estático e inalterável deve ser evitado, e que o caráter variável ou móbil dos elementos arquitetônicos é condição para uma relação flexível com os acontecimentos que neles serão vividos.

Conscientes de que os lazeres futuros e as novas situações que começamos a construir devem mudar profundamente a idéia de função que está na base de um estudo urbanista, podemos desde já ampliar nosso conhecimento do problema pela experimentação de certos fenômenos ligados à ambiência urbana: a animação de uma rua, o efeito psicológico de várias superfícies e construções, a mudança rápida do aspecto de um espaço por meio de elementos efêmeros, a rapidez com que a ambiência dos lugares muda, e as variações possíveis na ambiência geral de vários bairros. A deriva, tal como a praticam os situacionistas, é um meio eficaz para estudar esses fenômenos nas ci-

dades existentes, e para deles tirar conclusões provisórias. A noção psicogeográfica assim obtida já levou à criação de mapas e de maquetes imaginistas, a que se pode dar o nome de ficção científica da arquitetura.

As invenções técnicas que se encontram atualmente a serviço da humanidade terão papel importante na construção das futuras cidades-ambiências. É curioso e significativo que até o momento tais invenções nada tenham acrescentado às ativida-

des culturais existentes, e que os artistas-criadores não se tenham servido delas. As possibilidades do cinema, da televisão, do rádio, dos deslocamentos e comunicações rápidas não foram utilizadas, e seu efeito sobre a vida cultural é infimo. A exploração da técnica e sua utilização para fins lúdicos superiores são uma das tarefas mais urgentes no sentido de favorecer a criação de um urbanismo unitário, na escala que a sociedade futura exige.

Constant
Potlatch n° 30, julho de 1959



O URBANISMO UNITÁRIO NO FIM DOS ANOS 1950

Em agosto de 1956, um panfleto assinado pelos grupos que preparavam a formação da Internacional Situacionista, conclamando ao boicote do pretensso Festival de Arte de Vanguarda programado então para Marselha, indicava tratar-se de uma completa seleção oficial daquilo "que representará daqui a vinte anos a imbecilidade dos anos 50".

A arte moderna desse período foi de fato dominada, e composta quase exclusivamente, por repetições camufladas, por uma estagnação que revela a exaustão definitiva de todo o velho teatro de operações cultural, bem como a incapacidade de procurar um novo. Mas, enquanto isso, certas forças conseguiram subterraneamente constituir-se. É o caso do conceito de urbanismo unitário (UU), pensado desde 1953 e assim nomeado pela primeira vez em fins de 1956 num folheto distribuído numa manifestação de nossos camaradas italianos, em Torino ("Palavras obscuras", escrevia *La Nuova Stampa* de 11 de dezembro, com referência a esta advertência: "O futuro de seus filhos depende disso, manifeste-se a favor do urbanismo unitário!"). O urbanismo unitário é uma das principais preocupações da IS; e sejam quais forem os atrasos e as dificuldades em aplicá-lo é com acerto que o relatório de abertura da Conferência de Munique constata que, com seu aparecimento

no plano da pesquisa e do projeto, o urbanismo unitário já começou.

A década de 1950 está prestes a terminar. Sem querer prever se sua imbecilidade na arte e no uso da vida, decorrente de causas gerais, vai atenuar-se ou agravar-se imediatamente, está na hora de examinar como está o UU depois de um primeiro estágio de desenvolvimento. Vários pontos devem ser especificados.

Primeiro, o urbanismo unitário não é uma doutrina do urbanismo, mas uma crítica ao urbanismo. Do mesmo modo, nossa presença na arte experimental é uma crítica da arte, e a pesquisa sociológica tem de ser uma crítica da sociologia. Nenhuma disciplina separada pode ser aceita em si só, buscamos uma criação global da existência.

O urbanismo unitário se distingue dos problemas do hábitat, mas deverá englobá-los; e se distingue ainda mais das atuais trocas comerciais. Neste momento, ele busca um terreno de experiência para o *espaço social* das cidades futuras. Não é uma reação contra o funcionalismo, mas a sua superação: trata-se de atingir, além do aspecto utilitário imediato, um ambiente funcional apaixonante. O funcionalismo, que ainda se pretende de vanguarda porque encontra resistências passadistas, já venceu triunfalmente. Suas contribuições positivas: a adaptação a funções prá-

ticas, a inovação técnica, o conforto, a eliminação do enfeite supérfluo, tudo isso são hoje banalidades. Mas seu campo de aplicação, que é afinal limitado, não levou o funcionalismo a uma relativa modéstia teórica. Para justificar filosoficamente a extensão de seus princípios renovadores a toda a organização da vida social, o funcionalismo amalgamou-se, irrefletidamente, com as mais imóveis doutrinas conservadoras (e ele próprio se cristalizou como doutrina imóvel). Vê-se obrigado a construir atmosferas inabitáveis; construir as ruas da vida real, os cenários de um sonho acordado. A questão da construção de igrejas oferece um exemplo bastante elucidativo. Os arquitetos



Local para uma casa de uso situacionista.

No ponto central da Allée des Cygnes em Paris, a base do edifício seria a ponte da ferrovia abandonada que corta a ilha, inutilmente no momento. A largura da casa é a da ilha. A passagem, já limitada aos pedestres pela escada que comanda [o acesso] norte da ilha, continua por baixo da casa; esta pode comunicar diretamente com as duas margens (XV^{me} e XVI^{me} arrondissements) pelas pontes que se ligam a suas faces laterais. Esse projeto, que estabelece uma habitação permanente, leva a povoar, como foi feito nas estações da Antártida, a terceira ilha de Paris, até agora deserta.

funcionalistas costumam aceitar propostas de construção de igrejas pensando — se não forem idiotas deistas — que a igreja, edifício sem função num urbanismo funcional, pode ser tratada como um livre exercício de formas plásticas. Estão errados ao desprezar a realidade psicofuncional da igreja. Os funcionalistas, que exprimem o utilitarismo técnico de uma época, não podem construir igrejas, no sentido em que a catedral foi o sucesso unitário de uma sociedade que se deve chamar primitiva, encastrada muito mais do que nós na miserável pré-história da humanidade. Já os arquitetos situacionistas, que procuram criar, na época das técnicas que possibilitaram o funcionalismo, novos quadros de com-

portamento isentos da banalidade e dos velhos tabus, opõem-se absolutamente à construção, e até à conservação, de prédios religiosos com os quais estão em concorrência direta. O urbanismo unitário coincide objetivamente com os interesses de subversão do todo.

Tanto quanto do hábitat, o urbanismo unitário se distingue dos problemas estéticos. Opõe-se ao espetáculo passivo, típico de nossa cultura, na qual a organização do espetáculo se estende de forma tanto mais escandalosa porque o homem pode cada vez mais interferir de novas maneiras. Enquanto hoje as próprias cidades se oferecem como um lamentável espetáculo, um anexo de museu para turistas que passeiam em

ônibus envidraçados, o UU vê o meio urbano como terreno de um jogo do qual se participa.

O urbanismo unitário não está idealmente separado do atual terreno das cidades. É formado a partir da experiência desse terreno e a partir das construções existentes. Deve tanto explorar os cenários atuais, pela afirmação de um espaço urbano lúdico tal como a deriva o reconhece, quanto construir outros, totalmente inéditos. Essa interpretação (uso da cidade atual, construção da cidade futura) implica o manejo do desvio arquitetônico.

O urbanismo unitário não aceita a fixação das cidades no tempo. Induz, ao contrário, à transformação permanente, a um movimento acele-

rado de abandono e de reconstrução da cidade no tempo e, ocasionalmente, também no espaço. Cogita de, por exemplo, tirar partido das condições climáticas em que já se desenvolveram duas grandes civilizações arquitetônicas — no Camboja e no sudeste do México — para construir em plena floresta virgem cidades moventes. Os novos bairros de uma cidade desse tipo poderiam ser construídos em direção ao oeste, desbravado aos poucos, enquanto a leste seria deixada uma parte equivalente a ser invadida pela vegetação tropical, criando ela própria camadas de passagem gradual entre a cidade moderna e a natureza selvagem. Esta cidade perseguida pela floresta — além da inigualável zona de deriva

Carte du Pays du Tendre (Mapa do País do Afetuoso). 1656.



Uma zona experimental para a deriva.

O centro de Amsterdã, que será explorado sistematicamente por equipes situacionistas em abril-maio de 1960.



que se formaria por trás dela e da união com a natureza mais audaciosa que os ensaios de Frank Lloyd Wright — teria a vantagem de uma encenação da fuga do tempo, num espaço social condenado à renovação criativa.

O urbanismo unitário é contra a fixação das pessoas em determinados pontos de uma cidade. Ele é a base de uma civilização dos lazeres e do jogo. Convém notar que no jugo do sistema econômico atual a técnica é utilizada para multiplicar os pseudojogos da passividade e do estilhamento social (televisão), ao passo que as novas formas de participação lúdica que também se tornaram possíveis são regulamentadas por toda a polícia: por exemplo, os radioamadores, confinados num escoteirismo técnico.

Como a experiência situacionista da deriva é concomitantemente meio de estudo e jogo do meio urbano, ela está no caminho do urbanismo unitário. Não separar o teórico do prático, quando se trata do UU, não significa apenas fazer progredir a construção (ou as pesquisas sobre a construção, por meio de maquetes) junto com o pensamento teórico; é também, e sobretudo, não separar a utilização lúdica direta da cidade, coletivamente sentida, do urbanismo como construção. Os jogos e emoções reais nas cidades atuais são inseparáveis dos projetos do UU, como mais adiante as realizações do UU não deverão estar separadas dos jogos e emoções que nascerem dessa realiza-

ção. As derivas que a Internacional Situacionista está convocada a efetuar na primavera de 1960 em Amsterdã, com importantes recursos de transporte e de telecomunicações, são consideradas tanto um estudo objetivo da cidade quanto um jogo de comunicações. De fato, a deriva, além de suas lições essenciais, só oferece um conhecimento muito situado e datado. Daqui a uns anos, a construção ou a demolição de casas, o deslocamento das microssociedades e das modas bastarão para mudar a rede de atrações superficiais de uma cidade; fenômeno aliás muito encorajador para o momento em que chegarmos à ligação ativa entre a deriva e a construção urbana situacionista. É certo que, até lá, o meio urbano terá mudado por si só, anarquicamente, desmodando as derivas cujas conclusões não se tenham conseguido traduzir em mudanças conscientes desse meio. Mas a primeira lição da deriva é sua própria existência em jogo.

Estamos apenas no início da civilização urbana; cabe a nós fazê-la, embora partindo de condições preexistentes. Todas as histórias que vivemos, a deriva de nossa vida, são marcadas pela pesquisa, ou pela ausência, de uma construção superior. A mudança do ambiente faz surgir novos estados de sentimentos, no início percebidos passivamente, mas que passam a reagir construtivamente, com o crescimento da consciência. Londres foi a primeira concretização urbana da revolução

industrial, e a literatura inglesa do século XIX mostra a tomada de consciência dos problemas da atmosfera e das possibilidades qualitativamente diferentes numa grande aglomeração. A lenta evolução histórica das paixões toma um novo rumo com o amor de Thomas de Quincey e da infeliz Ann, fortuitamente separados e se procurando sem jamais se encontrarem "no imenso labirinto das ruas de Londres, talvez a alguns passos um do outro...". A vida real de Thomas de Quincey no período compreendido entre 1804 e 1812 faz dele um precursor da deriva: "Buscando ambiciosamente *minha passagem para Noroeste*, e para não repassar por todos os cabos e promontórios que já encontrara em minha primeira viagem, eu entrava de repente no

labirinto das ruelas... Parecia às vezes que acabava de descobrir, eu antes de todo o mundo, algumas dessas *terrae incognitae*, e duvidava que estivessem indicadas nos mapas modernos de Londres". E, pelo fim do século, essa sensação é tão aceita nos romances, a ponto de Stevenson descrever uma personagem que, na noite londrina, estranha "andar por tanto tempo num cenário tão complexo sem encontrar a mínima aventura" (*New Arabian Nights*). Os urbanistas do século XX terão de construir aventuras.

O ato situacionista mais simples consistirá em abolir todas as lembranças de como se empregava o tempo em nossa época. Época que, até agora, não explorou as suas possibilidades.

Internacional Situacionista
IS nº 3. dezembro de 1959

RELATÓRIO DE ABERTURA DA CONFERÊNCIA DE MUNIQUE

Desde a experiência, feita em 1953 pelos letristas, de um jogo com os comportamentos permitidos pelo meio urbano atual, a noção de uma construção consciente do meio ambiente, em relação com uma vida e seus hábitos em transformação, levou à idéia de um urbanismo unitário. Se falamos aqui de urbanismo, convém lembrar que a noção de uma criação consciente, e sua relação com uma vida superior, nos impele a romper definitivamente com as noções habituais de urbanismo.

Se nos dispomos a estudar e a praticar uma mudança criativa do meio urbano, ligada a uma mudança qualitativa do comportamento e do modo de vida, isso significa uma verdadeira criação coletiva, do âmbito da arte.

As atuais condições da cultura, a decomposição das artes individuais, a impossibilidade de renovação ou de prolongamento dessas artes produziram um vazio criativo que favorece nosso projeto. O desaparecimento das formas artísticas tradicionais e a organização progressiva da vida social acarretam uma ausência crescente de possibilidades lúdicas na vida cotidiana. Por recusar esse estado de coisas, somos levados a buscar novas condições de jogo e obrigados a reconsiderar todo o problema da cultura para chegar, afinal, a uma teoria

lúdica de conjunto e à prática da construção consciente de ambiências.

Sabemos que o trabalho coletivo é indispensável à realização de nossas idéias, e contamos com a insatisfação criativa dos artistas atuais mais avançados, insatisfação que nos mantém unidos. A criação só pode existir dentro de perspectivas como a nossa.

A idéia de um urbanismo unitário foi preparada, de um lado, por experiências como a *deriva* e a *psicogeografia*, inventadas e praticadas pelos letristas; de outro lado, pela pesquisa na construção que alguns arquitetos e escultores modernos realizaram. Em ambos os casos, a necessidade de chegar ao arranjo de cenários completos e à unidade integral de comportamento e do seu meio foi o que ditou a ação comum.

Em 1958, em declaração feita em Amsterdã, estabelecemos alguns pontos para definir o urbanismo unitário e nossa atual tarefa nesse propósito. Tal declaração propôs, como programa mínimo da Internacional Situacionista, a experiência de cenários completos que se deveriam estender a um urbanismo unitário, e a busca de novos comportamentos referentes a esses cenários. Logo, segundo a declaração de Amsterdã, deveríamos considerar o programa

situacionista como falho se não conseguíssemos efetuar uma atividade prática nesse campo.

Uma práxis situacionista dentro da perspectiva do urbanismo unitário deve ser a primeira tarefa e o principal objetivo desta reunião. Não podemos sair daqui sem ter examinado, todos juntos, as possibilidades que já existem para experiências práticas.

O urbanismo unitário, diz a declaração de Amsterdã, define-se pela atividade complexa e permanente que conscientemente recria o meio ambiente do homem, de acordo com as noções mais evoluídas em todas as áreas. Essa atividade permanente não deve ser adiada à espera de um futuro mais favorável que o presente: urge dar início a essa atividade pela execução eficaz de nosso programa. Nele podemos distinguir três tarefas que podem desde já ser empreendidas, ou que já foram começadas.

Primeiro: A criação de ambiências favoráveis à propagação do urbanismo unitário. Devemos denunciar sem esmorecer a decadência das artes individuais e forçar os artistas a fazerem uma opção e mudarem de profissão.

Segundo: Devemos realizar coletivamente um trabalho criativo, formando grupos e propondo-lhes projetos reais.

Terceiro: A criação coletiva deve ser sustentada pelo estudo permanente dos problemas que focalizamos e das soluções que encontrarmos.

O arquiteto, como os outros trabalhadores de nossa empreitada, vê-se diante da necessidade de mudança de profissão: nunca mais será construtor de formas isoladas, mas construtor de ambiências completas. O que torna hoje a arquitetura tão enfadonha é sua preocupação sobretudo formal. O problema da arquitetura não é mais a oposição função/expressão, questão essa já superada. Ao utilizar formas existentes, ao criar novas formas, a principal preocupação do arquiteto deverá ser o efeito que tudo isso vai ter sobre o comportamento e a existência dos moradores. Toda a arquitetura fará parte de uma atividade mais extensa e mais completa para, finalmente, tanto essa arquitetura quanto as outras artes atuais desaparecerem em proveito da atividade unitária.

O novo urbanismo encontrará seus primeiros animadores na área da poesia e do teatro, entre os artistas plásticos e os arquitetos, nas fileiras dos urbanistas e sociólogos progressistas. Mas, mesmo que todos eles colaborem perfeitamente num trabalho conjunto, não serão capazes de realizar integralmente nossa visão. Será indispensável ainda o concurso de todos, de todos os que viverem, que efetuem essa existência que consideramos a matéria da criação futura.

Se propomos perspectivas tão ambiciosas, não quer isso dizer que nos limitamos a predições e profecias. Uma atitude idealista é o maior peri-

go que nos ameaça no momento. Pode impedir-nos de passar à prática, condição indispensável para avançar.

A vida que levamos atualmente já deve congregiar todas as condições possíveis para o desenvolvimento e a realização de nossas idéias. Ora, o urbanismo unitário não é uma obra cultural, mas uma atividade permanente, e essa atividade começou no próprio momento em que nasceu a noção de urbanismo unitário. Constatamos assim que o urbanismo unitário já se realiza há anos. Todas as reflexões que fizemos a esse respeito, as experiências de deriva, os estudos e os mapas psicogeográficos, as maquetes de ambiências, tudo isso contribui desde o início para o seu desenvolvimento. Vamos acelerar agora o passo com medidas apropriadas.

Para isso, decidimos fundar, em Amsterdã, um *bureau* de pesquisas

para o urbanismo unitário, cuja tarefa será a realização do trabalho em grupo e o estudo de soluções práticas. Esse trabalho deve ser bem diferente do trabalho em grupo que existe hoje entre os arquitetos individuais, pois a criação coletiva não é para nós uma unidade mas uma quantidade infinita de elementos variáveis. O *bureau* de pesquisas para o urbanismo unitário deverá ser a primeira etapa de projetos elaborados e escolhidos na realidade, que, além de exemplificar nossas idéias, irão constituir micro-elementos daquilo que será o urbanismo unitário.

A atividade do *bureau* terá êxito na medida em que souber atrair colaboradores qualificados que entendam o espírito de nossas pesquisas, e na medida em que souber realizar os projetos que serão o critério de eficácia de nossa proposta.

Constant
IS n° 3. dezembro de 1959

PRIMEIRA PROCLAMAÇÃO DA SEÇÃO HOLANDESA DA INTERNACIONAL SITUACIONISTA

Não tem sentido pesquisar o desenvolvimento de determinada atividade cultural se o ponto de partida não for um conjunto, a ser estendido a toda a sociedade. Este pensamento, que fundamenta todas as teorias da vanguarda do pós-guerra, é o que a distingue da vanguarda do período anterior. As pesquisas puramente formais cessaram e, desde a guerra, não surgiram novos desenvolvimentos no estilo de nenhuma arte.

Aliás, o interesse das artes individuais decresceu consideravelmente, a obra de arte depreciou-se como banal produto comercial, e toda atividade verdadeiramente criadora converge para a síntese e junção de forças...

O desmoronamento da cultura dominante tornou-se um fato que se constata em toda a parte. Já não há uma idéia, um gesto, um produto da cultura existente que demonstre compreender nossa época. A cultura está reduzida a zero! Os princípios do movimento Cobra também não conseguiram nada, e a herança deixada por Cobra, ao perecer sem glória, resumiu-se em variantes formais das técnicas individuais em decomposição: o neo-expressionismo na pintura e no pensamento.

Mas as lembranças da miséria da guerra, nas quais o expressionismo encontrava sua inspiração, dissipa-

ram-se. Surgiu uma nova geração. Na França, apresentou-se a Internacional Letrista. Em 1955, *Potlatch* trazia em seu número 22: "Já deve ter ficado claro que nosso propósito não é uma escola literária, uma renovação da expressão, um modernismo. Busca-se uma maneira de viver que passará por muitas tentativas e formulações provisórias; ela mesma será vivida no provisório. A natureza desse propósito obriga-nos a trabalhar em grupo e a manifestar: esperamos muito das pessoas e dos acontecimentos que surgirem. Temos também esta outra grande força que consiste em nada esperar de uma porção de atividades conhecidas, de indivíduos e de instituições. Devemos experimentar formas de arquitetura assim como regras de conduta."

As pessoas de quem os letristas esperavam algo começaram a chegar em 1956. O Movimento Internacional por uma Bauhaus Imaginista, fundado por Jorn e Gallizio contra a Bauhaus funcionalista de Ulm, organizou um congresso em Alba. Nele, a comunicação de Constant indicava nosso caminho: "Pela primeira vez na história, a arquitetura poderá tornar-se uma verdadeira arte da construção... É na poesia que se instalará a vida". E o delegado dos letristas expressava na conclusão desse congresso:

"As crises paralelas que atingem atualmente todas as modalidades da criação artística são determinadas por um processo mais amplo, e só se chegará à solução dessas crises dentro de uma perspectiva geral. O movimento de negação e de destruição que se manifestou, com crescente rapidez, contra todas as antigas condições da atividade artística é irreversível: é a consequência do aparecimento de possibilidades superiores de ação sobre o mundo".

Um ano depois, fundava-se a Internacional Situacionista na Conferência de Cosío d'Arroscia.

Os novos poderes se dirigem para um complexo de atividades humanas, que ultrapassa a utilidade: os lazeres, os jogos superiores. Ao contrário do que pensam os funcionalistas, a cultura se situa onde termina o útil. A

ausência de cultura não se revela hoje dolorosamente na indigência das televisões e das lambretas? A revolução da vida precede a revolução da arte. O urbanismo unitário só é viável com os meios de ação situacionistas.

Para realizar um urbanismo unitário, são necessários métodos e técnicas totalmente novos, que substituam as técnicas artísticas existentes.

A cultura está tão fora de moda, tão atrasada em comparação com a realidade da vida, que nem é capaz de utilizar as invenções técnicas de que o homem dispõe. Para que haja progresso, é preciso renovar todo o arsenal das convenções culturais. Só se conseguirá isso com o trabalho em grupo.

Mas é sobretudo necessária a construção de novas situações, con-

texto para novas atividades. A construção de situações é a condição prévia para a criação de novas formas; essa é a tarefa dos criadores de hoje.

A noção primitiva do urbanismo atual como organização de prédios e de espaços de acordo com princípios estéticos e utilitários deverá ser superada por uma noção do hábitat como cenário para a vida integral, como criação coletiva no âmbito de uma arte verdadeira, arte complexa com recursos variadíssimos.

O artista de hoje enfrenta um vácuo cultural absoluto: ausência de estética, de moral, de estilo de vida. Tudo tem de ser inventado.

Nessa difícil posição, ele conta com uma grande força: sua aceitação do transitório, seu conceito de vida baseado na fuga do tempo. Nossa necessidade essencial de criar só poderá ser satisfeita por meio dessa nova

atitude. Ao renunciar à forma fixa, acedemos a todas as formas que inventamos e, a seguir, rejeitamos. É a abundância que produzirá uma cultura. Essa nova atitude implica também que desistimos da obra de arte. O que nos interessa é a invenção ininterrupta: a invenção como modo de vida.

As artes individuais estavam ligadas a uma atitude idealista, à busca do eterno.

Só o urbanismo poderá tornar-se a arte unitária que vai responder às exigências de uma criatividade dinâmica — a criatividade da vida.

O urbanismo unitário será a atividade sempre variável, sempre viva, sempre atual, sempre criativa do homem de amanhã.

Tudo o que fazemos hoje deve ser considerado em relação a essa perspectiva, e preparar esse caminho.

A. Alberts, Armando, Constant, Har Oudejans
IS nº 3, dezembro de 1959

O uso desastrado dos recursos da sociedade industrial.
Na base de Davis-Monthan, na Califórnia, o armamento que nunca foi utilizado por ter sido superado pela fabricação de mísseis, vira sucata.



POSIÇÕES SITUACIONISTAS A RESPEITO DO TRÂNSITO

1

O erro de todos os urbanistas é considerar o automóvel individual (e seus subprodutos, como a motocicleta) essencialmente como um meio de transporte. A rigor, ele é a principal materialização de um conceito de felicidade que o capitalismo desenvolvido tende a divulgar para toda a sociedade. O automóvel como supremo bem de uma vida alienada e, inseparavelmente, como produto essencial do mercado capitalista está no centro da mesma propaganda global: ouve-se com frequência, este ano, que a prosperidade econômica norte-americana dependerá em breve do êxito do *slogan*: "Dois carros por família".

2

O tempo gasto nos transportes, como bem observou Le Corbusier, é um sobre-trabalho que reduz a jornada de vida chamada livre.

3

Precisamos passar do trânsito como suplemento do trabalho ao trânsito como prazer.

4

Querer refazer a arquitetura em função da existência atual, maciça e parasitária dos carros individuais é deslocar os problemas com grave irrealismo. É preciso refazer a arquitetura em função de todo o movimento da sociedade, criticando todos os valores efêmeros, ligados a formas de relações sociais condenadas (a família é a primeira delas).

5

Mesmo que seja possível admitir provisoriamente, num período de transição, a divisão absoluta entre zonas de trabalho e zonas de habitação, será necessário ao menos prever uma terceira esfera: a da vida em si (a esfera da liberdade, dos lazeres — a verdade da vida). Sabe-se que o urbanismo unitário não tem fronteiras; pretende constituir uma unidade total do meio humano no qual as separações do tipo trabalho-lazer e coletivo-vida privada serão dissolvidas. Mas, antes, a ação mínima do urbanismo unitário é o terreno de jogos estendido a todas as construções desejáveis. Esse terreno terá o grau de complexidade de uma cidade antiga.

6

Não se trata de combater o automóvel como um mal. Sua exagerada concentração nas cidades é que leva à negação de sua função. É claro que o urbanismo não deve ignorar o automóvel, mas menos ainda aceitá-lo como tema central. Deve trabalhar para o seu enfraquecimento. Em todo o caso, pode-se prever sua proibição dentro de certos conjuntos novos assim como em algumas cidades antigas.

7

Quem julga que o automóvel é eterno não pensa, até do mero ponto de vista técnico, nas futuras formas de transporte. Por exemplo, certos modelos de helicóptero individuais que estão sendo agora testados pelo exército dos Estados Unidos encontrar-se-ão ao alcance do público talvez daqui a menos de vinte anos.

8

A ruptura da dialética do meio humano em favor dos automóveis (há projetos de abertura de auto-estradas em Paris que acarretarão a destruição de milhares de moradias, enquanto a crise habitacional se agrava cada vez mais) disfarça a própria irracionalidade sob explicações pseudopráticas. Mas sua verdadeira necessidade prática corresponde a um determinado estado social. Os que julgam os dados do problema permanentes querem, de fato, crer na permanência da sociedade atual.

9

Os urbanistas revolucionários não se preocuparão apenas com a circulação das coisas, nem apenas com homens paralisados num mundo de coisas. Tentarão romper essas cadeias topológicas por meio da experimentação de terrenos, para que os homens transitem pela vida autêntica.

Guy-Ernest Debord
IS nº 3, dezembro de 1959

OUTRA CIDADE PARA OUTRA VIDA

A crise do urbanismo se agrava. A construção de bairros, antigos e modernos, está em evidente desacordo com os modos de comportamento estabelecidos e, mais ainda, com os novos modos de vida que buscamos. O resultado é a ambiência morna e estéril que nos cerca.

Nos bairros antigos, as ruas transformaram-se em auto-estradas, os lazeres são comercializados e deturpados pelo turismo. O relacionamento social torna-se impossível. Os bairros recém-construídos apresentam dois temas dominantes: o trânsito de carros e o conforto residencial. São a minguada expressão da felicidade burguesa, esvaziada de qualquer preocupação lúdica.

Diante da necessidade de construir rapidamente cidades inteiras, erguem-se cemitérios de cimento armado onde grande parte da população está condenada a levar uma vida muito enfadonha. Ora, para que servem as incríveis invenções técnicas do mundo atual se faltam condições para delas tirar proveito, se não conduzem ao lazer, se há carência de imaginação?

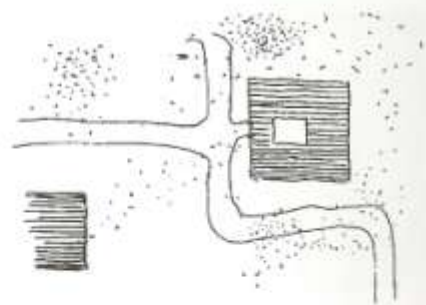
Desejamos a aventura. Como é difícil encontrá-la na Terra, há quem a procure na Lua. Apostamos antes de tudo e sempre numa mudança aqui na Terra. Nossa proposta é de nela criar situações, situações novas. Queremos derrubar leis que impedem o desenvolvimento de atividades eficazes para a vida e a cultura. Estamos no limiar de uma nova era, e é imperativo esboçar já a imagem de uma vida mais feliz e de um urbanismo unitário; urbanismo feito para dar prazer.

Nosso campo de ação é portanto a rede urbana, expressão natural da criatividade coletiva, capaz de compreender as forças criadoras que se libertam com o declínio de uma cultura baseada no individualismo. Julgamos que as artes tradicionais não terão vez na criação da nova ambiência em que queremos viver.

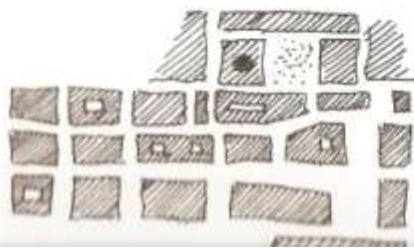
Estamos inventando técnicas novas; examinamos as possibilidades que as cidades existentes oferecem; fazemos maquetes e mapas para as cidades futuras. Estamos conscientes da necessidade de aproveitar todas as

invenções técnicas e sabemos que as construções futuras que desejamos precisarão ser suficientemente maleáveis para corresponder a uma noção dinâmica da vida, criando nosso ambiente em relação direta com modos de comportamento em constante mudança.

Nosso conceito de urbanismo é portanto social. Opomo-nos à concepção de uma cidade verde, onde arranha-céus isolados devem necessariamente reduzir o relacionamento direto e a ação comum dos homens. Para que exista uma relação estreita entre ambiente e comportamento, a aglomeração é indispensável. Quem pensa que a rapidez de nossos deslocamentos e as possibilidades de telecomunicação vão dissolver a vida em comum das aglomerações conhece mal as verdadeiras necessidades humanas. Contra a idéia de uma cidade verde, que a maioria dos arquitetos modernos adotou, lançamos a imagem da cidade coberta, onde o traçado urbano das vias expressas e dos prédios separados foi substituído por uma construção espacial contínua, alteada do solo, que conterà não só grupos de habitações, como também espaços públicos (permitindo modificações de uso segundo as necessidades do momento). Como todo trânsito, no sentido funcional, passará por baixo ou pelos terraços superiores, a rua é suprimida. Os inúmeros espaços atravessáveis que compõem a cidade formam um espaço social complicado e vasto. Não se tra-



Cidade verde. Unidades habitacionais isoladas. Espaço social mínimo; os encontros só ocorrem por acaso e individualmente, nos corredores ou no jardim. O trânsito domina tudo.



Bairro de uma cidade tradicional. Espaço quase social: a rua. As ruas, formadas de modo lógico para o trânsito, são utilizadas marginalmente como lugar de encontro.

Princípio de uma cidade coberta. "Mapa" espacial. Habitação coletiva suspensa: estende-se sobre toda a cidade e é separada do trânsito, que passa abaixo e acima.



ta de um retorno à natureza nem da idéia de viver num jardim, como faziam outrora os aristocratas solitários; vemos nessas imensas construções a possibilidade de vencer a natureza e de sujeitar à nossa vontade o clima, a iluminação, os ruídos, nesses diversos espaços.

Seria tudo isso um novo funcionalismo, que vai destacar ainda mais a vida utilitária idealizada? Não se pode esquecer que, uma vez estabelecidas as funções, elas são seguidas pelo jogo. Há muito tempo a arquitetura tornou-se um jogo do espaço e da ambiência. À cidade verde faltam ambiências. Nosso desejo é usá-las de maneira mais consciente, para que correspondam a todas as nossas necessidades.

As cidades que desejamos no futuro devem oferecer uma variabilidade inédita de sensações nesse sentido, e jogos imprevistos tornar-se-ão possíveis pelo uso inventivo de condições materiais como o ar condicionado, a sonorização e a iluminação. Já há urbanistas que estudam as possibilidades de harmonizar a cacofonia que impera nas cidades atuais. Em breve será aí encontrada uma nova área de criação, bem como para muitos outros problemas que surgirem. As viagens espaciais, previsíveis, podem influenciar esse desenvolvimento, porque as bases a serem estabelecidas em outros planetas logo despertarão o problema de cidades-redomas, que talvez sejam o tipo de nossos estudos de urbanismo no futuro.

Antes de tudo, porém, a diminuição do trabalho necessário à produção, pela automatização ampliada, vai criar uma necessidade de lazeres, uma diversidade de comportamentos e uma mudança de natureza desses comportamentos que levarão forçosamente a uma nova noção de hábitat coletivo com o máximo espaço social, o oposto de uma cidade verde onde o espaço social é reduzido ao mínimo. A cidade futura deve ser concebida como uma construção contínua sobre pilares, ou como um sistema extenso de construções diferentes, nas quais são suspensos locais de habitação, lazer etc., e locais destinados à produção e à distribuição, deixando o solo livre para o trânsito e as reuniões públicas. A aplicação de materiais ultraleves e isolantes, como os que surgem atualmente, possibilitará uma construção leve com suportes bem espaçados. De tal modo que se poderá constituir uma cidade com várias camadas: subsolo, térreo, andares, terraços, cuja extensão pode variar da equivalente a um bairro atual até a de uma metrópole. Convém notar que numa cidade desse tipo a superfície construída será de 100% e a superfície livre de 200% (o chão e os terraços), ao passo que nas cidades tradicionais esses valores são da ordem de 80% e 20%; e, na cidade verde, essa relação pode, no máximo, ser invertida. Os terraços formam um terreno ao ar livre que se estende sobre toda a superfície da cidade e pode ser transformado em quadras de es-

porte, campos de aterrissagem para aviões e helicópteros, e em espaço para a vegetação. Serão de fácil acesso por meio de escadas e elevadores. Os diferentes andares serão divididos em espaços que se comunicam, com sistema de climatização, oferecendo a possibilidade de criar uma variação infinita de ambiências, facilitando a deriva dos moradores e seus frequentes encontros não programados. As ambiências serão regular e deliberadamente mudadas, com a ajuda de todos os dispositivos técnicos, por equipes de criadores especializados, que serão situacionistas profissionais.

Um estudo profundo dos meios de criação de ambiências e da influência psicológica dessas ambiências é uma de nossas tarefas atuais. Estudos referentes à realização técnica das estruturas de sustentação e de sua estética é a tarefa específica dos artistas plásticos e dos engenheiros. A contribuição sobretudo destes últimos é de urgente necessidade para



As partes altas da cidade.

o progresso do trabalho preparatório.

Mesmo que o projeto que acabamos de traçar em grandes linhas seja tachado de sonho irrealista, insistimos no fato de ser ele exequível do ponto de vista técnico, desejável do ponto de vista humano, indispensável do ponto de vista social. A crescente insatisfação que domina toda a humanidade chegará a um ponto em que seremos todos obrigados a executar os projetos para os quais dispomos de meios de ação; e que poderão contribuir para a realização de uma vida mais rica e mais completa.

Constant
IS n° 3. dezembro de 1959

Corte transversal da cidade coberta.



DIE WELT ALS LABYRINTH [O MUNDO COMO LABIRINTO]

Em 1959, os situacionistas acertaram com o Stedelijk Museum de Amsterdã a organização de uma manifestação geral, em parte usando os locais desse museu e em parte fora dele. Tratava-se de transformar em labirinto as salas 36 e 37 do museu no mesmo momento em que três dias de deriva sistemática seriam efetuados por três equipes situacionistas, numa operação simultânea na zona central da aglomeração de Amsterdã. Um complemento, mais convencional, a essas atividades de base seria uma exposição de documentos assim como conferências permanentes em gravador, transmitidas sem interrupção, e substituídas apenas a cada período de vinte e quatro horas. A execução desse plano, marcado para 30 de maio de 1960, implicava que os situacionistas holandeses recebessem como reforço uns dez de seus camaradas estrangeiros.

Em 5 de março, o diretor do Stedelijk Museum, W. J. H. B. Sandberg, aprovava o plano definitivo mas indicando duas restrições inesperadas: 1) os bombeiros de Amsterdã seriam chamados a dar seu consentimento a respeito de alguns elementos eventualmente perigosos do labirinto; 2) uma parte dos recursos necessários a essa construção não seria fornecida pelo museu mas por organismos externos — nomeadamente o Prins Bernhard Fonds — aos

quais a IS deveria dirigir-se diretamente. Por trás do aspecto cômico da primeira exigência e do tom de comprometimento da segunda, constata-se um mesmo obstáculo: a direção do Stedelijk Museum, ao declinar de sua responsabilidade, deixava que terceiros julgassem por nós, inapelavelmente, a necessidade deste ou daquele pormenor de nossa construção. Ora, a natureza do projeto exigia exatamente muitos procedimentos inéditos para significar um salto num novo tipo de manifestação. Ademais, como o trabalho devesse começar de imediato e as restrições pudessem surgir a qualquer momento até sua conclusão, prosseguir em tais condições significava subscrevermos de antemão as contrafações ao projeto.

Asger Jorn, inteiramente de acordo com nossa recusa, expôs em poucas palavras, na reunião situacionista realizada no mesmo dia em Amsterdã e na qual se devia tomar uma decisão imediata, as condições gerais:

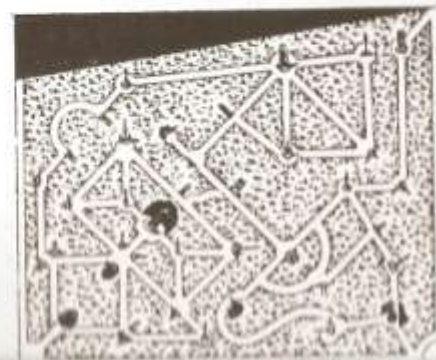
Sandberg era o perfeito representante do reformismo cultural que, ligado à política, permaneceu no poder em quase toda a Europa após 1945. Era um desses indivíduos que gerenciaram a cultura, dentro dos moldes existentes. Favoreceram ao máximo os modernistas secundários, os jovens e enfraquecidos seguidores do moderno 1920-1930. Nada conseguiram fazer pelos verdadeiros ino-

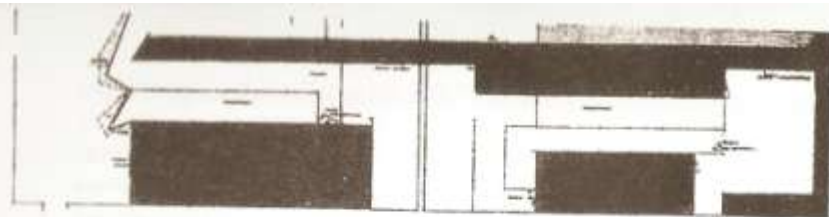
vadores. Naquele momento, ameaçados em toda a parte por um contra-ataque de reacionários ostensivos (ver, a partir daí, os ataques do Senado belga, em 10 de maio, contra o apoio oficial à pintura "abstrata"), tentam radicalizar-se no exato momento em que soçobram. Sandberg, por exemplo, fora violentamente invectivado, na véspera desse dia, no conselho municipal de Amsterdã, por cristãos defensores da arte figurativa (cf. o *Algemeen Handelsblad* de 4 de março). Sua substituição no Stedelijk Museum podia ser considerada iminente. Mesmo assim Jorn achava que ele poderia ter escolhido de que lado queria sair: se Sandberg conosco descesse ao labirinto, teria conosco se achado ou perdido. Mas a inútil busca de arranjos para salvaguardar suas realizações passadas o impediu de escolher o lado certo. Sandberg não tinha coragem de romper com a vanguarda, mas também não garantia as condições minimamente aceitáveis por uma autêntica vanguarda.

No final do relatório de Jorn, a IS recusou por unanimidade a proposta, recusa apresentada por escrito em 7 de março. Ela deixava que, os membros que o desejassem, aproveitassem a título individual da boa vontade de Sandberg: foi o caso de Pinot-Gallizio, que expôs em junho no Stedelijk Museum sua pintura industrial, já mostrada em Paris no ano anterior.

O labirinto, cujo plano havia sido estabelecido pela seção holandesa da

IS, assistida em alguns pontos por Debord, Jorn, Wyckaert e Zimmer, consiste em um percurso que pode variar, teoricamente, de 200 metros a 3 quilômetros. O teto, ora a 5 metros, ora a 2,44 m (parte cinzenta), pode baixar, em certos lugares, a 1,22 m. Seu arranjo não visa a nenhuma decoração de interior, nem à miniatura de ambiências urbanas, mas tende a constituir um meio mixto, jamais visto, pela mistura de características internas (apartamento decorado) e externas (urbanas). Para isso, faz intervir chuva e neblina artificiais, vento. A passagem, através das zonas térmicas e luminosas adaptadas, das intervenções sonoras (ruidos e palavras emitidos por uma bateria de gravadores), e de um certo número de provocações conceptuais ou outras, é condicionada por um sistema de portas unilaterais (visíveis ou manejáveis por um só lado) bem como pelo maior ou menor atrativo dos locais; consegue aumentar as ocasiões de perder-se. Entre os obstáculos puros, convém citar o túnel de pintura industrial de Gallizio e as paçadas desviadas de Wyckaert.





Mapa das estruturas do labirinto não preparado.

À microderiva organizada nesse labirinto concentrado, devia corresponder a operação de deriva através de Amsterdã. Dois grupos, cada um formado por dois situacionistas, derivariam durante três dias, a pé ou de barco (dormindo nos hotéis do percurso), sem deixar o centro de Amsterdã. Esses grupos, por meio de *walkies-talkies*, manter-se-iam em comunicação entre si, se possível, e com o caminhão-rádio da equipe cartográfica, de onde o diretor da deriva — no caso, Constant —, deslocando-se de modo a não perder o contato, anotaria suas trajetórias e enviaria eventuais instruções (caberia também ao diretor da deriva ter preparado a experimentação de alguns locais e acontecimentos secretamente dispostos).

Essa operação de deriva, se fosse acompanhada de levantamentos do terreno a serem interpretados posteriormente nas sessões de trabalho de urbanismo unitário, e se alcançasse um certo aspecto teatral com efeito sobre o público, tinha como principal intuito realizar um jogo novo. E a IS já começara por chocar a rotina finan-

ceira ao inscrever no orçamento da manifestação um salário individual de 50 florins por dia de deriva.

Só a junção das duas operações consegue evidenciar sua natureza inovadora. Portanto, a IS não julgava que, isolada, a deriva a ser efetuada em Amsterdã tivesse bastante significado. Assim como não convém edificar o labirinto no museu de determinada cidade alemã imprópria para a deriva. Aliás, o próprio fato de utilizar um museu comportava um transtorno específico, e a fachada oeste do labirinto de Amsterdã era um muro construído para nele ser aberta uma brecha à guisa de entrada: esse buraco no muro tinha sido exigência de nossa seção alemã, como garantia de não-submissão à óptica dos museus. Assim, a IS adotou em abril um projeto de Wyckaert modificando profundamente o uso do labirinto estudado para Amsterdã. Esse labirinto não deve ser edificado numa outra construção mas, com mais flexibilidade e em função direta das realidades urbanas, num terreno vago, bem situado, da cidade escolhida, a fim de ser o ponto de partida de derivas.

Internacional Situacionista
IS nº 4, junho de 1960

TEORIA DOS MOMENTOS E CONSTRUÇÃO DAS SITUAÇÕES

"Esta intervenção se traduziria, no âmbito da vida cotidiana, por uma melhor divisão de seus elementos e de seus instantes nos 'momentos', de forma a intensificar o rendimento vital da cotidianidade, sua capacidade de comunicação, de informação, bem como e sobretudo de fruição da vida natural e social. A teoria dos momentos não se situa portanto fora da cotidianidade, mas se articula com ela, ao juntar-se com a crítica, para nela introduzir o que lhe falta. Sua tendência seria de superar, no cotidiano, numa nova forma de fruição particular unida ao todo, as velhas oposições entre leveza e falta de graça, entre seriedade e falta de seriedade."

Henri Lefebvre (*La Somme et le Reste*)

Na idéia-programa aqui exposta por Henri Lefebvre, os problemas da criação da vida cotidiana são diretamente considerados pela teoria dos momentos, que define como "modalidades de presença" uma "pluralidade de momentos relativamente privilegiados". Que relações existem entre esses "momentos" e as situações que a IS se propôs definir e construir? Que uso é possível fazer das relações entre esses conceitos para realizar as reivindicações comuns que surgem agora?

A situação, como momento criado, organizado (Lefebvre expressa este desejo: "O ato livre se define pela capacidade... de mudar de 'momento', numa metamorfose, e talvez de criá-lo"), inclui instantes percebíveis — efêmeros, únicos. Ela é uma organização de conjunto que dirige (favorece) tais instantes casuais. A situação construída está portanto na perspectiva do momento lefebvrino, contra o instante, mas num nível intermediário entre instante

e "momento". Assim, embora possa ser repetida em certa medida (como direção, "sentido"), não pode em si mesma ser repetida como o "momento".

A situação, como o momento, "pode estender-se no tempo ou condensar-se". Mas ela quer fundamentar-se na objetividade de uma produção artística. Tal produção artística rompe radicalmente com as obras duráveis. É inseparável de seu consumo imediato, como valor de uso essencialmente avesso à conservação sob a forma de mercadoria.

A dificuldade, para Henri Lefebvre, é de estabelecer uma lista de seus momentos (por que citar dez, e não quinze, ou vinte e cinco etc.?) A dificuldade quanto ao "momento situacionista" é, ao contrário, marcar exatamente o seu fim, sua transformação em um termo diferente de uma série de situações — tal série pode constituir um dos momentos lefebvrinos — ou em tempo morto.

Com efeito, o "momento" considerado como categoria geral reencontrável implica afinal o estabelecimento de uma lista cada vez mais completa. A situação, mais indiferenciada, presta-se a infinitas combinações. De modo que não é possível definir exatamente uma situação nem sua fronteira. O que vai caracterizar a situação é sua práxis, sua formação deliberada.

Por exemplo, Lefebvre fala do "momento do amor". Do ponto de vista da criação dos momentos, na óptica situacionista, é preciso considerar o momento de determinado amor, do amor de determinada pessoa. Quer dizer: de determinada pessoa em determinadas circunstâncias.

O máximo do "momento construído" é a *série de situações* ligada a um mesmo tema — este amor de determinada pessoa — (um "tema situacionista" é um desejo *realizado*). Isso é particularizado, e irrepitível, se comparado ao momento de Henri Lefebvre. Mas muito extenso e relativamente durável se comparado ao instante único-efêmero.

Lefebvre, ao analisar o "momento", mostrou várias condições fundamentais do novo terreno de ação onde aparece agora uma cultura revolucionária. Por exemplo, quando observa que o momento tende ao absoluto, e dele se desfaz. O momento, como a situação, é *ao mesmo tempo* proclamação do absoluto e consciência da passagem. Está de fato no sentido da junção do estru-

tural com o conjuntural; e o projeto de uma situação construída pode também ser definido como uma tentativa estrutural na conjuntura.

O "momento" é sobretudo temporal, faz parte de uma zona de temporalidade, não pura mas dominante. A situação, estreitamente articulada no lugar, é toda espaciotemporal (cf. A. Jorn, sobre o espaço-tempo de uma vida; A. Frankin, sobre a planificação da existência individual). Os momentos construídos em "situações" poderiam ser considerados como os momentos de ruptura, de aceleração, *as revoluções na vida cotidiana individual*. Num nível espacial mais amplo — mais social — um urbanismo que corresponde bem exatamente aos momentos de Lefebvre, e à sua idéia de os escolher e de os deixar à vontade, se acha proposto com os bairros "estados-de-espírito" (cf. "Formulário para um novo urbanismo", de G. Ivain, IS nº 1), um objetivo de desalienação sendo buscado explicitamente no arranjo do "Bairro Sinistro".

Enfim, o problema do *encontro* da teoria dos momentos com uma formulação operacional da construção de situações suscita a seguinte pergunta: Qual combinação, quais interações devem ocorrer entre o desenrolar (e as ressurgências) do "momento natural", no sentido de Henri Lefebvre, e certos elementos artificialmente *construídos* — logo, introduzidos nesse desenrolar — e que o alteram quantitativamente e, sobretudo, qualitativamente?

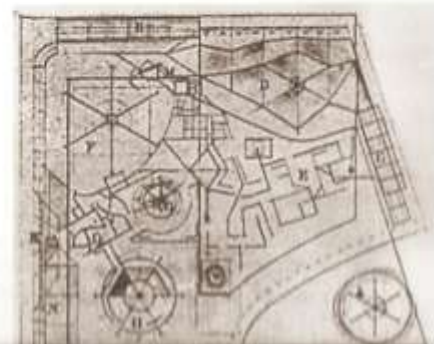
DESCRIÇÃO DA ZONA AMARELA

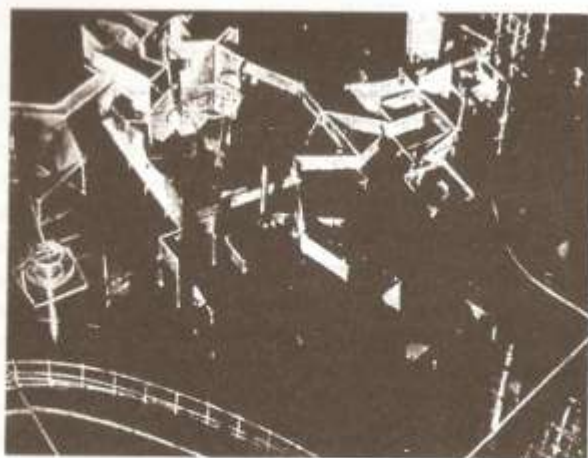
Esse quarteirão, situado à margem da cidade, deve seu nome à cor de grande parte do solo, sobretudo no segundo andar a leste. Essa particularidade soma-se à atmosfera alegre que predispõe o quarteirão à sua adaptação como zona de jogos. Os diferentes níveis — três a leste, dois a oeste — são sustentados por uma construção metálica, alteada do solo. Para a sustentação dos andares e dos prédios internos utilizou-se o titânio; para o calçamento e o revestimento das divisórias e paredes, o náilon. A leveza da construção explica não só o emprego mínimo de suportes, mas também uma grande flexibilidade no manejo das diferentes partes e a total supressão dos volumes. A construção metálica pode ser considerada como base para um arranjo de elementos típicos, móveis, intercambiáveis, desmontáveis, que favorecem a variação permanente do cenário. A descrição que vem a seguir limita-se ao quadro geral do arranjo. A formação em níveis superpostos implica que a maior parte da superfície deve ser iluminada e climatizada artificialmente. Mas não quer isso dizer que se tenha tentado imitar as condições naturais, e sim tirado proveito dessa circunstância, criando condições climatológicas e modalidades de iluminação. Isso faz parte integrante dos jogos de ambiências que são uma das atrações da zona amarela. Con-

vém notar, aliás, que em vários lugares passa-se bruscamente para o ar livre.

Pode-se chegar a essa parte da cidade por via aérea, pois o terraço oferece campos de aterrissagem; ou, pelo nível do solo, de carro; ou ainda por trem subterrâneo — de acordo com as distâncias a percorrer. O nível do solo, atravessado em todas as direções por auto-estradas, não tem nenhum prédio, com exceção dos pilares, que sustentam a construção, e de um edifício redondo, de seis andares (A), que suporta a parte suspensa do terraço. Esses suportes, em torno dos quais foram previstas áreas para o estacionamento dos meios de transporte, contêm os elevadores que levam aos andares da cidade ou a seu subsolo. O edifício (A), onde ficam os serviços técnicos, é separado do resto do quarteirão e só é acessível pelo terraço ou pelo andar térreo. Tudo

Mapa geral da zona amarela.





Vista ampliada dos setores G e E.

mais se comunica interiormente e constitui um grande espaço comum, do qual só estão separados dois edifícios na periferia da cidade, que contêm residências (B e C). Entre esses dois edifícios residenciais, cujas janelas dão para a paisagem, encontra-se, no ângulo nordeste da cidade e ultrapassando o terraço superior, o grande *hall* de chegada (D), construção metálica coberta de telha de alumínio, de forma muito livre, cujos dois andares contêm a estação para os viajantes bem como os depósitos de distribuição das mercadorias. Esse *hall* fica ao ar livre, mas o interior do bairro é inteiramente coberto.

A parte leste é verticalmente dividida em dois andares cobertos, além da parte do terraço onde fica o aeródromo. Por meio de divisórias móveis, os andares são arrançados como várias salas que se comunicam horizontal-

mente e, por meio de escadas, verticalmente; suas ambiências variadas são continuamente modificadas por equipes situacionistas, em relação com os serviços técnicos. Aí se desenvolvem sobretudo jogos intelectuais.

A parte oeste já é mais complicada. Nela ficam a grande e a pequena casa-labirinto (L e M), que retomam e desenvolvem os antigos poderes da confusão arquitetônica: as fontes, o circo (H), o salão de baile (N), a praça branca (F) sob a qual está suspensa a praça verde, que desfruta de esplêndida vista sobre o trânsito das auto-estradas que circula por baixo dela.

As duas casas-labirintos são constituídas por inúmeros aposentos de forma irregular, escadas em espiral, recantos perdidos, terrenos vagos, becos. Busca-se aí a aventura. Pode-se chegar à sala surda, revestida de

material isolante; ou à sala gritante, com cores berrantes e sons ensurdecedores; ou à sala do eco (jogos de transmissores radiofônicos); ou à sala das imagens (jogos cinematográficos); ou à sala da reflexão (jogos das influências psicológicas); ou à sala de descanso; ou à sala dos jogos eróticos; ou à sala da coincidência etc. A longa estada numa dessas casas tem o benéfico efeito de uma lavagem cerebral e costuma ser praticada na intenção de desmanchar os possíveis novos hábitos.

As fontes ficam entre essas duas casas, ao ar livre. O terraço de cima tem uma abertura nesse lugar, que permite ver o céu. As fontes aí se jun-

tam a paliçadas e a construções de formas estranhas, entre as quais uma gruta de vidro, aquecida, onde é possível nadar em pleno inverno enquanto se olham as estrelas.

Ao seguir pela passagem (K) que, em vez de janelas, é guarnecida com grandes lentes ópticas que ampliam muito a vista sobre o quarteirão vizinho, chega-se ao salão de baile. Ou passa-se para os terraços em volta dos repuxos, que ficam acima da praça branca, visível daí, terraços esses onde ocorrem as manifestações; e que também dão acesso à praça verde do andar de baixo. Ao descer sob essa praça, encontram-se transportes públicos que levam a outros bairros.

Constant
IS nº 4, junho de 1960

125

A zona amarela é o primeiro itinerário de Promenades à New-Babylone, guia descritivo dos quarteirões-maquetes cuja reunião constitui um modelo reduzido da "cidade coberta". Constant, no número 3 deste Boletim, formulou os princípios básicos dessa hipótese específica de urbanismo unitário.

MANIFESTO

Uma nova força humana, que o atual contexto não conseguirá dominar, cresce dia a dia com o irresistível desenvolvimento técnico e a insatisfação de suas possíveis utilizações em nossa vida social despojada de sentido.

A alienação e a opressão na sociedade não terão vez, sob nenhuma de suas variantes, e serão totalmente rejeitadas junto com a própria sociedade. Todo progresso real depende da solução revolucionária da multiforme crise do presente.

Quais são as perspectivas de organização da vida numa sociedade que, autenticamente, "reorganize a produção com base na associação livre e igual dos produtores"? A automatização da produção e a socialização dos bens vitais vão reduzir cada vez mais o trabalho como necessidade exterior, e darão enfim completa liberdade ao indivíduo. Assim liberado de toda responsabilidade econômica, liberado de todas as suas dívidas e culpabilidades para com o passado e para com outrem, o homem disporá de uma nova mais-valia, incalculável em dinheiro porque irredutível à medida do trabalho assalariado: o valor do jogo, da vida livremente construída. O exercício dessa criação lúdica é a garantia da liberdade de cada um e de todos, no âmbito da única igualdade garantida pela não-exploração do homem pelo homem. A libertação pelo jogo é sua autonomia criativa, que supera a antiga divisão entre o trabalho imposto e os lazeres passivos.

Antigamente a Igreja queimava os pretensos feiticeiros para reprimir as primitivas tendências lúdicas conservadas nas festas populares. Na sociedade atualmente dominante, que produz em massa pseudojogos desprovidos de participação, a verdadeira atividade artística é forçosamente assimilada à criminalidade. É semiclandestina. Aparece sob forma de escândalo.

O que é, de fato, uma "situação"? É a realização de um jogo superior, ou mais exatamente a provocação para esse jogo que é a presença humana. Os jogadores revolucionários de todos os países podem unir-se na IS para começar a sair da pré-história da vida cotidiana.

Desde já propomos uma organização autônoma dos produtores da nova cultura, independente das organizações políticas e sindicais que existem no momento, por não lhes reconhecermos a capacidade de organizar algo diferente do arranjo do que já existe.

O objetivo mais urgente que fixamos a essa organização, no momento em que ela sai de sua fase experimental inicial para uma primeira campanha pública, é a tomada da Unesco. A burocratização, unificada em escala mundial, da arte e de toda a cultura é um fenômeno novo que exprime o profundo parentesco dos sistemas sociais coexistentes no mundo, com base na conservação

ecletica e na reprodução do passado. A reação dos artistas revolucionários a essas novas condições deve ser um novo tipo de ação. Como a própria existência dessa concentração diretorial da cultura, localizada num único edifício, favorece o embargo por meio de um golpe, e como a instituição é perfeitamente desprovida de qualquer possibilidade de uso sensato fora de nossa perspectiva subversiva, estamos justificados, diante de nossos contemporâneos, ao apoderar-nos desse aparelho. E vamos conseguir. Estamos decididos a nos apoderar da Unesco, mesmo que por pouco tempo, pois estamos certos de que nela faremos rapidamente um trabalho significativo, esclarecedor de um longo período de reivindicações.

Quais devem ser as principais características da nova cultura, sobretudo se comparadas à arte antiga?

Contra o espetáculo, a cultura situacionista realizada introduz a participação total.

Contra a arte conservada, é uma organização do momento vivido diretamente.

Contra a arte fragmentada, será uma prática global atingindo ao mesmo tempo todos os elementos utilizáveis. Ela tende naturalmente para uma produção coletiva e sem dúvida anônima (pelo menos na medida em que, por não estarem as obras estocadas como mercadorias, essa cultura não é dominada pela necessidade de deixar vestígios). Suas experiências pretendem, no mínimo, uma revolução do comportamento e um urbanismo unitário dinâmico, capaz de estender-se a todo o planeta e, depois, a todos os planetas habitáveis.

Contra a arte unilateral, a cultura situacionista será arte do diálogo, arte da interação. Os artistas — tanto quanto toda a cultura visível — acabaram ficando inteiramente separados da sociedade, como separados estão entre si pela concorrência. Mas mesmo antes desse impasse do capitalismo, a arte era essencialmente unilateral, sem resposta. Ela vai superar essa era oclusa de seu primitivismo por meio da comunicação completa.

Quando todo o mundo se tornar artista num estágio superior, isto é, inseparavelmente produtor-consumidor de uma criação cultural total, vamos assistir à rápida dissolução do critério linear de novidade. Todo o mundo sendo, por assim dizer, situacionista, haverá uma inflação multidimensional de tendências, de experiências, de "escolas", radicalmente diferentes, e isso já não sucessivamente mas simultaneamente.

Estamos inaugurando agora o que será, historicamente, o último dos ofícios. O papel de situacionista, de amador-profissional, de antiespecialista ainda é uma especialização até o momento de abundância econômica e mental em que todo o mundo for "artista", num sentido que os artistas não atingiram: a construção de sua própria vida. Entretanto, o último dos ofícios da história

está tão próximo da sociedade sem divisão permanente do trabalho que lhe é negada a qualidade de ofício, no momento em que ele aparece na IS.

Aos que ainda não nos entenderam, dizemos com irreduzível desprezo: "Os situacionistas, de quem vocês imaginam serem juízes, vão julgá-los mais dia menos dia. Estamos à sua espera na virada, que é a inevitável liquidação do mundo da privação, sob todas as suas formas. Tais são nossos objetivos, e tais serão os futuros objetivos da humanidade."

Em 17 de maio de 1960.

Internacional Situacionista
IS nº 4, junho de 1960

120



A FRONTEIRA SITUACIONISTA

Sabe-se o que a IS não é; que terreno ela não procura ocupar (ou ocupar apenas de modo marginal, em luta contra todas as condições existentes). É mais difícil dizer qual é o rumo da IS, caracterizar positivamente o projeto situacionista. Mesmo assim é possível enumerar, fragmento por fragmento, algumas posições provisórias de seu caminhar.

Ao oposto dos corpos hierarquizados de especialistas que constituem, cada vez mais, as burocracias, os exércitos e até os partidos políticos do mundo moderno, a IS, como se verá um dia, apresenta-se como a mais pura forma de um corpo anti-hierárquico de antiespecialistas.

A crítica e a construção situacionistas referem-se, em todos os níveis, ao valor de uso da vida. Como nossa noção de urbanismo é uma crítica ao urbanismo; como nossa experiência dos lazeres é de fato uma recusa do lazer (no sentido dominante de separação e passividade); do mesmo modo, se designamos nosso campo de ação na vida cotidiana, trata-se de uma crítica da vida cotidiana, mas que terá de ser "crítica radical, efetuada, e já não desejada, indicada" (Franklin, *Esquisses programmatiques*), crítica prática da vida cotidiana que caminha para sua superação no "cotidiano tornado impossível".

Não cremos que inventamos idéias extraordinárias na cultura

moderna, e sim que começamos a mostrar o seu extraordinário vazio. Os especialistas da produção cultural são os que logo se resignam a viver separados e, portanto, a ter carências. E é toda a sociedade contemporânea que não pode fugir ao problema da recuperação de suas infinitas capacidades alienadas, incontroladas.

A abundância, como futuro humano, não poderá ser abundância de objetos, nem mesmo de objetos "culturais" pertencentes ao passado ou recomeçados sob esse modelo, mas *abundância de situações* (da vida, de dimensões da vida). No atual contexto da propaganda de consumo, a mistificação fundamental da publicidade é associar idéias de felicidade a objetos (televisão, móveis de jardim, automóvel etc.), rompendo aliás o vínculo natural que esses objetos possam ter com outros, para fazê-los constituir antes de mais nada um meio material de "alta categoria". Essa imagem imposta da felicidade constitui o caráter diretamente terrorista da publicidade. Mas a "felicidade", tal momento feliz, dependem de uma realidade global que implica personagens em situação: pessoas vivas e o momento que as explica e lhes dá sentido (sua margem de possível). Na publicidade, os objetos são tratados como apaixonantes, no modo da paixão ("como a vida muda quando se possui um carro maravilhoso como

129

estel"). Mas nada do que seria mais digno de interesse pode ser tratado sem pôr em risco o condicionamento global: quando a publicidade se ocupa de uma paixão real, trata-se apenas da publicidade de um espetáculo.

A arquitetura a ser feita deve afastar-se das preocupações de beleza espetacular da antiga arquitetura monumental, em proveito de organizações topológicas que imponham a participação geral. *Vamos jogar com a topofobia e criar uma topofilia.* O situacionista considera seu ambiente e a si próprio como plásticos.

A nova arquitetura poderá começar seus primeiros exercícios práticos pelo desvio de *blocos afetivos de ambiência* antigamente definidos (o castelo, por exemplo). O emprego do

desvio, na arquitetura como na construção de situações, marca o reinvestimento dos produtos que se procura subtrair aos objetivos da atual organização econômico-social, e a ruptura com o cuidado formalista de criar abstratamente o desconhecido. Trata-se de liberar primeiro os desejos existentes, de estendê-los nas novas dimensões de uma realização desconhecida.

Assim, as pesquisas na via de uma arte direta das situações acabam de receber considerável impulso com o primeiro esboço de anotação prévia das linhas de força dos acontecimentos de uma situação projetada. São esquemas, equações em que os participantes poderão escolher com quais *incógnitas* vão jogar, seriamente, sem

espectadores, e sem outra finalidade além do jogo em si. Eis com certeza um protótipo de arma eficaz na luta contra a alienação, apta para romper com as aflitivas convenções da libertinagem; uma primeira retomada do avanço na via *à la* Fourier dos "percursos de felicidade". Convém acrescentar que não apoiamos nenhuma forma desejável ou garantida de felicidade. E também que esses esquemas, mais ou menos conferidos e completados, só podem servir de pista de partida para saltar no desconhecido, aberto por um arranjo calculado de acontecimentos. Esses esquemas são uma aplicação do *princípio situacionista da catapulta*, observado durante a deriva de 29, 30 e 31 de maio em Bruxelas e Amsterdã. A experiência mostrou nesse caso que uma forte aceleração da travessia do espaço social, organizada temporariamente e sob pretextos utilitários por exemplo, pode ter como efeito projetar bruscamente os sujeitos, no momento em que cessa a aceleração,



numa deriva que eles percorrem na velocidade que adquiriram. É claro que não se pode perder de vista que toda experiência montada a partir de bases restritas, a despeito de seu valor em informações e também em propaganda, por ser efetuada em *escala de laboratório*, numa proporção infinitesimal do conjunto social, apresentará não apenas uma diferença de escala mas uma *diferença de natureza* em relação às construções futuras da vida. Mas esse laboratório, que herda todas as criações de uma esfera cultural esgotada, prepara para ela a superação concreta.

Eis portanto os últimos postos avançados da cultura. Para além deles, começa a conquista da vida cotidiana.

Internacional Situacionista
IS n° 5, dezembro de 1960

Londres, setembro de 1960. Os situacionistas no cinema.



CRÍTICA AO URBANISMO

Os situacionistas sempre disseram que "o urbanismo unitário não é uma doutrina do urbanismo mas uma crítica ao urbanismo" (IS n° 3). O projeto de um urbanismo mais moderno, mais progressista, concebido como uma correção da especialização urbanista atual é tão falso quanto, por exemplo, no projeto revolucionário, essa supervalorização do momento da tomada de poder, que é uma idéia de especialista que implica logo o esquecimento, e até a repressão, de todas as tarefas revolucionárias provocadas, a todo momento, pelo conjunto das atividades humanas inseparáveis. Antes de sua fusão com uma práxis revolucionária generalizada, o urbanismo é forçosamente o primeiro inimigo de todas as possibilidades da vida urbana em nossa época. É um desses fragmentos do poder social que pretendem representar uma totalidade coerente e tendem a impor-se como explicação e organização totais, os quais ocultam desse modo a totalidade social real que os produziu e que eles conservam.

Quem aceitar essa especialização do urbanismo coloca-se a serviço da mentira urbanista e social existente, do Estado, para realizar um dos múltiplos urbanismos "práticos" possíveis; mas o único urbanismo prático para nós, aquele que chamamos de urbanismo unitário, é deixado de lado, porque ele exige a criação de

condições de vida muito diferentes.

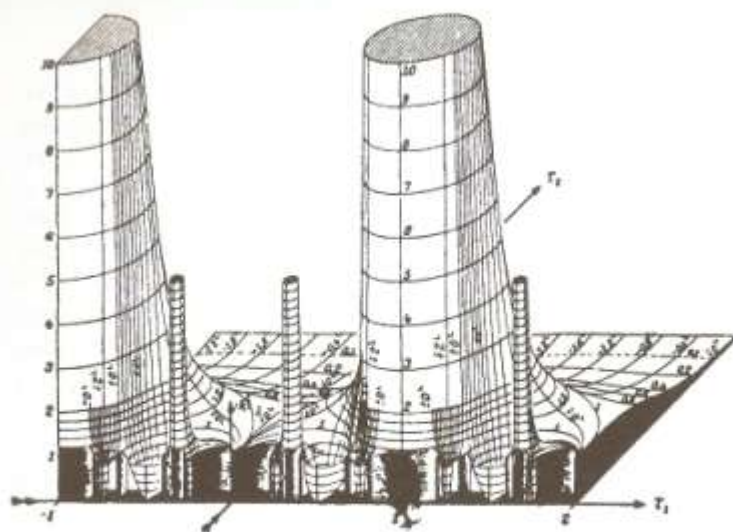
Há seis ou oito meses, há uma movimentação, sobretudo de arquitetos e capitalistas da Alemanha Ocidental, para lançar um "urbanismo unitário" de imediato e, ao menos, no Ruhr. Comerciantes mal informados e entusiasmados por realizações rápidas anunciaram, em fevereiro, a abertura iminente de um laboratório de UU em Essen (como transformação da galeria de arte Van de Loo). Foi a contragosto que publicaram um desmentido, sob a nossa ameaça de trazer a público a fraude. O situacionista Constant, cujos colaboradores holandeses haviam sido excluídos da IS por terem aceito a construção de uma igreja, propõe ele mesmo agora *maquetes de fábricas* em seu catálogo editado em março pelo Museu Municipal de Bochum. Esse hábil indivíduo, entre dois ou três plágios de idéias situacionistas mal compreendidas, oferece-se abertamente como relações-públicas para integrar as massas na civilização técnica capitalista e recrimina a IS como tendo abandonado seu programa de transformação do meio urbano, do qual ele permanece o único defensor. Se for nessas condições, é sim! Aliás, convém lembrar que foi esse mesmo grupo de ex-membros da seção holandesa da IS que, em abril de 1959, se opôs tenazmente a que a IS adotasse um "Apelo aos intelectuais e aos artistas revolu-

cionários", afirmando: "Essas perspectivas não dependem, para nós, de uma derrubada revolucionária da sociedade atual cujas condições estão ausentes" (cf. sobre esse debate IS n° 3). Eles seguiram portanto logicamente o seu caminho. O mais curioso é que ainda estejam tentando atrair alguns situacionistas para incluí-los nesse tipo de tarefa. Pensam eles que nos deixaremos levar pelo gosto da fama ou pelo engodo do lucro? A uma carta do diretor desse museu de Bochum que propunha uma colaboração com o *bureau* de urbanismo unitário de Bruxelas, Attila Kotányi respondeu, em 15 de abril: "Pensamos que, se o senhor tem algum conhecimento do original, não pode confundir nossa óptica crítica com a óptica apologética que se esconde sob a cópia da mesma etiqueta". E rejeitou qualquer possibilidade de discussão.

Até o mero fato de conhecer a versão original das teses situacionistas sobre o UU não é fácil. Nossos companheiros alemães publicaram, em junho, um número especial de sua revista (*Spur* n° 5) reunindo trechos dedicados ao UU durante anos na IS ou na corrente que preparou sua formação, sendo muitos desses textos inéditos ou publicados em documentos hoje inacessíveis — e todos inéditos em língua alemã. Logo se constataram pressões sobre os situacionistas na Alemanha, para impedir o aparecimento desses textos ou, ao menos, para obter sua altera-

ção: desde o bloqueio de toda a tiragem na gráfica durante três semanas, até ameaças extravagantes de processo por imoralidade, pornografia, blasfêmia e incitação à revolta. Os situacionistas alemães não cederam a essas tentativas de intimidação, e hoje os gerentes do urbanismo unitário bom-moço do Ruhr se devem indagar se essa etiqueta é adequada para lançar sua operação.

A contestação da sociedade atual no seu conjunto é o único critério de uma libertação autêntica, seja no âmbito das cidades, seja em qualquer outro aspecto das atividades humanas. Se assim não for, a "melhora", "o progresso", será sempre destinado a azeitar o sistema, a aperfeiçoar o condicionamento que necessita ser derubado no urbanismo e em toda a parte. Henri Lefebvre, no n° 3 da *Revue française de sociologie* (jul.-set. 1961) critica as falhas do projeto da equipe de arquitetos e sociólogos que acaba de publicar em Zurique *Die neue Stadt, eine Studie für das Fürttal*. Mas essa crítica não nos parece suficiente porque não questiona com clareza o próprio papel dessa equipe de especialistas num contexto social do qual ela aceita as imposições absurdas. De modo que o artigo de Lefebvre ainda dá muito valor a trabalhos que podem ter utilidade e méritos, mas cuja perspectiva é radicalmente inimiga da nossa. O título do artigo "Utopia experimental: por um novo urbanismo" já mostra todo o equívoco. Pois o método da utopia experimental, para



Representação em relevo da função modular elíptica.

corresponder de fato a seu projeto, deve evidentemente açambarcar a totalidade, isto é, sua execução não deve levar a um "novo urbanismo", mas a um novo uso da vida, a uma nova práxis revolucionária. É a falta de ligação entre o projeto de uma transformação passional da arquitetura e as outras formas do condicionamento, e de sua recusa, na escala de toda a sociedade, que faz a fraqueza das teses de Feuerstein, publicadas no mesmo número da revista da seção alemã da IS, apesar do interesse de vários pontos, particularmente a noção de bloco errático, "representação do acaso e também a menor organização de objetos que engloba um acontecimento". As idéias de Feuerstein que estão na linha da IS, sobre uma "arquitetura acidental", só podem ser compreendidas em todas as suas conseqüências e realizadas

por uma superação do problema isolado da arquitetura, e das soluções que lhe forem dadas abstratamente.

Tanto mais que, a partir de agora, a crise do urbanismo é uma crise concretamente social e política, mesmo que hoje nenhuma força oriunda da política tradicional possa nela interferir. As banalidades médico-sociológicas sobre a "patologia dos conjuntos habitacionais", o isolamento afetivo das pessoas que neles vivem, ou o desenvolvimento de certas reações extremadas de rejeição, principalmente entre os jovens, traduzem simplesmente o fato de que o capitalismo moderno, a sociedade burocrática de consumo, começa a modelar em toda a parte seu próprio cenário. Essa sociedade constrói, com as novas cidades, o terreno que a representa exatamente, que reúne as condições mais apropriadas a seu bom funcionamento; ao

mesmo tempo, ela traduz no espaço, na linguagem clara da organização da vida cotidiana, seu princípio fundamental de alienação e de imposição. É também aí que se vão manifestar com mais nitidez os novos aspectos de sua crise.

Em Paris, em abril, uma exposição de urbanismo intitulada *Demain Paris* [Paris amanhã] apresentava na realidade a defesa dos conjuntos habitacionais já construídos ou projetados para a periferia afastada. O futuro de Paris seria todo extrapariense. Um percurso didático visava, na primeira parte, a convencer as pessoas (principalmente os trabalhadores) que Paris, como estatísticas peremptórias provavam, era mais nociva e inabitável que qualquer outra capital conhecida. Devi-

am portanto mudar-se para outro lugar, e a solução feliz era apresentada logo a seguir, só deixando de revelar qual o preço efetivo a pagar agora pela construção dessas zonas de reagrupamento: por exemplo, quantos anos de intensa escravidão econômica representa a compra de um apartamento nesses conjuntos; e que reclusão urbana perpétua representa, depois, essa propriedade adquirida.

No entanto a própria necessidade dessa propaganda enganosa, a necessidade de apresentar tal explicação aos interessados depois de as instâncias oficiais terem dado um veredicto soberano, revela uma primeira resistência das massas. Essa resistência deverá ser mantida e esclarecida por uma organização revolucionária realmente decidida a conhecer todas as

A cidade de Mourenx.

São 12 mil habitantes: os casados residem nos blocos horizontais, os solteiros, nas torres. À direita da foto, fica o pequeno bairro dos executivos de nível médio, composto de casas idênticas, simetricamente divididas entre duas famílias. Mais adiante, no bairro dos executivos de mais altos salários, há um outro tipo de casa destinada a um único ocupante. Os altos dirigentes do trabalho efetuado em Lacq moram em Pau, Toulouse e Paris.



condições do capitalismo moderno e a combatê-las. As pesquisas sociológicas, cujo defeito mais redibitório é de só apresentar opções entre as míseras variantes do já existente, indicam que 75% dos habitantes dos conjuntos habitacionais desejam ter casa com jardim.

Essa imagem mitificada da propriedade, no sentido antigo, é que havia levado, por exemplo, os operários da Renault a comprar as casinhas que desabaram sobre suas cabeças, em junho, num bairro inteiro de Clamart. Não é pelo retrocesso a essa ideologia arcaica de um estágio ultrapassado do capitalismo, que as condições de hábitat de uma sociedade que se torna agora totalitária poderão ser substituídas de fato, mas pela libertação de um instinto de construção atualmente reprimido em todo o mundo: libertação que, sem conquistar os outros aspectos de uma vida autêntica, não leva a nada.

As discussões nas pesquisas progressistas de hoje, referentes tanto à política quanto à arte ou ao urbanismo, estão muito atrasadas em relação à realidade que se instala em todos os países industrializados: isto é, a organização concentracionária da vida.

O grau de condicionamento exercido sobre os trabalhadores numa periferia como Sarcelles, ou mais explicitamente numa cidade como Mourenx (fundada sobre o monoemprego da população no complexo petroquímico de Lacq), prefigura as

condições a partir das quais, por toda a parte, o movimento revolucionário terá de lutar se souber reconstituir-se no nível das verdadeiras crises, das verdadeiras reivindicações de nosso tempo. Em Brasília, a arquitetura funcional revela o pleno desenvolvimento da arquitetura para funcionários, o instrumento e o microcosmo da *Weltanschauung* burocrática. Pode-se constatar que, onde o capitalismo burocrático e planificador já construiu seu cenário, o condicionamento é tão aperfeiçoado, a margem de escolha dos indivíduos tão reduzida, que uma prática tão essencial para ele como é a publicidade, que correspondeu a um estágio mais anárquico da concorrência, tende a desaparecer na maioria de suas formas e suportes. É possível que o urbanismo seja capaz de fundir todas as antigas publicidades numa única publicidade do urbanismo. O resto será obtido por acréscimo. É também provável que, nessas condições, a propaganda política que foi tão forte na primeira metade do século XX desapareça quase totalmente e seja substituída por um reflexo de rejeição a qualquer questão política. Assim como o movimento revolucionário deve deslocar o problema para bem longe do que era o antigo campo político desprezado por todo o mundo, o poder estabelecido contará mais com a simples organização do espetáculo de objetos de consumo, que só terão valor consumível ilusoriamente *na medida em que tiverem sido primeiro objetos de espetáculo*. Em Sarcelles ou em

Mourenx, as salas de espetáculo desse novo mundo já existem. Atomizadas ao extremo em torno de cada aparelho de televisão, mas ao mesmo tempo estendidas à dimensão exata das cidades.

Se o urbanismo unitário designa, como é nosso desejo, uma hipótese de emprego dos recursos da humanidade atual para construir livremente sua vida, a começar pelo ambiente urbano, é perfeitamente inútil aceitar a discussão com quem nos pergunta a que ponto ele é realizável, concreto, prático ou possível no concreto armado, pela simples razão de não existir, em nenhum outro lugar, nenhuma teoria nem nenhuma prática referente à criação das cidades, ou dos comportamentos que lhe estão ligados. Ninguém faz "urbanismo", no sentido da construção do meio reivindicada por essa doutrina. Só existe um conjunto de técnicas de

integração das pessoas (técnicas que resolvem efetivamente conflitos ao criar novos conflitos, atualmente menos conhecidos mas mais graves). Essas técnicas são manejadas inocentemente por imbecis ou deliberadamente por policiais. E todos os discursos sobre o urbanismo são mentiras tão evidentes quanto o espaço organizado pelo urbanismo é o próprio espaço da mentira social e da exploração reforçada. Os que falam sobre os poderes do urbanismo tentam fazer esquecer que eles só fazem o urbanismo do poder. Os urbanistas, que se apresentam como educadores da população, tiveram também de ser educados — por esse mundo da alienação que eles reproduzem e aperfeiçoam ao máximo.

A noção de centro de atração, na arenga dos urbanistas, é o contrário da realidade, exatamente como também o é a noção sociológica de parti-

O consumo e sua encenação.

"No contexto atual da propaganda de consumo, a mistificação fundamental da publicidade é associar idéias de felicidade a objetos (televisão, móveis de jardim, automóvel etc.), rompendo aliás o vínculo natural que esses objetos possam ter com outros, para fazê-los constituir antes de mais nada um meio material de "alta categoria". Essa imagem imposta da felicidade constitui o caráter diretamente terrorista da publicidade."

Notas editoriais da IS n° 5.



Mais oui... mais oui...
ils vont en train de boire

du
CIORE DOUX



O cenário e seu uso.

Quatro historiadores e centenas de milhões de dólares, dizem, foram empregados este ano para reconstruir parte da cidade de Alexandria num descampado da Inglaterra. Mas era para que Elizabeth Taylor aí representasse Cleópatra. Como a atriz ficou doente, não puderam filmar nem aproveitar o terreno para outra coisa. Finalmente Alexandria foi entregue às chamas.

138

cipação. Porque essas duas disciplinas aceitam uma sociedade onde a participação só pode ser dirigida para "algo de que é impossível participar" (ponto 2 do *Programa Elementar*); sociedade que deve impor a necessidade de objetos pouco atraentes e que não saberia tolerar a atração autêntica sob nenhuma de suas formas. Para compreender o que a sociologia *nunca* compreende, basta considerar em termos de agressividade o que para a sociologia é neutro.

As "bases" preparadas para uma vida experimental de que trata o programa de urbanismo unitário da IS são ao mesmo tempo os locais, os plantões, do novo tipo de organização revolucionária que acreditamos estar na ordem do dia do período histórico em que entramos. Essas bases, quando existirem, terão de ser subversivas. E a organização revolucionária do futuro terá de apoiar-se em instrumentos menos completos.

Internacional Situacionista
IS nº 6, agosto de 1961

PROGRAMA ELEMENTAR DO BUREAU DE URBANISMO UNITÁRIO

1. O vazio do urbanismo e o vazio do espetáculo.

O urbanismo não existe: não passa de uma "ideologia", no sentido definido por Marx. A arquitetura existe realmente tanto quanto a Coca-Cola: é uma produção envolta em ideologia, mas real, satisfazendo falsamente uma necessidade forjada; ao passo que o urbanismo é comparável ao alarido publicitário em torno da Coca-Cola, pura ideologia espetacular. O capitalismo moderno, organizado de modo a reduzir toda a vida social a espetáculo, é incapaz de oferecer um espetáculo que não seja o de nossa própria alienação. O seu sonho de urbanismo é sua obra-prima.

2. O planejamento urbano como condicionamento e falsa participação.

O desenvolvimento do meio urbano é a educação capitalista do espaço. Ele representa a escolha de uma certa materialização do possível, com a exclusão de outras. Tal qual a estética, da qual vai seguir o movimento de decomposição, ele pode ser considerado como um ramo bastante descuidado da criminologia. Entretanto, o que o caracteriza no âmbito do "urbanismo" com referência a seu escopo simplesmente arquitetônico é exigir o consentimento da população, a integração individual no desencadear dessa produção burocrática do condicionamento.

Tudo isso é imposto por meio de uma chantagem, em nome da utilidade. Oculta-se que a importância completa dessa utilidade é posta a serviço da reedificação. O capitalismo moderno leva a desistir de toda crítica pelo simples argumento de que é preciso ter um teto, assim como a televisão passa sob o pretexto de que é preciso receber informação e divertimento. E consegue apagar a evidência: essa informação, esse divertimento e esse modo de habitat não são feitos para as pessoas mas são feitos sem elas, contra elas.

Todo o planejamento urbano se compreende apenas como campo da publicidade-propaganda de uma sociedade, isto é, a organização da participação em algo de que é impossível participar.

139

3. O trânsito, estágio supremo do planejamento urbano.

O trânsito é a organização do isolamento de todos. Constitui o problema preponderante das cidades modernas. É o avesso do encontro: um sugador das energias disponíveis para eventuais encontros ou para qualquer espécie de participação. Tornada impossível, a participação é compensada sob forma de espetáculo. O espetáculo se manifesta no hábitat e nos deslocamentos (alto padrão de moradia e de carros pessoais). Porque, de fato, não se mora num bairro da cidade, mas no poder. Mora-se em determinado grau da hierarquia. No topo dessa hierarquia, a escala pode ser medida pela intensidade do trânsito. O poder se materializa na obrigação de estar presente cotidianamente em lugares cada vez mais numerosos (jantares de negócios) e mais distantes entre si. O alto dirigente moderno é identificado como o homem que num mesmo dia passa por três capitais diferentes.

4. O distanciamento em relação ao espetáculo urbano.

A totalidade do espetáculo que tende a integrar a população se manifesta como planejamento das cidades e como rede permanente de informações. É um enquadramento sólido para manter as condições existentes de vida. Nosso primeiro trabalho é dar às pessoas a possibilidade de não se identificarem com o meio ambiente e com as condutas-modelo. Isso é inseparável da possibilidade de reconhecerem-se livremente em algumas zonas iniciais delimitadas para a atividade humana. Durante ainda muito tempo as pessoas terão de aceitar o período reificado das cidades. Mas a atitude com a qual elas o aceitem pode ser mudada desde já. Convém propalar a desconfiança para com os jardins da infância arejados e coloridos que constituem, a Leste como a Oeste, novas cidades-dormitório. Só o despertar das consciências chamará à baila a questão de uma construção consciente do meio urbano.

5. Uma liberdade indivisível.

O principal êxito do atual planejamento das cidades é fazer esquecer a possibilidade do que chamamos urbanismo unitário, isto é, a crítica viva, alimentada pelas tensões de toda a vida cotidiana, dessa manipulação das cidades e de seus habitantes. Crítica viva quer dizer o estabelecimento de bases para uma vida experimental: reunião de gente que cria sua própria vida em terrenos preparados para atingir esse objetivo. Tais bases não podem ser reservadas a "lazers"

separados da sociedade. Nenhuma zona espaciotemporal é completamente separável. De fato, a sociedade global sempre exerce uma pressão sobre suas atuais "reservas" de férias. A pressão terá um sentido inverso nas bases situacionistas, que farão o papel de cabeças-de-ponte para invadir toda a vida cotidiana. O urbanismo unitário é o oposto da atividade especializada; e reconhecer um domínio urbanístico separado já é reconhecer toda a mentira urbanística e a mentira na vida em geral.

O urbanismo promete a felicidade. Ele será julgado por essa promessa. A coordenação entre os meios artísticos de denúncia e os meios científicos de denúncia deve levar à completa denúncia do condicionamento existente.

6. O desembarque.

Todo o espaço já está ocupado pelo inimigo, que domesticou a seu uso até regras elementares desse espaço (além da jurisdição: a geometria). O momento de surgimento do urbanismo autêntico será o de criar, em certas zonas, o vazio dessa ocupação. O que chamamos de construção começa aí. Pode ser entendida com a ajuda do conceito de "buraco positivo" forjado pela física moderna. Materializar a liberdade é, primeiro, tirar de um planeta domesticado algumas parcelas de sua superfície.

7. À luz do desvio.

O exercício elementar da teoria do urbanismo unitário será a transcrição de toda a mentira teórica do urbanismo, desviado no intuito de desalienar: a cada instante temos de nos defender da epopéia dos trovadores do condicionamento, temos de inverter-lhes os ritmos.

8. Condições do diálogo.

Funcional é o que é prático. E só é prática a solução de nosso problema fundamental: a realização de nós mesmos (afastarmo-nos do sistema de isolamento). Isso é o útil e o utilitário. Nada mais. Todo o resto só representa derivações mínimas do prático, sua mistificação.

9. Matéria-prima e transformação.

A destruição situacionista do condicionamento atual já redundava na construção de situações. É a liberação das energias inesgotáveis contidas na vida cotidiana petrificada. O atual planejamento das cidades, que se apresenta como uma geologia da mentira, dará lugar, com o urbanismo unitário, a uma técnica de defesa das condições sempre ameaçadas da liberdade, no momento em que os indivíduos — que como tal ainda não existem — construirão livremente sua própria história.

10. Fim da pré-história do condicionamento.

Não preconizamos que se deva voltar a um estágio anterior ao condicionamento, e sim que se vá além dele. Inventamos a arquitetura e o urbanismo que são irrealizáveis sem a revolução da vida cotidiana; isto é, sem a apropriação do condicionamento por todos os homens, para que melhorem indefinidamente e se realizem.

Attila Kotányi e Raoul Vaneigem
IS n° 6, agosto de 1961

para qualquer informação referente ao U.U.

BUREAU DE URBANISMO UNITÁRIO

Diretor: A. Kotányi.

10, avenue de l'Orée, Bruxelles - Telefone : 49.26.57

PERSPECTIVAS DE MODIFICAÇÕES CONSCIENTES NA VIDA COTIDIANA

Estudar a vida cotidiana seria uma tarefa ridícula, e condenada a nada apreender de seu objeto, se tal proposta não fosse explicitamente a de estudar a vida cotidiana para transformá-la.

A conferência — exposição de certas considerações intelectuais a um auditório, como forma banal das relações humanas num amplo setor da sociedade — também faz parte da crítica da vida cotidiana.

Os sociólogos, por exemplo, têm o costume de retirar da vida cotidiana e rejeitar para esferas separadas — chamadas superiores — o que lhes acontece a cada momento. É o hábito sob todas as formas, a começar pelo hábito do manejo de alguns conceitos *profissionais* — produzidos portanto pela divisão do trabalho —, que mascara a realidade sob convenções preexistentes.

É por isso desejável que se mostre, por uma leve distorção das expressões correntes, que a vida cotidiana é mesmo esta aqui. É claro que a transmissão destas palavras por meio de um gravador não vai ilustrar a integração dos recursos técnicos na vida cotidiana marginal ao tecnicismo, e sim aproveitar uma ocasião para romper com as aparências de pseudocolaboração do diálogo artificial, que ficam instituídas entre o

conferencista "presente pessoalmente" e seus espectadores. Essa leve ruptura de uma comodidade pode transformar em questionamento da vida cotidiana (questionamento que, de outro modo, será totalmente abstrato) a própria conferência, como outras tantas disposições do uso do tempo, ou dos objetos, disposições que são consideradas "normais", que nem percebemos, mas que no fundo nos condicionam. A respeito de um pormenor como esse, como a respeito do conjunto da vida cotidiana, a modificação é sempre a condição necessária e suficiente para fazer surgir experimentalmente o objeto de nosso estudo, que sem isso permaneceria duvidoso; objeto que não é só para estudar, e sim para modificar.

Acabei de dizer que a realidade de um conjunto observável que seria designado pela expressão "vida cotidiana" corre o risco de continuar hipotética para muita gente. De fato, desde que este grupo de pesquisa se constituiu, o mais surpreendente não é que ainda não tenha encontrado nada, mas que a contestação da própria existência da vida cotidiana se tenha manifestado desde o primeiro instante; e, a cada encontro, continue a se confirmar. A maioria das falas que ouvimos nessa discussão emana de pessoas que não estão nada con-

vencidas de que a vida cotidiana exista, por não a terem encontrado em lugar algum. Um grupo de pesquisa sobre a vida cotidiana guiado por tal idéia é comparável a uma expedição que parte em busca do "abominável homem das neves" e chega à conclusão de que se trata de uma pilhéria folclórica.

144

Todo o mundo está porém de acordo em que certos gestos repetidos a cada dia, como abrir a porta ou encher um copo, são perfeitamente reais; mas esses gestos estão num plano tão trivial da realidade que se contesta, com razão, que possam justificar uma nova especialização da pesquisa sociológica. E vários sociólogos parecem pouco inclinados a imaginar outros aspectos da vida cotidiana, a partir da definição de Henri Lefebvre, isto é, "o que resta quando se retiram do vivido todas as atividades especializadas". Descobre-se então que a maioria dos sociólogos — e todos nós sabemos como eles gostam das atividades especializadas e nelas acreditam cegamente! — reconhece atividades especializadas em tudo, e a vida cotidiana em lugar nenhum. A vida cotidiana está sempre mais além. Está com os outros. Em todo o caso, nas classes não sociológicas da população. Alguém disse que seria interessante estudar os operários, como cobaias provavelmente inoculadas com o vírus da vida cotidiana, pois eles, por não terem acesso às atividades especializadas, só têm a vida cotidiana para viver. Esse modo de se debruçar

sobre o povo, em busca de um longínquo primitivismo do cotidiano; e sobretudo esse contentamento escancarado, essa arrogância ingênua de participar de uma cultura da qual ninguém consegue disfarçar a indiscutível falência, a radical incapacidade de compreender o mundo que a produz, tudo isso é assombroso.

Existe uma vontade manifesta de proteger-se por trás de uma formação do pensamento que se baseou na segmentação de domínios artificiais, a fim de rejeitar o conceito inútil, vulgar e incômodo de "vida cotidiana". Tal conceito abrange um resíduo da realidade catalogada e classificada, resíduo com o qual alguns não gostam de se confrontar, porque é ao mesmo tempo o ponto de vista da totalidade; implica a necessidade de um juízo global, de uma política. Certos intelectuais parecem vangloriar-se de sua participação pessoal no setor dominante da sociedade, por possuírem uma ou várias especializações culturais; isso porém os coloca no lugar ideal para perceberem que toda a cultura dominante está nitidamente roída pelas traças. Mas, seja qual for a opinião que se tenha sobre a coerência dessa cultura ou sobre seu interesse, em detalhe, a alienação que ela impôs aos ditos intelectuais é de fazer com que eles se julguem, do Céu dos sociólogos, como totalmente alheios à vida cotidiana das populações comuns ou situados no topo da escala do poder humano, como se eles também não fossem *uns pobres cottados*.

É verdade que as atividades especializadas existem; têm até, em certa época, um uso geral que sempre convém reconhecer de modo desmitificado. A vida cotidiana não é tudo, embora esteja em osmose com as atividades especializadas a ponto de, sob certo aspecto, nunca ninguém estar fora da vida cotidiana. E, se recorrermos à conhecida representação espacial das atividades, a vida cotidiana terá de ser colocada no centro de tudo. Nela se inicia cada projeto, e cada realização a ela retorna em busca de uma verdadeira significação. A vida cotidiana é a medida de tudo: da realização — ou melhor, da não-realização — das relações humanas; da utilização do tempo vivido; da pesquisa na arte; da política revolucionária.

Convém lembrar que o velho estereótipo científico do observador desinteressado é um ardil. No caso, a observação desinteressada é ainda menos possível que em qualquer outra situação. O que torna difícil o reconhecimento de um terreno da vida cotidiana não é apenas o fato de ele já ser o ponto de encontro de uma sociologia empírica com a elaboração conceptual, mas também de ser neste momento o desafio de toda a renovação revolucionária da cultura e da política.

A vida cotidiana não criticada significa o prolongamento das formas atuais, profundamente deterioradas, da cultura e da política, formas cuja gravíssima crise, sobretudo nos países mais modernos, se traduz pela



despolitização e pelo neo-analfabetismo generalizados. Em compensação, a crítica radical, e por atos, da vida cotidiana existente pode levar a uma superação da cultura e da política no sentido tradicional, isto é, a um nível superior de participação na vida.

Mas, pode alguém perguntar, por que essa vida cotidiana, que a meu ver é a única real, é tão completa e imediatamente depreciada por pessoas que, afinal, não têm nenhum interesse direto nisso e são, na maioria, favoráveis a uma renovação do movimento revolucionário?

145

Julgo que é por estar a vida cotidiana organizada dentro de parâmetros de uma pobreza escandalosa. E sobretudo porque essa pobreza da vida cotidiana nada tem de acidental: é uma pobreza imposta a todo momento pela coação e pela violência de uma sociedade dividida em classes; pobreza organizada historicamente de acordo com as necessidades da história da exploração.

O uso da vida cotidiana, no sentido de um consumo do tempo vivido, é comandado pela predominância da raridade: raridade do tempo livre e raridade dos possíveis modos de utilizar esse tempo livre.

Assim como a história acelerada de nossa época é a história da acumu-

lação e da industrialização, o atraso da vida cotidiana e sua tendência ao imobilismo são o produto das leis e dos interesses que comandaram essa industrialização. A vida cotidiana apresenta de fato, até o momento, uma resistência ao que é histórico. Isso julga antes de tudo o histórico, como herança e projeto de uma sociedade de exploração.

A enorme pobreza da organização consciente, a falta de criatividade das pessoas na vida cotidiana expressam a necessidade fundamental de inconsciência e de mistificação numa sociedade exploradora, numa sociedade da alienação.

Henri Lefebvre aplicou uma extensão da idéia de desenvolvimento desigual para caracterizar a vida cotidiana, descompassada mas não cortada da historicidade, como um setor atrasado. Acho que se pode qualificar esse nível da vida cotidiana como setor colonizado. Todos sabem que, na escala da economia mundial, o subdesenvolvimento e a colonização são fatores que interagem. Tudo leva a crer que o mesmo acontece na escala da formação econômico-social da práxis.

A vida cotidiana, mistificada por todos os meios e controlada policialmente, é uma espécie de reserva para os bons selvagens que fazem funcionar, sem compreendê-la, a sociedade moderna com o rápido crescimento de seus poderes técnicos e a expansão forçada de seu mercado. A história — isto é, a transformação do real

— não é utilizável atualmente na vida cotidiana porque o homem do cotidiano é o produto de uma história que ele não controla. É ele quem faz essa história, mas não livremente.

A sociedade moderna se constitui de fragmentos especializados, praticamente intransmissíveis, e a vida cotidiana, na qual quase todas as questões surgem de modo unitário, torna-se naturalmente o reino da ignorância.

Essa sociedade, através de sua produção industrial, esvaziou o sentido dos gestos do trabalho. E nenhum modelo que esses gestos humanos já tiveram perdura em nosso cotidiano.

Tal sociedade tem tendência a atomizar os homens em consumidores isolados, a proibir a comunicação. A vida cotidiana torna-se assim vida privada, domínio da separação e do espetáculo.

De tal forma que a vida cotidiana é também o terreno do qual os especialistas abdicam. É nela que, por exemplo, um dos raros indivíduos capazes de compreender a mais recente imagem científica do universo torna-se estúpido e considera atentamente as teorias artísticas de Alain Robbe-Grillet, ou envia petições ao Presidente da República a fim de influir em sua política. É a esfera da ausência de reação, da confissão da incapacidade de viver.

Não se deve portanto caracterizar o subdesenvolvimento da vida cotidiana apenas por sua relativa incapacidade de integrar técnicas. Esse

aspecto é um produto importante, mas ainda parcial, do conjunto da alienação diária, que pode ser definida como a incapacidade de inventar uma técnica de libertação do cotidiano.

E é verdade que muitas técnicas modificam com maior ou menor nitidez certos aspectos da vida cotidiana: os eletrodomésticos, como já dissemos, e também o telefone, a televisão, a gravação musical em discos, as viagens aéreas mais acessíveis etc. Esses elementos intervêm desordenadamente, ao acaso, sem que ninguém tenha previsto suas conexões e conseqüências. Mas é certo que, no conjunto, esse movimento de introdução das técnicas no cotidiano, sendo finalmente enquadrado pela racionalidade do capitalismo moderno burocratizado, atua mais no sentido de uma redução da independência e da criatividade das pessoas. Assim as cidades novas de hoje retratam claramente a tendência totalitária da organização da vida pelo capitalismo moderno; os indivíduos isolados (geralmente isolados no âmbito da célula familiar) vêem, nesse gênero de cidade, sua vida reduzida à pura trivialidade da repetição, junto com a assimilação obrigatória de um espetáculo igualmente repetitivo.

Parece portanto que a censura que as pessoas exercem sobre a questão de sua própria vida cotidiana se explica pela consciência de sua insustentável miséria, bem como pela sensação, talvez inconfessada mas inevitavelmente experimentada, de

que todas as verdadeiras possibilidades, todos os desejos que foram impedidos pelo funcionamento da vida social, estavam nela, e não nas atividades ou distrações especializadas. Isto é, o conhecimento da riqueza profunda, da energia perdida na vida cotidiana, é inseparável do conhecimento da miséria da organização dominante dessa vida: só a existência perceptível dessa riqueza inexplorada leva a definir por contraste a vida cotidiana como miséria e como prisão; depois, no mesmo impulso, leva a negar o problema.

Em tais condições, ocultar a questão política suscitada pela miséria da vida cotidiana equivale a ocultar a profundidade das reivindicações relativas à riqueza possível de nossa vida; reivindicações que levariam forçosamente a reinventar a revolução. Neste aspecto, a fuga à política não é contraditória com o fato de ser militante do Partido Socialista Unificado, por exemplo, ou de ler com confiança o jornal *L'Humanité*.

Tudo depende efetivamente do nível em que se ousa formular o problema: como vivemos? Como ficamos satisfeitos? Insatisfeitos? Isso sem nos deixarmos nunca intimidar pelas diversas formas de publicidade que visam a persuadir que o homem pode ser feliz por causa da existência de Deus, ou do dentífrico Colgate, ou do CNRS [Centro Nacional da Pesquisa Científica, da França].

Parece-me que a expressão "crítica da vida cotidiana" poderia, e deve-

ria, também harmonizar-se com essa inversão: seria a crítica que a vida cotidiana exerceria, soberanamente, sobre tudo o que lhe é inutilmente exterior.

A questão do uso dos meios técnicos, na vida cotidiana e alhures, é mera questão política (e, entre todos os meios técnicos existentes, os que são utilizados são de fato selecionados de acordo com os objetivos de manutenção da predominância de uma classe). Quando se considera a hipótese de um futuro, tal como é pensado pela literatura de ficção científica, no qual aventuras interestelares coexistem com uma vida cotidiana mantida nesta terra com a mesma indigência material e o mesmo moralismo arcaico, isso significa, exatamente, que ainda haveria uma classe de dirigentes especializados, mantendo a seu serviço as massas proletárias das fábricas e dos escritórios; e que as aventuras interestelares seriam apenas a empresa escolhida por esses dirigentes, a maneira que teriam achado para desenvolver sua economia irracional, o cúmulo da atividade especializada.

Já foi perguntado: "A vida privada está privada de quê?" Da vida, que

dela está cruelmente ausente. As pessoas também estão privadas ao máximo de comunicação; e de realização pessoal. Caberia dizer: não podem fazer, pessoalmente, sua própria história. As hipóteses para responder de modo positivo a essa questão sobre a natureza da privação só podem ser enunciadas sob a forma de projetos de enriquecimento: projetos de outro estilo de vida; ou seja, de um estilo... Ou então, se considerarmos que a vida cotidiana está na fronteira entre o setor dominado e o setor não dominado da vida, ou seja, o lugar do aleatório, será preciso substituir o presente gueto por uma fronteira sempre deslocável; trabalhar sem esmorecer para organizar novas oportunidades.

A questão da intensidade do vivido aparece hoje, por exemplo, com o uso da droga, nos mesmos termos com que a sociedade da alienação consegue formular qualquer questão: isto é, em termos de falso reconhecimento de um projeto falsificado, em termos de fixação e de apego. Convém notar também a que ponto a imagem do amor, elaborada e divulgada nesta sociedade, é parecida com a da droga. Nela, a paixão é primeiro reconhecida como recusa de todas as outras paixões; depois, é impedida e, afinal, só se encontra nas compensações do espetáculo reinante. La Rochefoucauld escreveu: "Quase sempre o que nos impede de entregarmos a um vício é o fato de termos vários". Eis uma constatação muito

positiva se, deixando de lado os pressupostos moralistas, a pusermos de pé, como base de um programa de realização das capacidades humanas.

Todos esses problemas estão na ordem do dia porque, visivelmente, nosso tempo é dominado pelo surgimento do projeto, defendido pela classe operária, de abolir toda a sociedade de classes e de começar a história humana; projeto dominado portanto, como corolário, por uma resistência encarniçada, bem como pelos desvios e fracassos que até o momento enfrentou.

A atual crise da vida cotidiana se inscreve nas novas formas de crise do capitalismo, formas que passam despercebidas a quem só pensa em computar a chegada das próximas crises cíclicas da economia.

O desaparecimento, no capitalismo desenvolvido, de todos os antigos valores, de todas as referências da antiga comunicação, bem como a impossibilidade de substituí-los por outros, sejam eles quais forem, antes de terem dominado racionalmente, na vida cotidiana e alhures, as novas forças industriais que nos escapam cada vez mais, são fatos que produzem não apenas a insatisfação quase oficial de nossa época, insatisfação muitíssimo aguda entre os jovens, mas também o movimento de autonegação da arte. A atividade artística sempre fora a única a explicar os problemas clandestinos da vida cotidiana, embora de forma velada, deformada, parcialmente ilusória. Diante dos olhos, te-

mos o testemunho da destruição de toda a expressão artística: é a arte moderna.

Se considerarmos a crise da sociedade contemporânea em toda a sua extensão, não creio que ainda seja possível olhar os lazeres como uma negação do cotidiano. Admitimos que era preciso "estudar o tempo perdido". Mas vejamos a evolução dessa idéia de tempo perdido. Para o capitalismo clássico, o tempo perdido é aquele que é exterior à produção, à acumulação, à poupança. A moral leiga, ensinada nas escolas da burguesia, implantou essa regra de vida. Mas acontece que o capitalismo moderno, por uma manobra inesperada, precisa aumentar o consumo, "elevar o nível de vida" (não esquecer que essa expressão é inteiramente destituída de sentido). Como, ao mesmo tempo, as condições da produção, parcelar e cronometrada ao extremo, tornaram-se indefensáveis, a moral que já existe na publicidade, na propaganda e em todas as formas do espetáculo dominante admite, ao contrário, que o tempo perdido é o do trabalho, agora justificado apenas pelos vários graus do que se ganha e que permite comprar descanso, consumo, lazer — isto é, uma passividade cotidiana fabricada e controlada pelo capitalismo.

Agora, se considerarmos a facticidade dos imperativos do consumo criados e estimulados pela indústria moderna — se reconhecermos o vazio dos lazeres e a impossibilidade de descanso —, a pergunta pode ser for-





mulada de modo mais realista: o que não é tempo perdido? Ou seja: o desenvolvimento de uma sociedade da abundância deve chegar à abundância de quê?

Isto pode servir de critério para muita coisa. Quando, por exemplo, num dos jornais onde se exibe a inconsistência dos chamados intelectuais de esquerda — refiro-me a *France-Observateur* — vê-se um título que anuncia algo como “o carro de passeio ataca o socialismo”, diante de um artigo explicando que os russos já buscam individualmente, a exemplo dos americanos, um consumo particular dos bens e que começam naturalmente pelo carro, é o caso de se pensar que nem era necessário ter assimilado, depois de Hegel, toda a obra de Marx para perceber que um socialismo que se enfraquece porque o carro de passeio invadiu o mercado nada tem a ver com o socialismo pelo qual o movimento operário lutou. De modo que não é a um estágio da tática ou do dogmatismo dos dirigentes burocráticos da Rússia que nos devemos opor, mas à base, àquilo que faz com que a vida das pessoas não mude efetivamente de sentido. E não se trata da fatalidade obscura da vida cotidiana, condenada a permanecer reacionária. É uma fatalidade impos-

ta exteriormente à vida cotidiana, em todos os aspectos, pela esfera reacionária dos dirigentes especializados, seja qual for a etiqueta sob a qual eles planificam a miséria.

A atual despolitização de muitos ex-militantes de esquerda, o afastar-se de uma certa alienação para atirar-se noutra, a da vida privada, não tem tanto o sentido de um retorno à privatização como refúgio contra as “responsabilidades da historicidade”, mas o de um afastamento do setor político especializado, e sempre manipulado por outros; setor em que a única responsabilidade verdadeiramente assumida foi a de deixar todas as responsabilidades nas mãos de chefes sem controle; onde o projeto comunista foi enganado e desiludido. Assim como não se pode opor como um todo a vida privada à vida pública, sem perguntar: qual vida privada? qual vida pública? (porque a vida privada contém os fatores de sua negação e de sua superação tanto como a ação coletiva revolucionária pôde alimentar os fatores de sua degenerescência), também não se pode fazer o balanço de uma alienação dos indivíduos na política revolucionária por se tratar da alienação da própria política revolucionária. É justo considerar de modo dialético o problema da alienação, assinalar as possibilidades de alienação sempre renovadas na própria luta travada contra a alienação, mas convém enfatizar que tudo isso deve ser aplicado no mais alto nível da pesquisa (por exemplo, a filo-

sófia da alienação no seu todo), e não no nível do estalinismo, cuja explicação é infelizmente mais grosseira.

A civilização capitalista ainda não foi superada em nenhum lugar mas continua a produzir inimigos. A próxima tentativa do movimento revolucionário, radicalizado pelas lições dos anteriores fracassos, e cujo programa reivindicatório deverá enriquecer-se na proporção dos poderes práticos da sociedade moderna — poderes que desde já constituem virtualmente a base material que faltava às correntes chamadas utópicas do socialismo —, essa próxima tentativa de total contestação do capitalismo saberá inventar e propor um outro uso da vida cotidiana, e logo se apoiará em novas práticas cotidianas, em novos tipos de relações humanas (não ignorando que o que se conservar, no interior do movimento revolucionário, das relações dominantes na sociedade existente levará insensivelmente a reconstituir, com diversas variantes, essa mesma sociedade).

Assim como outrora a burguesia, em sua fase ascendente, teve de liquidar de modo impiedoso tudo o que ultrapassava a vida terrena (o Céu, a eternidade), assim também o proletariado revolucionário — que nunca poderá admitir, sem deixar de existir como tal, um passado ou modelos — terá de renunciar a tudo o que ultrapassa a vida cotidiana. Ou que pretende ultrapassá-la: o espetáculo, o gesto ou a palavra “históricos”, a “grandeza” dos dirigentes, o mistério

das especializações, a “imortalidade” da arte e sua importância exterior à vida. O que significa: renunciar a todos os subprodutos da eternidade que sobreviveram como armas no mundo dos dirigentes.

A revolução na vida cotidiana, quebrando sua atual resistência ao histórico (e a todo tipo de mudança), criará condições tais que *o presente consiga dominar o passado*, e que a parte da criatividade ganhe da repetitividade. É de se esperar que o lado da vida cotidiana expresso pelos conceitos da ambigüidade — malentendido, comprometimento, abuso — perca a importância, em proveito de seu oposto, a escolha consciente ou o desafio.

O atual questionamento artístico da linguagem, contemporâneo da metalinguagem das máquinas, que é a linguagem burocratizada da burocracia no poder, será então superado por formas superiores de comunicação. A presente noção de texto social



decifrável deverá chegar a novos processos de escrita desse texto social, na direção daquilo que buscam atualmente meus camaradas situacionistas com o urbanismo unitário e o esboço de um comportamento experimental. A produção central de um trabalho industrial inteiramente reconvertido provocará o arranjo de novas configurações da vida cotidiana, a criação livre de acontecimentos.

A crítica e a perpétua recriação de toda a vida cotidiana, antes de serem feitas naturalmente por todos os homens, devem ser empreendidas nas condições da presente opressão, a fim de derrubar essas condições.

Não é um movimento cultural de vanguarda, mesmo com pretensões revolucionárias, que pode realizar isso. Tampouco um partido revolucionário de modelo tradicional, mesmo que conceda atenção à crítica da

cultura (entendendo por esse termo o conjunto dos instrumentos artísticos ou conceptuais pelos quais uma sociedade explica a si mesma e se oferece objetivos de vida). Tal cultura como tal política estão desgastadas, e não é sem motivo que a maioria das pessoas perdeu o interesse por elas. A transformação revolucionária da vida cotidiana não está reservada a um vago futuro: apresenta-se a nós como urgente, diante do desenvolvimento do capitalismo e suas insuperáveis exigências; a alternativa seria o reforço da escravidão moderna. Essa transformação revolucionária marcará o fim de toda expressão artística unilateral, armazenada sob a forma de mercadoria, simultâneo ao fim de toda política especializada.

Será essa a primeira tarefa da organização revolucionária de um novo tipo.

Guy-Ernest Debord
IS nº 6, agosto de 1961

Esta palestra foi feita, por meio de um gravador, em 17 de maio de 1961, no Groupe de Recherches sur la vie quotidienne [grupo de pesquisa sobre a vida cotidiana] reunido por H. Lefebvre no Centre d'études sociologiques do CNRS.

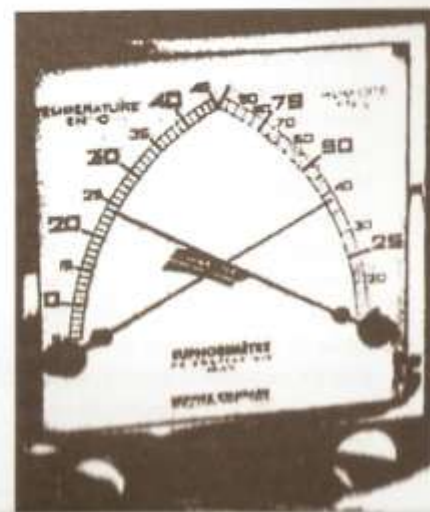
COMENTÁRIOS CONTRA O URBANISMO

O parecer de um especialista — Chombart de Lauwe — constata, após experiências precisas, que os programas propostos pelos planejadores urbanos criam em certos casos embaraços e revoltas que seriam evitáveis se houvesse um conhecimento mais profundo dos comportamentos reais, e sobretudo das motivações desses comportamentos.

Grandeza e servidão do urbanismo. Quando perscrutamos o planejador urbano com insistente desconfiança, o fizemos discretamente, em nome das boas maneiras. Não se trata de incriminar o veredicto popular. O povo já se pronunciara com a mesma incongruência: "jeitão de arquiteto!" sempre foi, na Bélgica, um xingamento explícito. Mas, já que hoje o referido especialista segue a opinião do vulgo e se põe a perscrutar o planejador, estamos salvos! Assim, o urbanista é oficialmente acusado de suscitar embaraço e revolta, a suscitá-los "quase" como um provocador primário. É preciso que os poderes públicos reajam rápido; é impensável que focos de revolta sejam mantidos abertamente por quem tem a missão de dissolvê-los. Há nisso um crime contra a paz social, que só um conselho de guerra pode resolver. Será que a justiça vai atacar um dos seus? A menos que o especialista seja, no fundo, um urbanista esperto.

Se o planejador não pode conhecer as motivações comportamentais daqueles a quem vai proporcionar moradia nas melhores condições de equilíbrio nervoso, mais vale integrar desde já o urbanismo no centro de pesquisas criminológicas (situar os provocadores e permitir que cada um fique tranqüilo na escala hierárquica); se ele pode, então a ciência da repressão criminal perde sua razão de ser e muda de razão social: o urbanismo basta para manter a ordem estabelecida sem recorrer à indelicadeza das metralhadoras. O homem assimilado ao concreto armado, que sonho ou que feliz pesadelo para os tecnocratas, tivessem eles de nisso perder o que lhes resta de Atividade Nervosa Superior, e permanecer sob o po-

Um euforímetro.



trução foi extirpado como um vício e sobrevive apenas nas crianças, nos primitivos (irresponsáveis, segundo a terminologia administrativa). E em todos os que, já que não podem mudar de vida, passam o tempo a demolir e a reconstruir seu barraco.

O urbanismo procura exercer a arte de tranquilizar sob sua forma mais pura: é a última cortesia de um poder que está prestes a assumir o total controle das mentes.

Deus e a Cidade: nenhuma força abstrata e inexistente conseguiria, mais que o urbanismo, reivindicar a sucessão de Deus para o cargo de porteiro, que ficou vago pela morte que se sabe. Com sua ubiqüidade, sua imensa bondade e, talvez um dia, seu poder soberano, o urbanismo (ou seu projeto) teria a possibilidade de assustar a Igreja, se houvesse a mínima dúvida quanto à ortodoxia do poder. Mas não é nada disso porque a Igreja era "urbanismo" bem antes do poder; que poderia ela temer de um santo Agostinho leigo?

Há algo de admirável em fazer coexistir na palavra "habitar" milhares de seres a quem foi retirada até a esperança do juízo final. Nesse sentido, o admirável coroa o desumano.

Industrializar a vida privada: "Faça de sua vida um negócio", será o novo *slogan*. Propor a cada um que organize seu meio vital como uma pequena fábrica que tem de ser gerida, como uma microempresa com seus substitutos de máquinas, sua produção de qualidade, seu capital

constituído de paredes e móveis, não será a melhor maneira de tornar perfeitamente compreensíveis as preocupações desses senhores que possuem uma fábrica, uma de verdade, das grandes, e que também deve produzir?

Uniformizar o horizonte: os muros e os recantos ajardinados conferem ao sonho e ao pensamento novos limites pois, afinal, é poetizar o deserto o fato de saber onde ele acaba.

As cidades novas chegarão a apagar as marcas das lutas que vão opor as cidades tradicionais aos homens que elas quiseram oprimir. Extirpar da memória de todos a verdade de que cada vida cotidiana tem a sua história e, no mito da participação, contestar o caráter irredutível do vivido — é nesses termos que os urbanistas expressariam os objetivos que perseguem, se consentissem em afastar por um instante a idéia de seriedade que obstrui seu pensamento. Quando a idéia de seriedade desaparece, o céu clareia, tudo se torna mais nítido, ou quase; assim, e os humoristas sabem disso, destruir o adversário a golpes de bombas de hidrogênio é condenar-se a morrer com maior sofrimento. Será necessário ironizar por muito tempo os urbanistas para que eles percebam, no atentado que premeditam, o esboço de seu suicídio?

Os cemitérios são as zonas verdes mais naturais que existem, as únicas que se integram harmoniosamente no âmbito das cidades futuras, como os últimos paraísos perdidos.

Os preços de custo devem deixar de ser um obstáculo para o desejo de construir, reivindica o construtor de esquerda. Que ele descanse em paz, assim será em breve, quando o desejo de construir tiver desaparecido.

Na França desenvolveram-se procedimentos que fazem da construção um jogo de armar (J.-E. Havel). Sob o aspecto mais favorável, um *self-service* não passa de um lugar onde a gente se serve, no sentido em que o garfo serve para comer.

Misturando o maquiavelismo com o concreto armado, o urbanismo tem a consciência tranqüila. Entramos no reino da delicadeza policial. Sujeitar com dignidade.

Construir com confiança: mesmo a realidade das fachadas envidraçadas não disfarça a comunicação fictícia, mesmo a ambiência dos lugares públicos denuncia o desespero e o isolamento das consciências privadas, mesmo o preenchimento febril do espaço se mede pelos tempos mortos.

Projeto para um urbanismo realista: substituir as escadas de Piranesi por elevadores, transformar os túmulos em edifícios, ladear os esgotos com plátanos, preparar viveiros nas latas de lixo, empilhar os casebres e construir todas as cidades em forma de museu; tirar partido de tudo, e até do nada.

A alienação ao alcance da mão: o urbanismo torna a alienação tangível. O proletariado faminto vivia a alienação como sofrimento de animais. Viveremos no sofrimento cego das

coisas. Sentir-se outro às apalpadelas.

Os urbanistas honestos e esclarecidos têm a coragem dos estilitas. Faremos de nossa vida um deserto para tornar legítimas suas aspirações?

Os guardiães da fé filosófica descobriram há uns vinte anos a existência da classe operária. Na época em que os sociólogos se põem de acordo para decretar que a classe operária já não existe, os urbanistas — sem esperar pelos filósofos nem pelos sociólogos — inventam o habitante. Temos de render-lhes a honra de terem sido os primeiros a discernir as novas dimensões do proletariado. Definição mais exata e menos abstrata por terem eles sabido, com métodos de adestramento mais flexíveis, levar quase toda a sociedade a uma proletarização menos brutal e mais radical.

Aviso aos construtores de ruínas: depois dos urbanistas virão os últimos trogloditas de favelas e cortiços. Esses saberão construir. Os privilegiados das cidades-dormitório só poderão destruir. Deve-se esperar muito desse encontro: ele define a revolução.

Ao se desvalorizar, o sagrado tornou-se mistério: o urbanismo é a última decadência do Grande Arquiteto.

Por trás da presunção tecnológica se dissimula uma verdade revelada e como tal indiscutível: é preciso "habitar". Quanto à natureza de tal verdade, o mendigo sabe bem do que se trata. Com certeza, melhor do que

ninguém, ele percebe — no meio das latas de lixo onde, pela proibição de habitar, está obrigado a viver — o quanto construir a vida e construir a morada se confundem no único plano da verdade que existe: na prática. Mas o exílio ao qual o condena nosso mundo policiado torna sua experiência tão irrisória e infeliz que o construtor patenteado encontraria ainda nisso um pretexto para se justificar — supondo-se, hipótese absurda, que o poder deixasse de caucionar sua existência.

Parece que a classe operária já não existe. Grandes contingentes de antigos proletários podem hoje aceder ao conforto que era antigamente reservado a uma minoria — já se conhece toda a lengalenga. Mas não será, ao contrário, uma quantidade crescente de conforto que acede a suas necessidades e lhes dá o prurido da demanda? De modo que uma certa or-

ganização do conforto, ao que parece, proletariza de forma epidêmica todos os que ela contamina pela força das coisas. Ora, a força das coisas se exerce por meio de dirigentes, sacerdotes de uma ordem abstrata cujos únicos privilégios se resumem mais cedo ou mais tarde em reinar sobre um centro administrativo cercado de guetos. O último homem vai morrer de tédio como a aranha morre de inanição no meio da teia.

É preciso construir depressa, há tanta gente sem moradia, dizem os humanistas do concreto armado. É preciso cavar trincheiras sem tardança para salvar a pátria, dizem os generais. Não é uma injustiça aplaudir os primeiros e ridicularizar os segundos? Na era dos misseis e do condicionamento, a brincadeira dos generais ainda é uma brincadeira de bom gosto. Mas construir trincheiras aéreas sob esse mesmo pretexto!...

Raoul Vaneigem
IS n° 6, agosto de 1961

SELEÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Textos publicados no Brasil

A primeira seleção e tradução de textos situacionistas no Brasil foi realizada por Carlos Roberto Monteiro de Andrade para o n° 4 da revista *Oculum* (PUC-Campinas, editada na época por Abílio Guerra) em 1993. Hoje já podemos contar com alguns livros traduzidos (em ordem cronológica):

- Debord, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Fundamental texto situacionista, de 1967, com tradução cuidadosa de Estela dos Santos Abreu.
- Jappe, Anselm. *Guy Debord*. Petrópolis: Vozes, 1999. Ensaio italiano de 1995 sobre Debord e o conceito de espetáculo. Jappe integra o coletivo da revista alemã *Krisis*.
- IS. *Situacionista, teoria e prática da revolução*. São Paulo: Conrad, 2002. Coletânea de textos situacionistas, época do Maio de 68 francês, entre eles o célebre *A miséria do meio estudantil*.
- Debord, Guy. *Panegírico*. São Paulo: Conrad, 2002. Texto tardio, autobiográfico, original de 1989.
- Vaneigem, Raoul. *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Conrad, 2002. Texto "clássico" situacionista, de 1967, tão importante quanto *A sociedade do espetáculo*.

Textos situacionistas originais, em periódicos (fontes para esta seleção)

- Les lèvres nues* números 1 a 10, 1954-1958.
- Potlatch* números 1 a 30, 1954-1959.
- Internationale Situationniste* números 1 a 12, 1958-1969.

Obras de Guy Debord (1931-1994)

- Vários artigos na revista *Internationale Lettriste* (1952-1954) reproduzidos em Gérard Berreby. *Documents relatifs à la fondation de l'Internationale Situationniste*. Paris: Allia, 1985.
- Vários artigos na revista *Potlatch* (1954-1959) reproduzidos em *Guy Debord présente Potlatch*. Paris: Éditions Gérard Lebovici, 1985.
- Vários artigos na revista *Les lèvres nues* (1955-1958) reproduzidos em *Les lèvres nues*. Paris: Plasma, 1978.
- Guide psychogéographique de Paris — Discours sur les passions de l'amour*. Copenhague: Le Bauhaus Imaginiste, 1957.
- The naked city, illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographie*, 1957, in *Asger Jorn. Pour la forme*. Paris: Internationale Situationniste, 1958.
- Fin de Copenhague*, com Asger Jorn. Copenhague: Bauhaus Imaginiste, 1957.
- Rapport sur la construction de situations*. Paris, 1957.
- Vários artigos na revista *Internationale Situationniste* (1958-1969) reproduzidos em *Internationale Situationniste*. Paris: Librairie Arthème-Fayard, 1997.
- Mémoires*, com Asger Jorn. Copenhague: Internationale Situationniste, 1959.
- La société du spectacle*. Buchet-Chastel, 1967 (númeras reedições e traduções em vários idiomas).

La véritable scission dans l'Internationale Situationniste, com Gianfranco Sanguinetti. Paris: Champ Libre, 1972.

Sur l'architecture sauvage, prefácio a Asger Jorn. *Le jardin d'Albisola*. Turim: Pozzi, 1974.

Oeuvres cinématographiques complètes. Paris: Champ Libre, 1978.

Preface à la quatrième édition italienne de La société du spectacle. Paris: Champ Libre, 1979.

Considérations sur l'assassinat de Gérard Lebovici. Paris: Éditions Gérard Lebovici, 1985.

Le jeu de guerre, com Alice Becker-Ho. Paris: Éditions Gérard Lebovici, 1987.

Commentaires sur la société du spectacle. Paris: Éditions Gérard Lebovici, 1988.

Panegyrique. Paris: Éditions Gérard Lebovici, 1989.

In girum imus nocte et consumimur igni. Paris: Éditions Gérard Lebovici, 1990.

Prefácio a La société du spectacle. Paris: Gallimard, 1992.

Prefácio a Considérations sur l'assassinat de Gérard Lebovici. Paris: Gallimard, 1993.

Cette mauvaise réputation... Paris: Gallimard, 1993.

Prefácio a Mémoires. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

Correspondances. Paris: Fayard, 2001.

Filmes de Guy Debord

1952 - *Hurléments en faveur de Sade*.

1959 - *Sur le passage de quelques personnes à travers une assez courte unité de temps* (Dansk-fransk experimentalfilmskompagni).

1961 - *Critique de la séparation* (Dansk-fransk experimentalfilmskompagni).

1973 - *La société du spectacle* (Simar films).

1975 - *Réfutation de tous les jugements, tant élogieux qu'hostiles, qui ont été jusqu'ici portés sur le film La société du spectacle* (Simar films).

1978 - *In girum imus nocte et consumimur igni* (Simar films).

1994 - *Guy Debord, son art et son temps* (Documentário realizado por Brigitte Cornard com o consentimento de Debord) (Canal+).

ESTA OBRA FOI PRODUZIDA NO RIO DE JANEIRO, NO VERÃO DE 2003, PELA CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL. A COMPOSIÇÃO EMPREGOU AS TIPOLOGIAS DIN MITTELHEIFT E CHIAPPAGALL. O PAPEL UTILIZADO PARA MEIO É OFFSET 90 g/m² e, PARA CAPA, CARTÃO SUPREMO 250 g/m².

Impressão e Acabamento:
Gráfica e Editora Alameda MA

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

situação em
Momento da
beradamente
nização de
unitária e de
cimentos.

situacionista
O que se refe
dade prática
situações. In
construir sit
Internaciona

psicogeografia
Estudo dos es
geográfico, c
jado ou não,
sobre o comp
indivíduos.

deriva
Modo de com
mental ligada
sociedade ur
passagem rá
variadas. Dis
ticularmente
duração de u
dessa experi

urbanismo ur
Teoria do em
artes e técn
para a const
ambiente em
experiências

A construção de situações começa após o desmoronamento moderno da noção de espetáculo. É fácil ver a que ponto está ligado à alienação do velho mundo o princípio característico do espetáculo: a não-participação. A situação é feita de modo a ser vivida por seus construtores. O papel do "público", senão passivo pelo menos de mero figurante, deve ir diminuindo, enquanto aumenta o número dos que já não serão chamados atores mas, num sentido novo do termo, vivenciadores.

Guy Debord, 1957

A idéia de padronização é um esforço para reduzir e simplificar, de modo mais eqüitativo, o maior número de necessidades humanas. Compete-nos fazer com que a padronização abra domínios de experiência mais interessantes que os que ela fecha. Conforme o resultado, pode-se chegar ao total embrutecimento da vida humana ou à descoberta permanente de novos desejos. Mas, no contexto opressivo do mundo atual, esses novos desejos não se manifestarão espontaneamente. É indispensável uma ação comum para os detectar, manifestar e realizar.

Asger Jorn, 1958

A crise do urbanismo se agrava. A construção de bairros, antigos e modernos, está em evidente desacordo com os modos de comportamento estabelecidos e, mais ainda, com os novos modos de vida que buscamos. O resultado é a ambiência morna e estéril que nos cerca. Diante da necessidade de construir rapidamente cidades inteiras, erguem-se cemitérios de concreto armado onde grande parte da população está condenada a levar uma vida muito enfadonha. Ora, para que servem as incríveis invenções técnicas do mundo atual se faltam condições para delas tirar proveito, se não conduzem ao lazer, se há carência de imaginação?

Constant, 1959

Se o planejador não pode conhecer as motivações comportamentais daqueles a quem vai proporcionar moradia nas melhores condições de equilíbrio nervoso, mais vale integrar desde já o urbanismo no centro de pesquisas. Se os nazistas tivessem conhecido os urbanistas contemporâneos, teriam transformado os campos de concentração em conjuntos habitacionais.

Raoul Vaneigem, 1961

